CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

NARRATIVAS ESCREVIVENTES: POSSIBILIDADES DE COSMOAMEFRICANIZAR CUIDADOS NA PSICOLOGIA CLÍNICA

Thaís da Silva Lourenço

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestra em Relações Étnico-Raciais.

Orientadora: Maria de Fátima Lima Santos

Rio de Janeiro
Setembro de 2024

NARRATIVAS ESCREVIVENTES: POSSIBILIDADES DE COSMOAMEFRICANIZAR CUIDADOS NA PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestra em Relações Étnico-Raciais.

Thaís da Silva Lourenço

Banca Examinadora:

_____

Presidente, Professora Dra. Maria de Fátima Lima Santos
(UFRJ e CEFET/RJ – Orientadora)

_____

Professora Dra. Luciana de Mesquita Silva (CEFET/RJ – Examinadora Interna)

_____

Professora Dra. Luiza Rodrigues de Oliveira (UFF – Examinadora Externa)

_____

Professor Dr. Maicon Barbosa Silva (UFF – Examinador Externo)

SUPLENTES

_____

Professora Dra. Talita de Oliveira (CEFET/RJ – Suplente Interna)

_____

Professor Dr. Gustavo Rebelo Coelho de Oliveira (UERJ – Suplente Externo)

Rio de Janeiro
Setembro de 2024

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

L892 Lourenço, Thaís da Silva
Narrativas escreviventes: possibilidades de cosmoamefricanizar cuidados na psicologia clínica / Thaís da Silva Lourenço. — 2024.
136f. : il. color. , enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2024.
Bibliografia : f. 131-136
Orientador: Maria de Fátima Lima Santos

1. Relações étnicorraciais. 2. Psicologia clínica. 3. Negras. 4. Literatura. I. Santos, Maria de Fátima Lima. (Orient.). II. Título.

CDD 305.8

Elaborada pela bibliotecária Tania Mello – CRB/7 nº 5507/04

DEDICATÓRIA

A Hedilamar, minha amada mãe, por me mostrar que a ancestralidade é viva e produz futuridade. Por sua coragem em apostar na educação como o nosso caminho para a liberdade.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é imensa e intensa...

À ancestralidade, especialmente a todas as mulheres que miraram no futuro, deram base para que fosse possível quebrar as correntes físicas e mentais, bem como estilhaçar as máscaras do silenciamento. É por consequência desse legado que hoje estou aqui, exercendo o meu direito de escolher, estar, transitar e não me calar frente às injustiças que são inconcebíveis de pactuar.

Aos meus pais, Hedilamar e Gilberto, por resistirem as barreiras do racismo e tentarem fazer o seu melhor para a minha criação.

Ao meu amor, William Ramos, pelo apoio, admiração, paciência e tantos temperos mais, além de me mostrar que o amor é uma possibilidade real de viver.

Ao meu psicólogo, Jorge Gomes, pela ética, respeito e cuidado com as minhas histórias, por me ajudar a reconhecer quem eu realmente sou, por me amparar nos movimentos que faço na Psicologia e por acender as luzes do meu caminho na vida.

Às amizades, que fui tecendo ao longo desta caminhada, por me aceitarem e amarem minhas múltiplas formas de ser... Fofa, inquieta, brava, e acima de tudo, desejante. Um destaque para Larissa Ferreira, por ter me acompanhando em todo o processo de realização desta pesquisa e por sempre me fazer lembrar da minha humanidade. A Maria Angélica Nazaré, por todo tempo e amorosidade partilhada. E ao Gabriel Basilio, por apostarmos um no outro.

Às professoras e intelectuais que me ensinaram e ensinam a transgredir. Aqui, em especial, ao professor Maicon Barbosa, por estar ao meu lado e ter me acolhido em momentos cruciais em que o terreno da Psicologia se mostrou hostil. À professora Cecília Izidoro, por ter sentido que a minha escrita e dedicação aos estudos poderiam ir mais longe. À minha orientadora Fátima Lima, por suas pontuações assertivas e orientações valiosas.

À todas as pessoas que passaram e às que estão comigo na Clínica, confiando no trabalho que realizo e por impulsionarem o meu desejo e amor pelo saber.

Às movimentações antirracistas ANPSINEP; CEEV/CRPRJ; CEPRER/CRPRJ e ORI - Grupo de pesquisa em raça, gênero e sexualidade, pela luta coletiva.

Ao meu queridinho PPRER, esse grande quilombo, que me proporcionou muitos horizontes, encontros e parcerias potentes, onde transformamos o elevador em um templo e as aulas em experiências profundamente nutritivas.

À Comissão de Bolsas do CEFET-RJ, que foi fundamental para a realização desta pesquisa.

EPÍGRAFE

“Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades.”

(Neusa Santos Souza)

RESUMO

Narrativas escreviventes: possibilidades de cosmoamefricanizar cuidados na psicologia clínica

A presente pesquisa parte do desejo em contribuir para o desenvolvimento de práticas em Psicologia que se alinhem ao contexto brasileiro, incorporando perspectivas epistemológicas e metodológicas *cosmoamefricanas*, inspiradas em Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí e Lélia Gonzalez. Diante do entendimento de que as subjetividades e as identidades são construídas em relação e pela ordem simbólica e imaginária, escolhi encruzilhar saberes costurados entre as Relações Étnico-Raciais, Literatura e Psicologia. A partir dos rastros e vestígios do pensamento que precisa de cuidado, que também são encontrados nas experiências do em comum, de mulheres negras, escolhi a *interseccionalidade*, apresentada Kimberlé Crenshaw para interseccionar racismo, sexismo, entre outros marcadores sociais e dinâmicos, que transformaram a diferença em desigualdade. Para ampliar as possibilidades de cuidado psicoterapêutico, ficcionei a ficção no exercício de *escrevivência* como aprendi com Conceição Evaristo e em diálogo com a noção de *confluência* do Mestre Nego Bispo. Analisei os três contos "Maria do Rosário Imaculada dos Santos," "Rose Dusreis" e "Regina Anastácia" da obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, produzida por Conceição Evaristo. A partir de uma perspectiva ficcional, assumi a dimensão de uma prática psicológica e de cuidado com as personagens pelas perspectivas cosmoamefricanas, considerando a *interseccionalidade* e singularidades de cada uma, como se elas estivessem realizando atendimento na Psicologia Clínica. A pesquisa deu ênfase a potência da insubmissão de mulheres negras falarem em seu próprio nome. Destacou a importância da dimensão psicanalítica do recordar, repetir e elaborar como possibilidade de resistir e reexistir ao *racismo patriarcal*, indicado por Jurema Werneck, e enfatizou a reivindicação dos próprios direitos como uma ação fundamental para transformação subjetiva e coletiva. Apontou a necessidade de integrar essas perspectivas no ensino e nas práticas psicológicas aos estudos racializados e *genderizados*, como salientou Grada Kilomba. Além disso, alertou quanto a impossível neutralidade nos atendimentos clínicos e ao cuidado por parte da profissional de Psicologia para que a identificação com as categorias sociais não prejudique o processo terapêutico e a eficácia do atendimento. O estudo também sinaliza que a Psicologia nos tempos atuais, tem como desafio compreender as dinâmicas sociais na construção de subjetividades, sem comprometer a autonomia de cada pessoa.

Palavra-chave: Escrevivência; Literatura; Psicologia Clínica; Mulheres Negras; Relações Étnico-Raciais

ABSTRACT

Escreviventes narratives: possibilities of cosmo-africanizing care in clinical psychology

This research is based on the desire to contribute to the development of practices in Psychology that are aligned with the Brazilian context, incorporating Cosmo-African epistemological and methodological perspectives, inspired by Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí and Lélia Gonzalez. Given the understanding that subjectivities and identities are constructed in relation and through the symbolic and imaginary order, I chose to crossroads knowledge sewn between Ethnic-Racial Relations, Literature and Psychology. From the traces and traces of thought that needs care, which are also found in the common experiences of black women, I chose intersectionality, presented by Kimberlé Crenshaw to intersect racism, sexism, among other social and dynamic markers, which transformed the difference in inequality. To expand the possibilities of psychotherapeutic care, I fictionalized the fiction in the exercise of writing as I learned with Conceição Evaristo and in dialogue with Master Nego Bispo's notion of confluence. I analyzed the three short stories "Maria do Rosário Imaculada dos Santos," "Rose Dusreis" and "Regina Anastácia" from the work Insubmissas Lágrimas de Mulheres, produced by Conceição Evaristo. From a fictional perspective, I assumed the dimension of a psychological practice and care for the characters from cosmoamerican perspectives, considering the intersectionality and singularities of each one, as if they were providing services in Clinical Psychology. The research emphasized the power of black women's insubordination to speak on their own behalf. He highlighted the importance of the psychoanalytic dimension of remembering, repeating and elaborating as a possibility of resisting and re-existing patriarchal racism, indicated by Jurema Werneck, and emphasized the claim for one's own rights as a fundamental action for subjective and collective transformation. He pointed out the need to integrate these perspectives in teaching and psychological practices with racialized and gendered studies, as highlighted by Grada Kilomba. Furthermore, he warned about the impossible neutrality in clinical care and care on the part of the Psychology professional so that identification with social categories does not harm the therapeutic process and the effectiveness of care. The study also indicates that Psychology in current times faces the challenge of understanding social dynamics in the construction of subjectivities, without compromising each person's autonomy.

Keywords: Escrevivência; Literature; Clinical Psychology; Black Women; Ethnnic and Racial Relations

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALERJ – Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro

ANPSINEP – Articulação Nacional de Psicólogas(os) Negras(os) e Pesquisadoras(es)

CEERT – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades

CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica

CEPRER – Comissão Especial de Psicologia e Relações Étnico-Raciais

CEEV – Comissão Especial de Eventos

CRDH – Comissão Regional de Direitos Humanos

CRPRJ – Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro

CFP – Conselho Federal de Psicologia

FAETEC – Fundação de Apoio à Escola Técnica

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz

ONU – Organização das Nações Unidas

PPGECC – Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias

PROPED – Programa de Pós-Graduação em Educação

PPRER – Programa da Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNISUAM – Universidade Augusto Motta

SUMÁRIO

Introdução **11**
Definindo os objetivos **21**
Objetivo geral 21
Objetivos específicos 21
Encontrando o campo e formulando perspectivas metodológicas 21
Como *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* se tornou o meu campo de pesquisa? 22
Metodologias insubmissas: cosmoafricanizar, confluir e escreviver no tempo espiralar 36
Seleção e método de análise dos contos 41
Encontro-análise de casos em contos literários **44**
1. *Eu não vou sucumbir* – trauma, processos psíquicos e emancipação **45**
1.1 Maria do Rosário Imaculada dos Santos 45
1.1.1 Cena 1 – O nome: entre dominar e se emancipar 51
1.1.2 Cena 2 – O sequestro: a marca do trauma e os processos psíquicos de elaboração 53
2. *Apesar de você, amanhã há de ser outro dia* – aprendendo a transgredir para sonhar e realizar **57**
2.1 Rose Dusreis 57
2.2.1 Cena 1 – Aprendendo a transgredir através de uma educação libertária 65
2.2.2 Cena 2 – Raça, gênero e classe na cultura brasileira: a mulher negra como força transgressora 71
3. *Quando um certo alguém cruzou o meu caminho* – insubmissão e rupturas coloniais **75**
3.1 Regina Anastácia 75
3.1.1 Cena 1 – Construindo autonomia em tempos contracoloniais 94
3.1.2 Cena 2 – Amar como enfrentamento às forças de dominação 98
4. Relações étnico-raciais, literatura e psicologia: uma confluência epistemológica **103**
Considerações para uma luta que está longe do fim **121**
Referências **131**

Introdução

> Gostaria de chamar os perigos de “obstáculos”, mas isto seria uma mentira. Não podemos transcender os perigos, não podemos ultrapassá-los. Nós devemos atravessá-los e não esperar a repetição da performance.
>
> Gloria Anzaldúa (1980/2000, p. 229)

Por vezes me pego pensando em como é difícil sustentar meu corpo dentro de posições que não foram feitas para eu estar, e me questiono: Por que continuo insistindo? Quais guerras ainda tenho que enfrentar para seguir fazendo o que me dá prazer, e por outro lado também me desperta tanta raiva?

Foi com muita psicoterapia, em diversas conversas coletivas e também em conjunto com intelectuais negras[1] que aprendi a fazer usos da minha raiva. Em seu texto *Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo*, a poeta estadunidense Audre Lorde (1981/2019), de forma brilhante, nos explica que o medo da raiva não vai nos ensinar nada, tampouco a culpa e a postura defensiva, que funcionam como uma parede que bloqueia o nosso futuro.

> Mulheres que reagem ao racismo são mulheres que reagem à raiva; a raiva da exclusão, do privilégio que não é questionado, as distorções raciais, do silêncio, dos maus-tratos, dos estereótipos, da postura defensiva, do mau julgamento, da traição e da cooptação (Lorde, 1981/2019, p. 157)

Estudar, pesquisar, analisar, escrever... Escrever. Verbos que compõem as múltiplas formas que escolhi para colocar em ação ao viver e reagir à violência que todo dia é esfregada na nossa cara, tanto nos seus modos simbólicos, quanto concretos. Por mais que se tente ignorar a violência, seja enfrentando-a ou negando-a, é uma missão vã sair ilesa. Escrever neste caso, não se trata de uma catarse, mas do

---

[1] Ao longo do texto irei utilizar a categoria negra e preta, na compreensão de que a categoria negra engloba pessoas pretas e pardas, mas sinalizo que as pessoas pardas não são exclusivamente negras, pois elas também podem ser indígenas, a título de exemplo. A autodeclaração e políticas das identidades, são um debate amplo e profundo que não vou adentrar nesta dissertação, contudo, é importante ao menos mencionar, devido ao momento histórico e político que estamos vivenciando com consideráveis avanços e retrocessos no debate étnico-racial. Para fazer minha autodeclaração, me determino como uma mulher preta, cisgênero e heterossexual, sendo também importante referenciar o lugar onde vivo, falo e me articulo como psicóloga, pesquisadora e militante no território brasileiro: Sou moradora no subúrbio carioca, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Ver: OSORIO, Rafael Guerreiro. **O sistema classificatório de “cor ou raça” do IBGE**. Texto para discussão n° 996. Brasília: IPEA, 2003. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0996.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2023; TV Tamuya. **DIA 1 - O Truque Colonial que Produz, o Pardo, o Mestiço e outras categorias de Pobreza**. YouTube [2021]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dvijNR9Nbgo>. Acesso em: 08 jan. 2024.

entendimento que as produções acadêmicas são instrumentos políticos e que em alguma medida validam ou desqualificam o que está dentro e fora deste meio, uma vez que já é sabido que nenhuma Ciência é neutra e seu poder ficou por longos anos concretados exclusivamente no domínio colonial (Kilomba, 2019).

Quando reflito sobre sustentar meu corpo dentro de posições que não foram feitas para eu estar, é justamente devido à marcação social que durante séculos colocou os corpos negros e femininos[2] no lugar[3] da exploração, de produção e do cuidado direcionado aos brancos, situação chamada pela historiadora e filósofa mineira Lélia Gonzalez (1980/2018) de duplo fenômeno: racismo e sexismo. Vicissitudes que Lélia Gonzalez (1980/2018) toma de forma crítica, nos estudos da Psicanálise, para denunciar as violências deste sistema colonial também trabalhados pela cientista política nigeriana Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí (2021).

Sistema calcado principalmente na ordem econômica, advindo de um projeto multifacetado de dominação europeia, que envolveu europeus dos mais diversos segmentos sociais, entre missionários, comerciantes e funcionários do Estado colonial, baseado na distinção hierárquica do corpo empregando à raça e o gênero. Sistema este que foi instituído por mais de trezentos anos e que perdura ainda em nosso cotidiano (Oyěwùmí, 2021; Kilomba, 2019).

Junto a classificação dos corpos como parte do sistema colonial a narrativa discursiva emprega sentidos e posições, como mencionei, à corpos negros e femininos que não foram, e em alguma medida ainda não são considerados pessoas. São corpos subjugados como sendo não pensantes, não sensíveis, indignos de afeição.

Ao encontro com essa problemática, Lélia Gonzalez (1980/2018) vai nos dizer que “o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos

---

[2] Optei pelo uso do gênero feminino para realçar minha posição política e por considerar que a maioria das profissionais da Psicologia Brasileira se autodeclaram sendo do gênero feminino. Gesto que também é uma forma de honrar as diversas mulheres, independentemente de possuírem vagina ou não, que abriram caminhos e persistem em fazer dessa sociedade um lugar melhor para todas as pessoas viverem. Acessar: Conselho Federal de Psicologia. **A Psicologia brasileira apresentada em números. Somos um total de 439.559 psicólogas (os) [2023].** Disponível em: <http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>. Acesso em: 15 ago. 2023.

[3] “Lugar”: aqui compreendido como sendo “um mundo de significado organizado” (Tuan, 1983, p. 198) e nele tecemos relações afetivas, sensações e reconhecimento, não sendo apenas no lugar de marcação física, mas também subjetiva. Abracei essa conceituação de lugar fornecida pelo geógrafo chinês Yi-Fu Tuan (1983), ao ter tomado conhecimento nos estudos propostos na disciplina *Espaço, cultura e relações étnico-raciais*, ministrada no mestrado pelo geografo e professor Patrício Sousa. Acessar: TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: DIFEL, 1983. Tradução de Lívia de Oliveira.

violentos sobre a mulher negra em particular" (Gonzalez, 1980/2018, p. 191). Constatações que justificam a minha dificuldade, em momentos anteriores, de me sentir pertencente na atuação como psicóloga e como pesquisadora.

A historiadora sergipana Maria Beatriz Nascimento (1976/2018) afirma que o critério racial é um dos mecanismos de seleção para colocar pessoas negras nos lugares mais baixos da hierarquia social e o efeito continuado da discriminação praticada pelo branco, faz com que pessoas negras internalizem os lugares de inferioridade que lhes são estabelecidos. Ao ser configurada a instância de poder centralizada no branco, para fazer a manutenção de privilégios e desigualdades no campo intelectual, científico, literário, poético, e demais lugares que nos percebem pela ótica da escravização, é verificada uma internalização apoiada na representação que fazem de nós, através no tratamento que recebemos.

Se tratando de nós, mulheres negras, não aceitar que nosso lugar só pode estar vinculado às noções de "mulata, doméstica e mãe preta" (Gonzalez, 1980/2018, p. 191) é uma afronta à ordem de dominação, de herança escravocrata, que vê nossos corpos como exploráveis sexualmente, domesticáveis e de uma prestação de cuidado escravizado. Corpos tidos como ocos, mas que fizeram e fazem ressoar a vitalidade de alguém, que independente das situações degradantes, carregava e carrega em sua memória ancestral, um futuro que poderia ser digno aos que chegariam e aos que ainda vão chegar.

Falar de memória ancestral é compreender que essa memória está presente no corpo, no que podemos considerar como "o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção" (Gonzalez, 1980/2018, p. 194). Resquícios da consciência propagada pelo discurso dominante que se impõe como verdade na cultura e oculta a memória, que por sua vez, encontra modos de revelar-se diante de uma consciência embranquecida que tenta recalcar a nossa história (Gonzalez, 1980/2018).

Voltando a Audre Lorde (1981/2019), que foi precisa ao dizer que toda mulher tem um arsenal de raiva bem abastecido, que ao ser usado contra as opressões pessoais e institucionais sofridas, pode ser uma fonte poderosa de energia à serviço do progresso e da mudança concreta, se bem articulado. Como ser livre se outras pessoas permanecem acorrentadas? Nossa ação é justamente contra o ódio virulento diante das opressões que não atingem apenas corpos parecidos com os nossos, mas todos aqueles que fogem à regra normativa branca-cis-hetero-rica.

Minha raiva hoje é direcionada nesse sentido, na ciência de que um dia ela quase me destruiu, porque a culpa que sentia era "outra forma de objetificação"

(Lorde, 1981/2019, p. 168) e sobrepujava a voracidade da violência racista e patriarcal.

Ressoar, enfrentar e atravessar os perigos tem me possibilitado romper com o que estava predeterminado ao meu corpo, e honrar os caminhos abertos por quem me antecedeu. Louvar aos meus pais, Hedilamar de Fátima da Silva e Gilberto Lourenço, que me garantiram o direito de desejar, sonhar e escolher o lugar que eu quero estar. Não mais à senzala como destino, atualizada no quartinho da empregada.

A intelectual chicana Gloria Anzaldúa (1980/2000) questiona os motivos que a levaram a escrever, e responde: “Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta” (Anzaldúa, 1980/2000, p. 232). Para mim, escrever e realizar esta pesquisa é, portanto, mais uma forma de relembrar os motivos que me fazem insistir no prazer e no desafio de estar no lugar de psicóloga, pesquisadora e militante, na insubmissão e indo contra as representações coloniais.

Representações coloniais, que têm em seus princípios ocidentais, arraigados na visão e na dualidade, que marcam o corpo como instância apartada da mente, e já me fizeram duvidar da minha atuação como intelectual, no exercício da minha profissão. Profissão que exige atenção de todos os sentidos, muitas sensibilidades e concentração para estar presente com pessoas negras e suas histórias, que me tocam direta e profundamente, pelo meu corpo e subjetividade de uma mulher negra.

Mais uma vez trago a intelectual Maria Beatriz Nascimento (1974/2018) ao ressaltar, que:

> devemos fazer a nossa história, buscando nós mesmos, jogando nosso inconsciente, nossas frustrações, nossos complexos, estudando-os, não os negando. Só assim poderemos nos entender e nos fazermos aceitar como somos, antes de mais nada pretos, brasileiros, sem sermos confundidos com os americanos ou africanos, pois nossa história é outra, como é outra nossa problemática (Nascimento, 1974/2018, p. 48).

Atravessar os perigos e não paralisar diante do medo, é também conhecer, reconhecer e me apropriar da minha história, para assim facilitar as histórias que chegam a mim e a partir delas fornecer o devido cuidado, afirmando o compromisso pessoal e profissional que assumi com o bem viver[4], marcado com o meu posicionamento ético-político-afetivo com estudos e atuações críticas, situadas no

[4] Bem viver é uma prática abraçada pelo movimento de mulheres negras e provêm de uma prática ancestral referenciada por uma constelação de povos indígenas que viviam na Cordilheira dos Andes, entre eles os povos Quechua e Aymara. Suas percepções de mundo estão em comum com a natureza, no modo de estar na Terra e se relacionar com ela. Equalizando essa relação como uma dança cósmica, em que não se separa humano e natureza. Constituindo-se pela vida das pessoas e demais seres que compartilham o mesmo ar, que estão dentro da biosfera planetária (Krenak, 2020). Acessar: KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do bem viver**. Rio de Janeiro: Cultura do Bem Viver, 2020.

contexto *amefricano*, como me inspira Lélia Gonzalez (1988a/2018). Soma-se ao que tenho como horizonte os ensinamentos do psicólogo espanhol, naturalizado salvadorenho, Ignácio Martín-Baró (1996), a respeito do papel da profissional de Psicologia, que “deve ser definido em funções das circunstâncias concretas da população a que deve atender” (Martín-Baró, 1996, p. 7).

Neste ponto vale expressar o contexto *amefricano* que Lélia Gonzalez (1988a/2018) nos apresenta. A intelectual, com sua perspicácia, debruçada em profundas pesquisas, sacou que a formação histórico-cultural do Brasil não poderia ser afirmada apenas em termos geográficos, mas principalmente, pela ordem do inconsciente, e que estes não são constituídos exclusivamente por uma matriz europeia, branca. Nos recordando a autora que pessoas indígenas já habitavam este continente e pessoas negras vieram sequestradas do continente africano.

Com sua sagacidade, Lélia Gonzalez (1988a/2018) destacou que este continente é uma América Africana, e, portanto, uma Améfrica Ladina, uma vez que com a latinidade inexistente, teve trocado pelos colonizadores o “t” pelo “d”. Fato que ajuda a explicar o racismo como sintoma de uma neurose cultural brasileira diante dos conflitos e distorções ao negá-lo, sendo o racismo brasileiro constituído por denegação e difundido pelo mito da democracia racial (Gonzalez, 1988a/2018).

Frente a problemática da formação do Estado brasileiro, com uma Clínica que atende uma grande maioria de pessoas negras, em que de pronto, no primeiro contato, reportam o racismo como uma barreira existencial, cabe a mim prosseguir com estudos e pesquisas que versam sobre promover saúde emocional com qualidade a estas pessoas. Me manter atualizada, facilita a conscientização e amplia minhas perspectivas teóricas e práticas, ao acompanhá-las nas suas trajetórias, para que possam transformar suas histórias e percepções em direção à libertação (Martín-Baró, 1996), sem que o peso do olhar e do mundo branco as encolha e as aprisione, como nos instrui o psiquiatra martinicano Frantz Fanon (2020).

Essas percepções libertárias, podem se aproximar da perspectiva iorubá, apresentada por Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí (2021) ao nos fornecer o conceito de *cosmopercepção*. Um termo mais inclusivo, que abraça diferentes culturas e evidencia outros sentidos para além da valorização ocidental da visão, ampliando a dimensão sensorial e cognitiva ao perceber o mundo. Mesmo porque, se a escuta é uma das principais ferramentas da Psicologia, na perspectiva iorubá, nesta combinação de sentidos, “o que se ouve pode ser a sugestão mais importante” (Oyěwùmí, 2021, p. 44).

Dito isto, o interesse pela realização desta pesquisa surge da necessidade em contribuir para a expansão de práticas de cuidado na Psicologia Clínica, no que diz

respeito aos manejos dos processos de violências contra mulheres, sobretudo negras, bem como evidenciar perspectivas epistemológicas e metodológicas *cosmoamefricanas*[5] na análise de efeitos coloniais frente às categorias de raça, gênero, sexualidade e classe.

Perspectivas, abordagens e técnicas instrumentalizadas não apenas na Psicologia, mas também nos estudos contracoloniais na diáspora negra, em especial para pensar e direcionar ao contexto brasileiro. Neste caso, aderindo à perspectiva difundida pelo mestre, lavrador de palavras piauiense Antonio Bispo dos Santos (2015), mais conhecido como Nêgo Bispo, compreende-se "por contra colonização todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios" (Santos, 2015, p. 48).

A importância de contracolonizar é necessária, pelo fato de estarmos em uma sociedade hierarquizada de forma violenta, em que temos como causa e resultado o sofrimento e adoecimento da população que se encontra dissidente ao padrão hegemônico.

Diante do adoecimento e cuidado da população negra, que ainda são negligenciados no ensino e práticas em Psicologia, tomo como premissa que sou procurada especificamente pela minha identidade racial e de gênero, principalmente por pessoas negras, em maioria mulheres negras, que relatam sua preferência por uma profissional mulher e negra como estratégia crucial para a diminuição do sofrimento e busca por empatia.

Perante o exposto, preciso redobrar minha atenção quanto a não me entrelaçar e perder o foco do meu papel de psicóloga, frente a casos que me tocam diretamente, devido a essa estrutura categorizada, que por vezes, nos aprisiona em "caixinha". Partindo do princípio que as categorias de raça e gênero surgem como demandas da própria colonização.

A exemplo disso, Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí (2021) nos diz que "a criação de 'mulheres' como categoria foi uma das primeiras realizações do Estado colonial" (Oyěwùmí, 2021, p. 189) e a médica carioca Jurema Werneck (2010) problematiza que fora dos arranjos coloniais:

---

[5] Escolhi fazer aqui, uma sintetização dos conceitos elaborados por Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí (2021) e Lélia Gonzalez (1988a/2018) ao respectivamente viabilizarem o conceito de "cosmopercepção" e a categoria "amefricanidade", que me debrucei no curso de especialização em *Direitos humanos, saúde e racismo: a questão negra*, na Fiocruz em 2022. A articulação entre os conceitos me auxilia a dar contorno aos atendimentos que venho realizando, sendo uma das formas para direcionar e ampliar minhas percepções no fazer clínico.

> as mulheres negras não existem. Ou, falando de outra forma: as mulheres negras, como sujeitos identitários e políticos, são resultado de uma articulação de heterogeneidades, resultante de demandas históricas, políticas, culturais, de enfrentamento das condições adversas estabelecidas pela dominação ocidental eurocêntrica ao longo dos séculos de escravidão, expropriação colonial e da modernidade racializada e racista em que vivemos (Werneck, 2010, p. 10).

Ao reconhecer tamanha adversidade e complexidade, que há no emaranhamento entre as categorias de raça e gênero e o meu papel de psicóloga, pego mais um ensinamento de Nêgo Bispo (2015) e afirmo que é necessário "confluir"[6] e não me entrelaçar, pois há situações que podem se enganchar de tal forma, que ao virarem um nó, manifestam o risco de não saber o que é meu, o que é da outra pessoa e o que é nosso, e assim atrapalhar o processo de cuidado.

Levo em conta que a violência racista e patriarcal é o próprio nó que circula entre nós. Tudo isso implica na relevância do cuidado que preciso ter comigo, no meu processo psicoterapêutico, na supervisão Clínica dos casos que atendo e saber manejar os processos transferenciais e contratransferenciais. Motivo que enfatizo: o lugar da Clínica necessita de delicadeza, e mesmo que eu seja impactada, o prisma que deve ser considerado é o que chega até mim e não o que parte de mim.

É fundamental para uma profissional de Psicologia, independente do campo de atuação, que compreenda os aspectos sociais que tange racialidades, identidades de gêneros, orientações sexuais, religiosidades, idade, classes econômicas, entre outras categorias que ora nos generalizam e ora nos singularizam, compondo nossa formação subjetiva e intersubjetiva. Assim como, dar passos atrás para assumir a ignorância de quem não sabe o que é determinado fato, porque não vai sentir na pele, mas se dispõe a estar ao lado para oferecer acolhimento.

Nos atendimentos que realizo, frequentemente escuto relatos a respeito do sentimento de pertencimento, e sensação de segurança, neste lugar da Clínica

---

[6] Aprendendo com o Mestre Nêgo Bispo (2015), "confluência" é um conceito propagado por ele e consiste na convivência relacional entre os elementos da natureza. "Nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual" (Santos, 2015, p. 89), afirma o mestre. Ademais, ele explica que confluência é a relação que rege a mobilização dos povos politeístas, que tem como princípio o respeito aos elementos vitais – sendo o oposto dos fundamentos das religiões cristãs monoteístas. O mestre declara que devemos transformar "as nossas divergências em diversidades, e na diversidade atingirmos a confluência de todas as nossas experiências" (Santos, 2015, p. 90). Preciso pontuar que confluência é também um conceito da teoria gestaltista e tem uma perspectiva diferente das colocações apresentadas por Nêgo Bispo, e está mais alinhada ao que expliquei sobre o cuidado para 'não me entrelaçar'. Confluência para Gestalt-Terapia, refere-se a um mecanismo de defesa, em que a pessoa rompe o contato consigo e entra em um processo de fusão com outra pessoa ou seu meio social, perdendo a identificação com a sua forma de ser, podendo vir à adoecer se esse funcionamento se tornar crônico (Ginger, 1995). Acessar: GINGER, Serge. **Gestalt: Uma terapia do contato.** São Paulo: Summus, 1995. Tradução de Sonia de Souza Rangel.

quando estão em processo de análise comigo. É esse sentimento de pertença ao lugar da Clínica, que me chama atenção e me estimula a auxiliar na abertura de caminhos para que essas pessoas encontrem outros lugares, para que possam se vincular e coexistir, se assim desejarem.

Neste sentido, na família, na universidade, no trabalho, e em outros espaços da sociedade, o sentimento de não-lugar é constante e efetivado no tratamento que recebem, fazendo com que se sintam rejeitadas, exploradas, desvalidadas e descredibilizadas. Mesmo porque, não só por questões subjetivas, existe também a dimensão objetiva e material entrelaçando as pessoas em dados lugares, não sendo simples virar as costas, largar tudo e sair, se afastar ou abandonar lugares em que o mal-estar ou a própria violência está instaurada.

Nos processos de mudanças é preciso estratégia para a transição, do mesmo modo que venho reconhecendo as minhas próprias limitações no enfrentamento dessas desgraças coletivas. Mas advertida disso, também sei que posso contribuir na construção de mais lugares de pertencimento na teoria e na prática em Psicologia e na sociedade.

Então, partindo do entendimento de que as subjetividades, bem como as identidades, são construídas em relação e se inicia nas estruturas que, como efeito, dividem as pessoas pela ordem significante, simbólica e imaginária (Nogueira, 1998), escolhi como campo de pesquisa encruzilhar saberes costurados em diferentes áreas do conhecimento, sendo estes: as Relações Étnico-Raciais, a Literatura e a Psicologia.

Delineando como proposta dessa dissertação, selecionei três contos literários, de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, obra literária da escritora e linguista Conceição Evaristo (2020b), para perceber e "escreviver"[7] sobre a trama subjetiva e intersubjetiva das personagens de forma "interseccional"[8] com a possibilidade de, a partir dessa trama, usar ferramentas epistemológicas e metodológicas cosmoamefricanas.

---

[7] Fiz verbo o conceito "escrevivência", concebido por Conceição Evaristo (2020a), que carrega o sentido de insubordinação frente às histórias injustas propagadas pelos escravocratas e coloca a mãe preta como símbolo crucial para borrar e desfazer uma imagem do passado colonial, devolvendo a nós o que nos pertence, o corpo, a voz e a escrita.

[8] "Interseccionalidade" é um termo tecido pela advogada estadunidense Kimberlé Crenshaw (2002), apresentando como a "conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação" (Crenshaw, 2002, p. 177). Eixos que incidem em opressões racistas, patriarcais, classistas e demais sistemas discriminatórios ancorados em poderes estruturais difundidos na sociedade. Acessar: CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** Rev. Estud. Fem. vol.10 no.1 Florianópolis Jan, 2002, p. 171-188.

As narrativas literárias das personagens de Conceição Evaristo (2020b), ainda que sejam personagens ficcionais, carregam questões comuns às mulheres negras na sociedade brasileira, que são impactadas na intersecção de opressões advindas desse sistema de dominação colonial, que tem características peculiares junto a formação do Estado brasileiro.

Tratando-se da trama ficcional, cabe trazer à baila, a autoficção que o pensamento europeu criou a respeito de si e enclausurou as pessoas negras e a raça como sinônimos na produção de um delírio moderno, provocando catástrofes e devastações psíquicas assombrosas, além de incalculáveis crimes e massacres (Mbembe, 2018).

A própria privatização dos corpos e dos lugares em que eles circulam, é um clássico de uma subjetividade elitista (Romero, Zamora, Filho, 2013) e a produção do medo ultrapassa uma emoção inata, ao atribuir à corpos dissidentes, principalmente corpos de pessoas negras, uma carga emocional de perigo, nos aprisionando em locais físicos e subjetivos (Fanon, 2020).

A composição artística feita por Conceição Evaristo (2020a), na construção de suas personagens, nos fornece matéria prima ao mudar a perspectiva sobre quem narra e vive a história. Conceição Evaristo (2020a) não apenas coloca as pessoas negras na posição de protagonismo pelas histórias compartilhadas, como também investe nos traços psicológicos e emocionais das figuras que antes eram representadas de formas secundarizadas e estereotipadas.

Muito me interessa como psicóloga, ao receber majoritariamente pessoas negras, e suas histórias trazidas em primeira pessoa, possibilitar que cheguemos em sua história singular, mesmo que estas sejam e estejam atravessadas por dimensões coletivas, como Conceição Evaristo (2020a) faz com suas personagens ao posicioná-las no centro de suas narrativas.

Por compreender que os saberes tidos como hegemônicos não dão conta da realidade de pessoas negras, e que nenhum saber deveria ser considerado como absoluto, me coloco à disposição para continuar na pesquisa que será pautada em narrativas literárias junto à estudos críticos, buscando principalmente referenciais amefricanos (Gonzalez, 1988a/2018), como ferramentas de produção da saúde na Psicologia Clínica.

Sendo assim, a partir dos rastros e vestígios do pensamento que precisa de cuidado (Sharpe, 2023), que também são encontrados nas experiências ‘do em comum’ (Mbembe, 2019) de mulheres negras, interseciono racismo, sexismo, entre outros marcadores sociais e dinâmicos, que transformaram a diferença em desigualdade, como bem denunciou Lélia Gonzalez (1988b/2018).

Procuro evidenciar as estratégias de (re)existência feitas por mulheres negras para enfrentar categorias opressoras, que causam feridas, dores e adoecimento, que demandam cuidado. Essas categorias, em seus múltiplos arranjos interseccionais, são responsáveis pela perpetuação do trauma colonial, como definido pela psicóloga portuguesa Grada Kilomba (2019), que descreve como um passado violento, que se atualiza e continua a se manifestar e ser revivido no presente.

Conceição Evaristo (1995/2020), nos provoca com as perguntas: “É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?” (Evaristo, 1995/2020, p. 50). No contexto da Psicologia Clínica, proponho ficcionar sobre a própria ficção, reescrevendo e escrevivendo com os três contos literários de Conceição Evaristo (2020b): “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, “Rose Dusreis” e “Regina Anastácia”.

Em resposta às indagações acerca da correlação entre viver e escreviver, sigo com o meu compromisso da escrita com a vida, direcionando o meu desejo em confluir e escreviver, utilizando esses conceitos também como ferramentas e “modos de enfrentamento” (Evaristo, FlupRJ, 2023).

Neste processo, articulando os conceitos de confluência e escrevivência com os saberes das Relações Étnico-Raciais, Literatura e Psicologia, apresento como proposta cosmoamefricanizar as especificidades do cuidado com pessoas negras. Aqui em especial, nesta pesquisa, terei como proposta de cuidado às mulheres negras, por ser o público que mais me procura no atendimento clínico, com o objetivo de contribuir para a construção de subjetividades mais saudáveis.

Reflexiva quanto à minha escolha de analisar as personagens de Conceição Evaristo (2020b) e a seleção de três contos, dentro de treze, somo as suas indagações algumas questões, entre elas: se a partir dos campos das Relações Étnico-Raciais, Literatura e Psicologia, podemos perceber a trama subjetiva e intersubjetiva das personagens de forma interseccional?

Me questiono também: as literaturas negras, aqui em particular da obra de Conceição Evaristo (2020b), podem oferecer novas perspectivas para o cuidado em Psicologia? Que elementos as personagens ficcionais dessa intelectual nos oferecem para refletirmos sobre a singularidade e aprofundarmos a compreensão das identidades racializadas e genderizadas?

Seria possível, com essa literatura, analisar e desenvolver, a partir dos contos literários, caminhos com perspectivas epistemológicas e metodológicas cosmoamefricanas, que auxiliem no cuidado de mulheres negras que buscam a psicoterapia, oferecendo outras possibilidades para cuidar da saúde?

Definindo os objetivos

Objetivo geral

Analisar os contos "Maria do Rosário Imaculada dos Santos," "Rose Dusreis" e "Regina Anastácia" da obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, produzidas por Conceição Evaristo (2020b) e articular essas histórias pelas perspectivas epistemológicas e metodológicas cosmoamefricanas, confluindo e escrevivendo com as personagens, considerando os efeitos coloniais frente às categorias de raça, gênero, sexualidade, classe – entre outros marcadores – a fim de evidenciar e fazer emergir possibilidades de análises e cuidados psicoterapêuticos a mulheres negras na Psicologia Clínica.

Objetivos específicos

- Discutir e analisar através das narrativas literárias possibilidades de cuidados por perspectivas cosmoamefricanas;
- Apresentar a partir da relação entre Relações Étnico-Raciais, Literatura e Psicologia as tramas subjetivas e intersubjetivas nas narrativas literárias de mulheres negras a respeito de suas singularidades;
- Fortalecer a relação entre Relações Étnico-Raciais, Literatura e Psicologia, ampliando a compreensão das identidades racializadas e genderizadas.

Encontrando o campo e formulando perspectivas metodológicas

É preciso retomar alguns passos,
fazer o movimento *sankofa*[9]
para compreender nossa origem
e escolher qual pedra
desejamos lançar ao futuro.
Thaís Lourenço

[9] *Sankofa*, é um conceito originário de um provérbio tradicional entre os povos de língua Akan da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim. Sanko = voltar; fa = buscar, trazer. Podemos traduzir a frase da língua Akan “se wo were fi na wosan kofa a yenki” como “não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”. *Sankofa* é representado por um símbolo *Adinkra* como um pássaro mítico que voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás e carregando no seu bico um ovo, o futuro. Ver: **Projeto Sankofa discute as questões e relações étnico-raciais na EPSJV/Fiocruz.** Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/projeto-sankofa-discute-questoes-e-relacoes-etnico-raciais>. Acesso em: 22 set. 2024.

Como *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* se tornou o meu campo de pesquisa?

O interesse pela pesquisa dos estudos raciais e de gênero, especialmente com mulheres negras, me acompanha desde a graduação em Psicologia. No meu Trabalho de Conclusão de Curso, eu não queria pesquisar sobre raça e racismo e isso é sintomático, explico o porquê.

Já havia me entendido como mulher preta nesta sociedade racista, patriarcal e classista, e isso aconteceu justamente no período da graduação (2015-2020), em conjunto com minha terapia pessoal (2015-até os dias atuais). Nesse período, pude perceber como a interseccionalidade atravessava a minha vida e sua influência nos sentimentos que eu vivenciava. Não era uma questão de fazer um trabalho autobiográfico ou dar um testemunho, tampouco “falar de racismo, já que está na moda”, como cheguei a escutar de um professor em sala de aula.

Outro ponto da minha recusa em pesquisar sobre racismo tinha relação como a forma com que “o negro” sempre aparecia no lugar do sofrimento, da sujeição, da bandidagem, da miséria, não apenas material, mas também intelectual. Minha rejeição inicial em abordar sobre a temática foi devido a não mais aceitar ficar nestas posições históricas e perceber a vida apenas por esses prismas. Por isso, buscava outras perspectivas, promovendo conversas sobre amor e cuidado como uma prática, compartilhando esses afetos nos corredores, auditórios e pátio da faculdade, congressos estaduais, rodas de conversa em projetos sociais e em publicações nas redes sociais.

Foi assim, através das redes sociais, que conheci a psicóloga Ellen Senra, que em 2019 me convidou para ser coautora do livro *Autoamor*, com a proposta de proporcionar uma experiência reflexiva e de acolhimento a mulheres. Oportunidade que me possibilitou conhecer e fazer amizade com muitas profissionais de Psicologia, entre elas, as psicólogas Letícia Alvarenga e Shayane Nascimento.

Neste livro de coautoras psicólogas, escrevi o capítulo *Crenças que influenciam na formação da opinião sobre si* e abordei a complexidade de fatores culturais e midiáticos que moldam nossa autopercepção, maneiras de existir e desempenhar papéis pré-estabelecidos relacionados diretamente à raça, gênero e classe. Enfatizei a importância dos movimentos sociais para a quebra de paradigmas e da mobilização coletiva para construção de uma autoestima saudável por meio do autoamor e das práticas compartilhadas.

Essas dimensões da autoestima – autoamor e coletividade – foram assuntos que se desdobraram na pesquisa final da graduação e fez todo sentido quando tempos depois tive mais proximidade com as produções da intelectual e linguista

estadunidense bell hooks[10]. Minha afinidade com a autora se fez tanto por sua prática pedagógica contra-hegemônica, alicerçadas nos estudos feministas e antirracistas, quando por utilizar a Psicologia e a Psicanálise como instrumentos de análise em suas produções.

Momentos depois, a psicóloga Rosane Romão me apresentou os trabalhos de Alberto Guerreiro Ramos, especialmente a respeito sobre sua leitura, posicionamento e diferenciações no que tange a categoria negra no Brasil. Em 1955, no texto *Patologia social do branco brasileiro*, o sociólogo brasileiro já apontava as diferenças entre "o tema do negro" e "a vida do negro":

> Há o tema do negro e há a vida do negro. Como tema, o negro tem sido, entre nós, objeto de escalpelação perpetrada por literatos e pelos chamados "antropólogos" e "sociólogos". Como vida ou realidade efetiva, o negro vem assumindo o seu destino, vem se fazendo a si próprio, segundo lhe têm permitido as condições particulares da sociedade brasileira. Mas uma coisa é o negro-tema; outra, o negro-vida. O negro-tema é uma coisa examinada, olhada, vista, ora como ser mumificado, ora como ser curioso, ou de qualquer modo como um risco, um traço da realidade nacional que chama a atenção. O negro-vida é, entretanto, algo que não se deixa imobilizar; é despistador, profético, multiforme, do qual, na verdade, não se pode dar versão definitiva, pois é hoje o que não era ontem e será amanhã o que não é hoje (Guerreiro Ramos, 1955/1995, p. 215).

Em parceria com uma amizade que surgiu nos períodos finais da faculdade, Maria Angelica Nazaré, que é uma mulher branca, e eu desejávamos realizar uma pesquisa que fosse preventiva, abrangendo a saúde e cuidado para mulheres de uma forma geral, pois já estávamos cansadas e inconformadas com os discursos voltados a Psicologia como o lugar que só é procurado após o "problema ter explodido" e que "terapia é coisa de maluco".

Ao longo do percurso, na aplicabilidade do projeto de pesquisa inicial, que seria realizado em dois projetos sociais voltados para mulheres, entendemos que não era possível pesquisar sobre saúde, sem considerar o que gera doenças. Uma vez, que patologias e adoecimentos não são produzidos exclusivamente pelo corpo biológico, pois o contexto social também adoece a mente, o corpo e as relações.

Como o rio corre para o mar, quebramos a resistência em abordar o racismo como tema principal, ao nos depararmos com a inviabilidade de seguirmos com a pesquisa em dois campos distintos. Diante das circunstâncias, o nosso campo de pesquisa se direcionou unicamente para o *Projeto Avança Nega*, iniciativa voltada

[10] Batizada como Gloria Jean Watkins, bell hooks (escrito em minúsculo como posicionamento político e ancestral da autora) adotou o nome pelo qual é conhecida em homenagem à avó paterna, Bell Blair Hooks, uma mulher indígena.

para mulheres negras, que além de contar com a participação de psicólogas colaboradoras, proporcionava outras atividades para pessoas negras.

Nosso desejo era ampliar as possibilidades da Psicologia, em que ela pode ser um lugar de cuidado, prevenção e promoção de saúde, e não apenas o último lugar a ser procurado em momentos de desespero, quando “não tem outro jeito”. Diante disso, entrevistamos quatro mulheres negras utilizando a perspectiva do método cartográfico[11], pelo qual foi possível o compartilhamento de experiências e reflexões entre as entrevistadas e nós, pesquisadoras, uma vez que também já havíamos entendido a falácia da neutralidade científica.

No estudo, buscamos acompanhar os processos psicossociais e com eles identificar como as práticas coletivas podem contribuir para a ocupação feminina nos diferentes espaços, sejam privados e/ou públicos, e assim auxiliar nas práticas de autocuidado frente às demandas sociais.

Mais do que aprender, sentimos a relevância desta pesquisa-ação e evidenciamos o autocuidado em espaços coletivos como ferramenta potencializadora de transformação, saúde e enfrentamento às opressões interseccionais. Pautar o autocuidado de mulheres negras foi e é algo extremamente revolucionário, visto que, estas passam boa parte da vida cuidando de outras pessoas e o autocuidado vira algo secundário, ou até mesmo impossibilitado.

Presenciamos que a prática de autoestima e autocuidado de mulheres, especialmente negras, sofre grande influência histórica, social e cultural, derivados dos processos coloniais e das concepções embranquecidas da religião judaico-cristã. Como dado de pesquisa, encontramos que essas influências institucionais, impõem como obrigação da mulher o cuidado da casa e dos filhos, frequentemente subordinadas aos seus maridos, quando estes assumem a paternidade. De forma interseccional, constatamos que diferentes fatores atravessam a subjetividade dos corpos de mulheres negras e brancas, sobretudo nos papéis e lugares que lhes são impostos, designados e estimulados.

---

[11] A perspectiva metodológica utilizada foi amparada pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Augusto Motta, situada na cidade do Rio de Janeiro; no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado pelas participantes da pesquisa; e no método cartográfico. Este último, tomamos como uma estratégia metodológica, na busca de produzir dados, acompanhando os processos psicossociais e interação entre entrevistadas e entrevistadoras, deixando emergir a “experiência na fala” (Sade; Caliman; Tedesco, 2013, p. 304). Acessar: SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira; TEDESCO, Silvia Helena. **A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer**. Fractal, Rev. Psicol., v. 25 – n. 2, p. 299-322, Maio/Ago, 2013.

A gravidade dessa discrepância racial e de gênero fica explícita nas estatísticas: “mulheres que trabalham dedicam 73% mais horas do que os homens aos cuidados e/ou afazeres domésticos” (IBGE, 2018). A divisão problemática de papéis está implicada nos processos de subjetivação, nos modos diretos e indiretos a respeito da posição que a mulher, sobretudo a mulher negra, deve ocupar nos espaços públicos e/ou privados, lugares que a democracia parece longe de ser efetivada.

Realizamos esta pesquisa na graduação com grande satisfação, reconhecendo e sentindo a importância de uma produção conjunta e no apoio que aconteceu em todos os processos. A parceria com a psicóloga Maria Angélica Nazaré foi fundamental para a execução e conclusão do trabalho, principalmente pela forma como foi possível finalizar as análises no primeiro semestre de 2020, no auge da pandemia da COVID-19, meses antes da nossa formação.

Com entusiasmo e por outro lado consternadas pelo cenário global, defendemos a pesquisa *Feminino e o Coletivo: Investigando práticas de autocuidado entre mulheres negras*, na graça e gentileza da orientação do psicólogo e professor Maicon Barbosa e coorientação da psicóloga Natália Fernandes. Assim, obtivemos o título de Bacharel em Psicologia, apresentando o autocuidado entre mulheres negras em espaços coletivos, como um fazer político, na conquista de autonomia e ressignificações culturais, estéticas e simbólicas.

Diferente do que já escutei em algumas aulas na graduação, falar de racismo não está na moda e não há nada de atual, mesmo que a forma rápida e nefasta em como ele se atualiza, por ser um problema secular. Ao contrário disso, a temática racial sempre foi negligenciada e camuflada por um sistema de ensino racista, focado na exaltação da brancura, que tentou por muito tempo apagar, distorcer e silenciar a verdadeira história dos povos indígenas e negros deste país.

A didática branca transformou um assunto que estrutura as nossas vidas em algo caricato, banal, que naturaliza a dor provocada por tamanha violência. “Eis por que toda atitude de formalização diante do negro conduz a apreciações ilusórias, inadequadas, enganosas. E é uma atitude de formalização que está na raiz da quase totalidade dos estudos sobre o negro no Brasil” (Guerreiro Ramos, 1955/1995, p. 216).

Lamento por ter tido acesso e compreensão da tragédia racista e patriarcal apenas na graduação, uma vez que de forma ínfima tenha sido mencionado no ensino básico e médio. Em contrapartida tive a felicidade de encontrar professoras comprometidas com um ensino transgressor na graduação de Psicologia. Aqui é preciso sinalizar, que a maioria deles eram brancos, como ainda é notório nos cursos universitários, e diferente do que comumente escuto referente a categoria, estes foram exceção e fizeram o papel de efetivamente educar, trazendo informação e abrindo

espaço para trocas, facilitando os debates sobre violências, modos de subjetivação e promoção de saúde.

Durante a graduação, em algumas aulas, as Relações Étnico-Raciais eram problematizadas a partir de perspectivas, referências e histórias diversas, mostrando que a população negra estava para além das mazelas racistas e as mulheres negras seguiam subvertendo as (i)lógicas irracionais de um sistema racista. Mostrando que uma parcela da população negra vem fazendo um movimento contrário a este sistema que tenta aprisionar nossos corpos e mentes em situações degradantes, enquanto os brancos permanecem no centro, como a norma e o universal, mantendo-se em sua posição hierárquica de poder violento (Kilomba, 2019).

Na formação em Psicologia tive a oportunidade de debater ao longo dos períodos sobre ética profissional, técnicas e teorias psicológicas, políticas públicas e direitos humanos. Conheci resoluções, referências técnicas e diversos materiais produzidos pelo Conselho Federal de Psicologia, dentro do processo formativo. Dentre elas as resoluções CFP nº 001/1999, que estabelece normas de atuação a respeito da orientação sexual; CFP nº 018/2002, que versa sobre a atuação relacionada ao preconceito e discriminação racial; entre outras. Conteúdos e materiais direcionados a orientar o exercício profissional, ainda incomuns e insuficientes em outros *campus* universitários.

A psiquiatra e psicanalista baiana, Neusa Santos Souza (1983), sublinha que “o óbvio é aquela categoria que só aparece enquanto tal depois do trabalho de se descortinar muitos véus” (Souza, 1983, p.17). Dessa forma, ainda é fundamental frisar que a prática da Psicologia deve ser pautada pela ética referendada nos princípios contidos pelo próprio Código de Ética da Profissão, que abrange o respeito, a promoção da liberdade, a igualdade e a integridade; além da responsabilidade social, da análise crítica e histórica às realidades política, econômica, social e cultural. Contribuindo, portanto, para eliminar “quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão” (CFP, 2005, p. 7).

Os debates em sala de aula, ainda que tímidos, me estimularam na graduação a idealizar conjuntamente o *Projeto de Relações Étnico-Raciais Sankofa* na UNISUAM, em 2019. O *Projeto Sankofa* surgiu originalmente em 2018, devido a um trabalho de grupo na disciplina *Psicologia e Comunidade*, com o título inicial *Racismo e Preconceito – Um olhar sobre as construções do inconsciente coletivo*. Incentivadas pela professora Jane Caldas, o trabalho que deu origem ao projeto, pretendia elucidar as construções históricas que proporcionavam a manutenção de comportamentos e pensamentos preconceituosos e racistas, em que por vezes, tais conceitos eram confundidos e levados a interpretações equivocadas.

Realizamos uma observação participativa no campus da UNISUAM em Bonsucesso, conduzindo entrevistas com mulheres e homens negros, com idades entre 20 e 50 anos, que eram estudantes, responsáveis e frequentadores da instituição. Abordamos questões relacionadas ao espaço acadêmico e histórico de vida de cada pessoa entrevistada, com o objetivo de avaliar a relevância da temática racial e identificar se essas pessoas sabiam a diferença entre racismo e preconceito.

De acordo com o levantamento realizado, percebemos que as pessoas entrevistadas apresentavam dificuldades para distinguir entre os termos racismo e preconceito, bem como em reconhecer situações em que haviam sido vítimas de racismo. Ao longo da entrevista, muitas vezes, até tentaram diminuir a violência racista sofrida outrora, talvez por ser um acontecimento presente no cotidiano e tão naturalizado.

Curiosamente, embora o racismo fosse por vezes considerado algo banal pelas pessoas entrevistadas, ao serem questionadas qual seria a possível solução para acabar ou reduzir o racismo e o preconceito, as respostas convergiram com unanimidade para a importância da educação. A partir de então, o trabalho de uma disciplina ganhou consistência e denunciou a urgência para ser colocado em prática.

O *Projeto Sankofa* teve como objetivo inicial criar espaços de reflexão para todas as pessoas que se relacionavam direta e/ou indiretamente com a comunidade acadêmica na UNISUAM, seja o público interno ou externo. Através de atividades complementares diversas, fomentávamos grupos de estudos, rodas de conversa, cine debate e atividades culturais. O projeto promovia discursões sobre perspectivas teóricas e práticas das relações étnico-raciais. Enquanto articuladoras, buscávamos analisar os impactos subjetivos, estruturais, interpessoais, institucionais e físicos do racismo, com propósito de informar e formar pessoas mais comprometidas, engajadas na construção de uma sociedade mais democrática e equânime.

O projeto teve como público-alvo, prioritariamente, estudantes negras, sendo também um lugar de acolhimento a aquelas que não tinham outros espaços seguros para compartilharem suas vivências e sentimentos. No entanto, o projeto era aberto, se estendendo a todas as pessoas interessadas e que reconheciam a importância de debater as questões étnico-raciais.

Mesmo escolhendo dar ênfase a momentos frutíferos na graduação, não foi uma temporada fácil ou simples, passei por diversas transformações e a forma de sentir o mundo ficou mais sensível e dolorosa também. Tive muitos embates com professores e estudantes, que eram afeitos pela brancura ou polarizavam, querendo impor um jeito “certo” de ser uma pessoa negra. Frente à situação, retorno a Neusa Santos Souza (1983), que diz que “uma das formas de exercer autonomia é possuir

um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade" (Souza, 1983, p. 17).

Assim como muitos outros lugares, a academia também é um espaço de disputa, que requer atenção e cuidado com o deslumbre que qualquer migalha de poder possa causar. Como canta Nação Zumbi (1994) em *Monólogo ao pé do ouvido*: "o orgulho, a arrogância, a glória enche a imaginação de domínio"[12]. O intelectual camaronês, Achille Mbembe (2019) nos alerta, que em tempos de mudanças, é necessário resistir à tentação da cumplicidade por encantamento, e ter discernimento para qual lugar direcionamos nossos passos no mundo.

Buscar pelo conhecimento e ter a dimensão que "nossos passos vêm de longe" (Werneck, 2010, p. 8), me permite conceber com mais nitidez o que me proponho a fazer. Bem como, firmar meus pés no chão e me permitir passar pelos processos de transformação, ao mesmo tempo que estes me mobilizam, sigo ampliando meus horizontes de mundo. Fazendo com que pautar o respeito e a dignidade continue sendo uma questão inegociável para mim, inclusive, no cuidado que preciso ter comigo mesma.

Como narrado até aqui, participo de muitas mobilizações coletivas, como forma de exercer meu papel ético, estético e político, para auxiliar na transformação e avanço social, especialmente na Psicologia. Atualmente, minhas ações se direcionam ao Sistema Conselhos de Psicologia, atuando no Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro (CRPRJ) e na Articulação Nacional de Psicólogos(as) Negros(as) e Pesquisadores(as) (ANPSINEP). Na ANPSINEP articulamos e fomentamos estudos, ações políticas e formações voltadas para o enfrentamento do racismo, junto a promoção de saúde mental e o bem-viver da população negra brasileira e equidade social.

A aproximação do CRP na minha trajetória, assim como da ANPSINEP, começou justamente na UNISUAM em 2019. Foi unindo ao meu desejo pelo conhecimento e a inconformidade com o cenário político, social e econômico, que participei do 10º Pré-Congresso Regional de Psicologia no Rio de Janeiro, que aconteceu na UNISUAM. Neste encontro, foi apresentado um debate sobre "Laicidade e Direitos Humanos", assunto muito pertinente que enriqueceu ainda mais minha formação e curiosidade em saber como funciona o Sistema Conselhos de Psicologia e suas articulações políticas.

---

[12] Artista: Nação Zumbi. Música: **Monólogo ao pé do ouvido**. Álbum: Da Lama ao Caos. Gravadora: CHAOS. Ano de lançamento: 1994. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AkePvxvbrUw>. Acesso em: 26 de jul. de 2023.

Os Congressos são ações democráticas realizadas em todos os regionais da categoria e que culmina no Congresso Nacional de Psicologia, onde são estabelecidas as diretrizes que vão orientar por três anos a atuação da próxima gestão dos CRPs e CFP. Durante esse processo, é organizada a votação de propostas e a eleição da delegação que vai representar as estudantes e profissionais.

Em minha primeira participação na edição do Congresso mencionado, entre diversas propostas apresentadas, sugeri a inserção de temas e autores no ensino de Psicologia que abordassem as questões raciais na construção das subjetividades, como forma de combate à discriminação e sofrimento da população negra. Minha proposta foi aprovada e, por meio de votação, fui eleita para integrar a delegação que participou do Congresso Regional de Psicologia do Rio de Janeiro, em abril de 2019 e pude levar essa proposta.

Na época, como estudante, participei do Congresso como observadora com direito a voz. Ao encontrar uma postagem na rede social sobre o Congresso, fiquei entusiasmada, pois já naquele momento, tinha a dimensão que minha contribuição para esse processo seria de “grande aprendizado e construção da minha futura e estimada profissão”. No final dessa legenda, publicada em 06 de fevereiro de 2019, ainda afirmei que “o medo não pode nos deter”. Olha que nem Audre Lorde (2019) eu conhecia.

A título de curiosidade, o prazer que sinto em tirar fotos é algo faz parte de mim desde a infância, e fazer publicações textuais nas redes sociais é uma forma de deixar registros e preservar a memória. Isso também é um aspecto importante de composição essa pesquisa, pois encontrei em muitas publicações os vestígios de sonhos e desejos que me acompanham há algum tempo e outros que realizei e nem havia me dado conta.

Feita essa participação, segui por esse caminho e fui eleita em 2022, já como psicóloga, para ir ao 11º Congresso Nacional de Psicologia em Brasília em junho daquele ano, como parte da delegação do CRPRJ. Porém, ainda como estudante, consigo reconhecer que fiz e participei de muitas ações relevantes. No mesmo ano de 2019, entrei para o Eixo de Psicologia e Relações Étnico-Raciais do CRPRJ, sustentado e liderado por muitos anos pela mais velha, psicóloga Maria da Conceição Nascimento. Na época, o Eixo fazia parte da Comissão Regional de Direitos Humanos (CRDH/CRPRJ), mas em 2022 passou a ser uma Comissão Especial de Psicologia e Relações Étnico-Raciais do CRPRJ (CEPRER/CRPRJ).

Ajudei a fomentar a Comissão Especial de Estudantes no CRPRJ e hoje ela é uma realidade no CRPRJ; estive presente no lançamento da Campanha *Todo racismo é uma forma de violência – BASTA*, promovida pelo CFP, sendo o lançamento aqui no

Rio de Janeiro, realizado em conjunto com a *Campanha dos 21 dias de ativismo contra o racismo*; entre diversas mobilizações. Cabendo enfatizar que foi no dia do lançamento dessa Campanha, que fiz célebres parcerias e uma delas é com o psicólogo Pierre Monteiro, que me ensinou e ensina a compreender e realizar a luta política na Psicologia.

É importante também informar, que a *Campanha dos 21 dias de ativismo contra o racismo* foi idealizada pela psicóloga Luciene Lacerda, que dá notoriedade ao dia 21 de março, *Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial*. Ação instituída pela Organização das Nações Unidas (ONU), após o massacre de Sharpeville, em 1960, na África do Sul, em que 69 pessoas negras foram mortas e muitas outras feridas quando policiais abriram fogo contra um protesto pacífico, organizado contra a aprovação de leis que limitavam a circulação de pessoas no período do apartheid[13].

Desde 2021 estou na coordenação conjunta do Núcleo do RJ da ANPSINEP com as parceiras psicólogas Carina Cruz e Tatiana Moreira. Devido a organização do *Seminário de Psicologia, Relações Raciais e Direitos Humanos* em dezembro de 2022, realizado em articulação com a CEPRER/CRPRJ e Comissão Especial de Eventos do CRPRJ (CEEV/CRPRJ), me aproximei desta última e também me tornei colaboradora da CEEV/CRPRJ. Fazem parte da CEEV/CRPRJ a psicóloga Mônica Valéria Sampaio na coordenação, a psicóloga Elisa Martins como coordenadora adjunta e as colaboradoras, a psicóloga Iamara Peccin e a graduanda de Psicologia Mykaella Moreira. Juntas, produzimos atividades de alta qualidade para Psicologia e sociedade.

Sobre minha colaboração nas produções de eventos, na CEEV/CRPRJ, compartilho aqui mais uma curiosidade a respeito de como é tecida a minha trajetória. Fiz Ensino Médio Técnico, concluído em 2007 e sou formada em Produção Cultural e de Eventos pela FAETEC Adolpho Bloch. Nesta Escola Técnica também tive meu primeiro encontro com Sigmund Freud por conta da aula de filosofia com a professora Rosane Augusto, que nos apresentou o mito do Édipo. Ao procurar meu diploma, vi que a Psicologia também fez parte como disciplina, ambas no primeiro ano do segundo grau em 2005 do Ensino Médio. Quando dei por mim, dez anos depois, estava fazendo diversas organizações e produções de eventos na graduação em Psicologia – levando essas habilidades e conhecimentos para a vida.

Agora, neste ano de 2024, assumi a coordenação adjunta da CEPRER/CRPRJ com o psicólogo e coordenador Thiago Rodrigues. A atual Comissão conta com a

[13] **CFP integra campanha 21 Dias de Ativismo contra o Racismo [2024].** Disponível em: <https://site.cfp.org.br/cfp-integra-campanha-21-dias-de-ativismo-contra-o-racismo/ >. Acesso em: 06 ago. 2024.

colaboração da psicóloga e vice-presidenta do CRPRJ Viviane Martins e das psicólogas Bruno Rosa, Carina Cruz, Claudia Ferreira, Marwyn Soares, Natasha Iane e Yvanna Brito.

Minha dedicação vem percorrendo por essas trilhas, nas encruzas de ações, pesquisas e produções nas áreas da saúde, relações étnico-raciais, gênero, classe, religiosidades, violências e política, que sempre perpassaram pela minha vida pessoal. Organizando momentos de compartilhamento coletivo para a formação e fortalecimento de uma Psicologia mais democrática e antirracista, assim como oportunizar afagos e respiros frente às problemáticas que é viver nesta sociedade.

Englobo à minha construção conjunta de ferramentas, ao desejo de continuar buscando mais instrumentos que possam ser significativos no cuidado em saúde, especialmente nos lugares que escolhi para atuar profissionalmente: na Psicologia Clínica, na Educação, e quem sabe, futuramente nas Políticas Públicas.

Em janeiro de 2021, recém-formada, atendendo na Clínica, com um público majoritário de pessoas negras, senti necessidade de dar continuidade a minha formação institucional, assim como lecionar. Para tanto, percebendo os embaraços sobre a temática racial, juntamente com o parceiro e, na época, ainda graduando em Psicologia Gabriel Basilio, resolvemos ministrar um minicurso para ampliação do debate, criando um lugar de compartilhamentos, cuidado e enfrentamento ao racismo.

Intitulamos o minicurso de *Relações Raciais: O que você precisa saber?* e o dividimos em dois módulos: *1º Contextualizando o racismo no Brasil – Branqueamento e mito da democracia racial – Racismo estrutural, institucional, interpessoal e intrapsíquico; 2º Estratégias de enfrentamento contra o racismo na construção de uma autoestima positivada.*

Também ministramos rodas de conversa *online* sobre *Educação antirracista na primeira infância* para professoras em escolas de São Paulo e da Bahia. No entanto, mesmo com todas essas atividades, estava com dificuldade para retornar à academia, preocupada com o tipo de conteúdo que seria lecionado, se teria que estudar literaturas e histórias que não condizem com a realidade racista brasileira. Cansada de fazer algumas torsões com literaturas que são massivamente reproduzidas de forma acrítica e que não seriam ferramentas proveitosas para o exercício da minha profissão.

Pronto, em abril de 2021 encontrei o curso de *Especialização em Direitos Humanos, Saúde e Racismo: a questão negra*, ministrado pela Fiocruz de forma remota, por conta da pandemia da COVID-19. Lá conheci um grupo potente de estudantes negras de vários cantos do Brasil. Recordo de como foi bonita a nossa afinação nas aulas e posicionamento diante de colocações um tanto problemáticas vinda do corpo docente. Inclusive nos questionávamos: há questão negra? Foi nesse

lugar que me senti pela primeira vez pertencente a uma turma grande, dentro de uma instituição de ensino e também foi lá que aconteceu a minha aproximação com a intelectual brasileira Conceição Evaristo.

Não por sorte, mas por enfrentamento, tive o prazer de ser orientada pela enfermeira e professora Cecília Izidoro. Presenteada já no primeiro encontro que deu outros tons ao tormento que eu sentia. Ela falou: “Pretinha, vai ser difícil, mas não precisa ser sofrido”. Foi a colocação chave que me apaziguou e destravou a minha escrita e pesquisa.

Antes disso, na aula de metodologia, o parceiro de turma e também psicólogo Ademiel de Sant’Anna Junior, com sua sensibilidade poética, apresentou na aula a “escrevivência*”* de Conceição Evaristo (1995/2020), como seu gesto metodológico na pesquisa de mestrado. Tocada e admirada, me identifiquei com a proposta declarada por ele, e com isso, abracei o gesto para a minha pesquisa e construí o trabalho final da especialização, juntamente com a orientação da professora Cecília Izidoro.

Realizei um relatório técnico científico em que tive como objetivo relatar o cuidado em saúde na Psicologia Clínica com uma *cosmopercepção amefricana* (Oyěwùmí, 2021; Gonzalez, 1988a/2018). Uma abordagem Clínica, que visa contrapor o pensamento colonial universalista, priorizando uma prática terapêutica que se destina genuinamente aos interesses daquelas que me procuram, promovendo um lugar de respeito e integridade.

Tomando como base referências negras, indígenas e latinas-americanas, interseccionei racismo, sexismo, classismo, entre outros marcadores, como produtores de sofrimento e adoecimento de mulheres negras e também evidenciei as estratégias de (re)existência, promoção da saúde e enfrentamento às tentativas de aniquilamento.

Inspirada na minha experiência acumulada nos vários lugares nos quais me movimento, incluindo na Psicologia Clínica, pelas conversações com mulheres negras ficcionei uma história sustentada pela “escrevivência”, “oralitura” e “atrevivência”, gesto metodológico elaborado por Ademiel de Sant’Anna Junior (2021).

Dando eco à metodologia proposta por Sant’Anna Junior (2021) alicercei minhas percepções dentro e fora da Clínica, e também na seleção cuidadosa dos referenciais; encruzilhando saberes da Psicologia com campos epistemológicos interdisciplinares para ter um diálogo mais estreito com a realidade brasileira.

Com ênfase nesse aspecto, na pesquisa e construção da história ficcional destaquei às demandas que mais se repetiam nas sessões de psicoterapia e evidenciei também a crescente procura de mulheres, especialmente mulheres negras, pelos meus serviços durante o período de out/2020 à mai/2022, marcado pela COVID-19. Contexto duro, que influenciou, inclusive, a transição rápida dos atendimentos

clínicos para a modalidade *online*. Este trabalho, intitulado *Conversações na clínica psicológica sentidas por uma cosmopercepção amefricana*, foi submetido e aprovado em maio de 2022. Sua construção ficou tão vibrante, ao ponto que minha orientadora me encorajou a dar prosseguimento no mestrado.

Foi neste momento, em julho de 2022, que participei de mais um processo seletivo e ingressei no Programa da Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais no CEFET/RJ, conhecido popularmente pela sigla PPRER. Além disso, me tornei integrante do "*ORI - Grupo de pesquisa em raça, gênero e sexualidade",* com o prestígio da orientação e supervisão da antropóloga e professora Fátima Lima em conjunto com a professora Cecília Izidoro.

Minha proposta inicial era entrevistar mulheres negras que estão em processo psicoterapêutico para analisar e auxiliar a reconstruir suas memórias, a luz de uma *cosmopercepção amefricana* como ferramenta de promoção da saúde e enfrentamento às tentativas de aniquilamento, contribuindo na construção de subjetividades mais saudáveis.

Formulei esse objetivo a partir de percepções e demandas que atendo e fiquei instigada pela procura de pessoas negras por atendimentos com psicólogas também negras, em que relatavam as seguintes situações: "Escolhi você porque estava procurando uma psicóloga negra"; "Estava fazendo terapia com uma psicóloga(o) branca(o) e não caminhava mais quando eu falava de racismo"; "Não me sentia compreendida(o) e tinha que ficar explicando"; "Procurei você, porque notei que tenho mais facilidade de falar com mulher e você também é negra"; "Pedi indicação para meus amigos e queria uma psicóloga negra".

Essas colocações me mobilizavam e ainda mobilizam em muitas instâncias, entre elas a revolta diante de uma temática que já deveria ter sido superada nos atendimentos clínicos pelas profissionais de Psicologia. Pois considero que o processo terapêutico não deva será mais eficiente quando estabelecido entre pessoas com o mesmo pertencimento racial, sexual, de gênero, religioso, ou quaisquer outra característica.

O vínculo terapêutico é sustentado pela via da transferência e não da identidade. Um vínculo social, entre analisante e analista, em que a analisante dirige seu o apelo, sua queixa, e cabe a analista recolher essa demanda e suportar as consequências que advêm da transferência e seus avatares (Souza, 2000/2021).

Contudo, durante este meu tempo de pesquisas e análises, tornou-me evidente, que o direcionamento dessa procura não se limitava meramente a um processo de identificação, mas do racismo, do sexismo e do classismo estruturados na Psicologia. Tais marcadores que constituem, até hoje, os esteios de uma formação

acadêmica precarizada, ainda sustentada no imaginário social do mito da democracia racial e base epistemológica eurocêntrica e patriarcal, sem crítica principalmente à realidade social brasileira.

Percebendo mais uma urgência dentro do cuidado em saúde, na Clínica, me propus a construir outras ferramentas que pudessem ser utilizadas de forma prática nos atendimentos em Psicologia. Foi em março de 2023, em uma reunião periódica com as parceiras do Núcleo do RJ da ANPSINEP, que me foi apresentado o que viria a ser meu campo de pesquisa.

Na ocasião, estávamos conversando sobre as pautas que incluíam a campanha nacional da ANPSINEP de 2022, *Democracia e Saúde Mental Sem Racismo: Queremos Bem Viver* e a implementação da Lei nº 11.645/2008[14] – atualização da antiga Lei nº 10.639/2003 – "que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

Destaco, que a referida Lei nº11.645/2008, não se estende ao ensino universitário, na formação de professoras. Tivemos uma ideia legislativa em 2016, com a proposta do conhecimento afro e indígena serem também obrigatórios nos cursos de licenciaturas, na área das ciências humanas, e por falta de apoio, foi encerrado no mesmo ano (Senado Federal, 2016).

Compartilhei com elas a minha proposta inicial de pesquisa no mestrado, e que naquele momento não gostaria mais de fazer entrevistas, e sim continuar com algo que pudesse caminhar com a proposta da história ficcional que teci na especialização. A psicóloga Cláudia Ferreira me indagou se eu já havia lido *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* de Conceição Evaristo (2020b), e respondi que não.

Rapidamente Cláudia Ferreira me explicou que se trata de um livro de contos e que poderia ser compatível com o que eu estava desejando. De pronto, considerei incrível mesmo sem ler, pela admiração que tenho à autora, decidi que seria o meu campo de pesquisa e refiz minha proposta inicial, com intuito de colocar as personagens dos contos em análise psicoterapêutica comigo.

Conversei com outras parceiras de mestrado, que conheciam a obra, e todas ficaram animadas, me sugerindo quais contos eu deveria analisar e a disciplina *Linguagem, literatura e tradução sob(re) perspectivas negras*, ministrada pela profissional da área de Letras Luciana de Mesquita, consagrou o que eu havia desejado.

---

[14] Ver: **LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008.** Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em: 19 de set. de 2024.

Em 14 de abril de 2023, apresentei a proposta para à minha orientadora, que com empolgação aceitou o desafio. No dia seguinte, ao perceber meu entusiasmo, meu grande amor, William Ramos, me presenteou com o impactante livro. Ao realizar a leitura fiquei perturbada e remexida do início ao fim.

A obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* teve sua primeira edição em 2011 e atualmente está na quinta edição. Resumidamente, é uma obra literária que possui treze contos sobre mulheres negras e cada conto leva o título de cada personagem. O livro traz a narrativa direta dessas mulheres, a partir de suas próprias perspectivas.

Enuncia duros casos de dor, sofrimento e diversas violências traumáticas, entre elas o *racismo genderizado*, como conceitua Grada Kilomba (2019, p. 93). Grada Kilomba (2019) afirmar que raça e gênero são categorias inseparáveis, uma vez que a experiência do racismo é baseada em papéis de gênero, e o gênero, por sua vez, influencia a construção da raça, e, portanto, do racismo. Contudo, essas mulheres compartilham suas histórias estando agora em outro momento de suas vidas, mostrando que “apesar de” (Evaristo, 2020b, p. 112) continuaram a sonhar, planejar e realizar.

Seguindo este caminho, a construção do método de análise, foi baseada em perspectivas epistemológicas e metodológicas que emergiram no encontro com o contexto amefricano. Tendo como compreensão que o período colonial teve data marcada para o fim em termos jurídicos, mas seus efeitos funcionam como uma pedra lançada na água, espalhando-se em ondas e influenciando as estruturas sociais e culturais até hoje. Por mais que as ondulações pareçam estar perdendo as forças, as vibrações do primeiro impacto, transmutam o tempo, mas não sem resistência. Uma vez que é presente a luta incessante contra a sua continuidade.

Na apresentação do livro, Conceição Evaristo (2020b) já inicia trazendo a personagem escutadora dos treze contos. Essa personagem, curiosamente sem nome, e não apenas por isso, pode ser confundida com a própria Conceição Evaristo ao declarar seu apreço por escutar e afirmando que não é hábil conselheira.

No exercício de empatia, a personagem escutadora ressalta que faz sua, a voz e também as histórias que encontra, descreve o gesto, a emoção e a ternura de receber essas histórias. Histórias ficcionais que parecem quase suas, pois, de certa forma, se confundem com suas próprias experiências. Nos questiona então, se as histórias, de um modo geral, não são inventadas, mesmo as reais quando são contadas e nos desafia a relatar sem tirar, nem pôr, algo que aconteceu. Difícil, né? E ela prossegue:

> Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o

> vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência (Evaristo, 2020b, p. 7).

Escutar, falar, olhar, tocar, sentir, imaginar... Em sua breve apresentação, a personagem ofereceu vestígios do que estava por vir. Ao entrar em contato com cada história fiquei mobilizada, inquieta, reflexiva, animada e preocupada, do mesmo jeito que recebo as pessoas que me procuram nos atendimentos.

Memória, aprendizado, transferência, contratranferência, empatia, medo, insegurança, alegria, indignação, raiva, cansaço, vida, morte, resiliência, respeito, amor... Quantos elementos, sentimentos, emoções, gestos e arrepios recebo, e também sinto quando me coloco ali, aberta e disposta a acolher as pessoas e histórias que chegam até mim?

Eu, agora leitora e pesquisadora desta obra, não poderia deixar de me afeiçoar por tamanha sutileza e vivacidade que ela revela, aspectos que falam profundamente sobre as dinâmicas que ocorrem dentro da Clínica. Foi assim, através das trocas afetivas que fui tecendo ao longo da minha vida e trajetória profissional que encontrei um campo vasto e frutífero que pretendo me atreviver na realização desta pesquisa.

Metodologias insubmissas: cosmoamefricanizar, confluir e escreviver no tempo espiralar

As pegadas das pessoas que andam
juntas nunca se apagam.
Provérbio Africano

Vivendo de Amor foi um dos primeiros textos de bell hooks (2010), que tive o prazer de encontrar. Nele, a intelectual traz contribuições primordiais a respeito das marcas que o sistema de opressão e exploração advindos do período colonial deixou na afetividade de pessoas negras. A autora expressa a importância de nós, mulheres negras, agirmos de modo preventivo e pedir ajuda diante da dificuldade em determinada situação, uma vez que fomos e somos ensinadas a manter o controle em momentos de crise e a resolver tudo sozinhas.

Pedir ajuda é uma forma de praticarmos o amor interior e isso nos revela as necessidades do nosso espírito, e inclusive, como um movimento empático, nos auxilia a compreender as necessidades de outras pessoas (hooks, 2010). Foi por essa direção, no exercício intelectual de escutar e compartilhar com as mais velhas, que estão dentro e fora da academia, em não hesitar em pedir ajuda a elas e as minhas parceiras psis, que consegui encontrar os caminhos metodológicos para desenvolver as ferramentas necessárias de análise dessa pesquisa.

Rio de Janeiro, Zona Norte, Vaz Lobo. Era madrugada de sábado, 13 de outubro de 2023, noite silenciosa, sem nenhum tiro, quando parei e decidi mudar os caminhos da escrita e fui dormir. Após ter passado por dias angustiantes, me sentindo travada, perdida, ansiosa diante de guerras internas e externas, tomei a decisão de iniciar a análise do primeiro conto, sem antes elaborar no texto os modos como iria fazer.

Antes de realizar esse direcionamento de análise, estava envolvida e atordoada por emoções desagradáveis, me sentindo triste e preocupada, tanto com a construção da pesquisa, quanto com situações familiares delicadas relacionadas à saúde, cuidados, abusos e doenças, principalmente pela internação da minha tia dinda Sandra Regina, que veio a falecer em janeiro de 2024. Tudo isso, somando-se ao cenário de terror das guerras travadas entre facções pelo controle de territórios em diversas favelas e as políticas de morte organizadas pelo Estado.

Recordo quando o líder indígena, agora imortal da Academia Brasileira de Letras, Ailton Krenak, disse no documentário *Guerras do Brasil.Doc*, que estamos em guerra o tempo todo e que “a falsificação ideológica que sugere que nós temos paz é pra gente continuar mantendo a coisa funcionando” (Netflix, 2018).

Pois bem, fazer funcionar e estruturar metodologias de pesquisa, desde a época da graduação, sempre foi algo que até então, sentia grandes dificuldades em compreender e realizar. Questão comum entre as colegas de turma que encontrei durante essa caminhada que não compreendiam, principalmente em pesquisa de campo, como colocar na prática o estabelecido em métodos rígidos.

As aulas no mestrado sobre *Introdução à metodologia de pesquisa* com o professor Fábio Sampaio, da área de Letras, e a fala do professor e historiador Humberto Santana Junior, na aula inaugural de 2024 sobre *As encruzilhadas como campo de potências e possibilidade*, me proporcionaram um melhor entendimento a respeito dessa parte da pesquisa. Assim como o curso de atualização *Metodologia Insubmissas: Pistas para pesquisas em Relações Étnico-Raciais e Direitos Humanos*, promovido pela Fiocruz, e no qual participei em julho de 2023, foi muito relevante para o meu processo de entendimento.

Então, na manhã do mesmo sábado, dia 13 de outubro, voltei à escrita do texto e prossegui, pegando como direção minha prática de análise dos atendimentos em Psicologia, onde tenho como hábito me preparar com estudos prévios, abastecidos por aportes teóricos e técnicos. Como psicóloga, assim, também vou: atendo, em seguida tomo nota para descrever os processos e fenômenos que emergem durante as sessões. A escrita é uma ferramenta que possibilita que eu tire um pouco de mim o que absorvo desses e nesses encontros. Resolvi, portanto, aplicar o mesmo

movimento ao me encontrar com o conto de posição número cinco, “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”.

Na tentativa de compreender as marcas, rastros, vestígios (Sharpe, 2023) e repetições que se mostravam na conversa da personagem com a escutadora, fui associando com referenciais que me surgem de forma natural, de modo similar ao que acontece quando estou com minhas analisandas. A primeira referência que apareceu foi Nêgo Bispo (2015) com sua crítica aos elementos que envolvem a técnica colonial de nomear para domesticar e apagar identidades. Como meu pai costuma dizer: “o nome é a única coisa que a gente tem”.

Por esse motivo, ao decorrer dessa pesquisa, guiada pela abordagem que me propus a usar na construção e na tentativa de contracolonizar, busquei ao menos mencionar o nome de algumas pessoas que contribuíram e deram suporte para minha chegada até aqui, embora seja impossível citas todas. Em todo caso, tenho suspeitas de histórias que são escritas sozinha.

Após desenvolver a análise parcial do conto, deixei o texto descansar e peguei-o novamente na segunda-feira...

Como não acredito em coincidência, apresento um fato. Pelo WhatsApp, no grupo da coordenação do Núcleo da ANPSINEP-RJ, recebi informações da mesa em que magistralmente Conceição Evaristo e Nêgo Bispo participaram no domingo, dia 15 de outubro de 2023, dia das professoras, com a mediação da jornalista Flávia Oliveira.

Junto ao link, minhas parceiras também compartilharam os efeitos que sentiram ao serem provocadas por esse encontro e enfatizaram que tinha dicas preciosas para a minha pesquisa. Respondi que iria assistir e que considerei interessante a informação, pois iniciei a análise de um dos contos com Nêgo Bispo. Partilhei com elas que tendo ficado atormentada no final de semana, fui ao aniversário de duas amigas, sambei e voltei inspirada para fazer a mudança na rota da escrita.

Na conversa, também tecemos críticas a respeito de uma cultura que estimula um fazer solitário, individualista e que vende uma falsa felicidade. Entre realidade e aparência, se distingue o orgânico do sintético (Santos, 2015). Concordamos que cada um tem o seu modo particular de fazer, e que para nós, é mais saudável e frutífero um fazer coletivo, pois se isolar para produzir não nos cabe, até mesmo porque as condições concretas da nossa realidade não permitem isso.

Fizemos ressalvas a esse movimento de isolamento acadêmico, que muitos fazem nas produções de suas pesquisas, que é diferente de identificar e saber reservar momentos para se concentrar e preparar contornos necessários para aquilo que deseja realizar. Esse posicionamento exige atenção e cuidado para evitar que caiamos em atitudes autossabotadoras de isolamentos improdutivos.

E não é que bell hooks (1995) já havia falado sobre isso no texto *Intelectuais Negras*? Ela destaca, inclusive, que a desvalorização do trabalho intelectual é um agravante para pessoas que partem de grupos marginalizados e suas dificuldades em reconhecerem esse trabalho como importante e útil (hooks, 1995). Nossas vidas são tomadas por tantas urgências, que bancar o desejo na produção intelectual não é uma simples escolha.

A academia já tenta nos isolar, nos colocando em um tipo de exílio, mas não precisamos cair na armadilha e nos enfiarmos no calabouço. Gloria Alzaldúa (1980/2000) vai nos dizer que “à medida que internalizamos esse exílio, percebemos a estrangeira dentro de nós, e muito frequentemente, como resultado, nos separamos de nós mesmas e entre nós” (Alzaldúa, 1980/2000, p. 232).

E lá fui eu assistir a esse encontro entre Conceição Evaristo e Nêgo Bispo. O nome da mesa? *Confluências e escrevivências, muito mais do que rimas*. Evento, que aconteceu na Gamboa, no Rio de Janeiro, promovido pela Flup – Festa Literária das Periferias. Foi nesse reencontro de ambos, nas encruzas da vida, que finalmente se assentou em mim a compreensão do que é metodologia de pesquisa.

Na ocasião, Nêgo Bispo (FlupRJ, 2023) em resposta à pergunta de Flávia Oliveira, afirmou que entre confluência e escrevivência existe a consolidação de trajetórias. Conceição Evaristo (FlupRJ, 2023) respondendo em seguida, teceu reflexões e críticas a respeito do nosso processo intelectual e em como a academia não estava acostumada com a nossa propriedade intelectual.

Vou recorrer a Lélia Gonzalez (1980/2018), que por sinal usa a mesma matriz gestora para o conceito escrevivência e dizer que a raça dominante não contava com a rasteira que a mãe preta iria lhes dar (Gonzalez, 1980/2018).

Pela riqueza das reflexões partilhadas nessa mesa e reverenciando à tradição oral, ajuntada na continuidade desse exercício de me atreviver (Sant’anna Junior, 2021), sinto ser necessário trazer uma das cenas aqui também, no desafio de transcrever a cena que me remexeu profundamente e que a língua escrita não daria conta de mensurar, como a própria Conceição Evaristo (FlupRJ, 2023), sintetizou. Cena que foi elementar para que eu pudesse me reencontrar e continuar no movimento escrevivente na composição dessa pesquisa, formulando metodologias insubmissas. Com cuidado, trazendo a voz em palavras de Conceição Evaristo (FlupRJ, 2023), transcrevo:

> E quando o Bispo fala, e também pensando em Leda Martins, o exercício intelectual dela, pensando o meu próprio exercício, para mim eu tenho refletido muito, Bispo. É que a nossa teoria, ela nasce junto com a prática. E por isso, que muitas vezes, as nossas práticas não são transformadas em teorias, porque muitas vezes a gente não dá esse exercício da escrita, a gente despreza esse exercício da

> escrita e vamos trabalhando, e vamos pensando, e vamos elaborando, e vamos experimentando. E às vezes, só mais tarde é que a gente percebe que esse exercício pode ser traduzido também em teoria. E o que, que eu percebo que é que quando você fala de confluência, quando Leda Martins fala de tempo espiralar, quando eu falo de escrevivência, eu acho que o nosso grande trunfo é porque nasce da vida, nasce do nosso exercício vital, nasce da nossa experiência, e da nossa experiência como sujeitos negros, como sujeitos diaspóricos. Eu acho que isso é que marca a grande diferença. Então, quando algumas outras experiências que não são experiências diaspóricas e que não são experiências indígenas, cruzam ou procuram cruzar com a nossa, como o próprio conceito escrevivência tem sido utilizado ou como conceito, ou como chave de leitura, ou como metodologia por tantas outras pessoas, e muitas vezes também você vai com certeza escutar: Ah! Mas o exercício de uma pessoa branca, o exercício intelectual de uma pessoa branca, pode usar o conceito confluência, como perguntam, em relação não só para mim, mas para todos os outros pesquisadores, ou o tempo espiralar, Leda, não sei se já te perguntaram também se pode pensar o tempo dos povos europeus como tempo espiralar. Então, a gente diz, é o que digo, até pode, até pode, porque um conceito, quando você trabalha com um conceito, a ideia está aí, então as pessoas usam de acordo com suas competências. Mas o que não pode perder de vista, é que esses conceitos nascem a partir de uma experiência africana, partir de uma experiência diaspóricas, a partir de pessoas negras inseridas no espaço em que, agora buscando Sueli Carneiro, em que há um epistemicídio muito grande, que matam, que não valorizam, desacreditam dos nossos saberes, das nossas capacidades de criação. [...] Não são simples conceitos, são também modos de enfrentamento, porque a academia com certeza não estava acostumada a pensar o tempo espiralar, não estava acostumada a pensar na escrevivência, não está acostumada a pensar em confluência. Então são conceitos também que nascem não em diálogo com o que está aí, nasce em diálogo com as nossas experiências. Por isso, é possível pensar confluência dialogando com escrevivência, confluência pensando com tempo espiralar proposto por Leda Martins. Então, essas experiências diaspóricas, elas nos colocam num outro lugar de pensamento e no outro lugar de interpretação e de produção de saber. Então, está muito mais fácil, por exemplo, o tempo espiralar, proposto por Leda Martins, pensar a história nossa brasileira. Confluência, pensar essa confluência, inclusive pensar o que é uma cultura dominada, o que é também, o que se levanta até hoje para pensar as culturas africanas, para pensar o catolicismo negro. Então, você pode pensar através do que não é proposto até hoje, é pensar através do sincretismo. Eu acho que confluência questiona esse sincretismo que é inclusive apontado para o que nós chamamos de catolicismo negro. Então, eu acho que os nossos saberes, os nossos modos de pensar, os nossos modos de interpretação da própria realidade brasileira, o nosso modo de pensar as teorias que nos foram impostas até hoje, elas estão muito mais fundamentadas nessa ideia de confluência, na ideia de tempo espiralar e na ideia de escrevivência. E talvez por isso, hoje, há uma procura muito grande de leitura dos nossos textos, leitura dos nossos pensamentos. Porque como você falou, talvez nós estejamos aqui para ensinar aqueles, que julgavam estar nos ensinando à leitura. Eu acho que a gente deu o pulo do gato (Evaristo, FlupRJ, 2023)[15].

[15] Vídeo original: <https://www.youtube.com/watch?v=K2bG76vfwbQ> do evento ocorrido em 15 de out de 2023 na FlupRJ. A transcrição é do período de 00:29:29min à 00:36:35min.

Nada mais visceral do que caminhar pelo pensamento e articular narrativas, na prática de saberes que experimentam a vida a partir de uma realidade que a academia eurocêntrica e patriarcal jamais teria a dimensão de abrigar, dada as limitações enrijecidas que tentam manter para afastar, senão expulsar, perspectivas que desafiam a sua hegemonia.

A teoria, assim como a realidade é situada, contextualizada. O caminho não deveria ser o de encaixar a realidade na teoria, mas repensar a teoria de acordo com a realidade. Fazendo um paralelo ao contexto da Psicologia Clínica, cabe reconsiderar as referências e técnicas utilizadas nos atendimentos a depender do público e do lugar que ela encontra.

Do mesmo modo, compreendi que faz parte da construção metodológica a articulação de conceitos que possam vir a dar suporte as análises e desenvolvimento desta pesquisa. O conjunto de proposições teóricas e conceituais foi cuidadosamente escolhido no sentido de organizar o pensamento e facilitar a compreensão de quem possa vir a ter contato com essa produção.

Diante da proposta, fazer uma Clínica evidenciando perspectivas epistemológicas e metodológicas cosmoamefricanas, significa possibilitar a percepção de mundo ampliada para além da fixação visual ocidental, contemplando a diversidade cultural, sensorial e cognitiva, como nos ensina Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí (2021), com o conceito “cosmopercepção”. Sendo indispensável considerar também, a influência direta dos saberes das populações negras e indígenas na formação subjetiva, histórico-cultural do Brasil e de todo território amefricano, após o processo escravocrata. Assim como ultrapassar as limitações territoriais, linguísticas e ideológicas, que o sistema de dominação colonial tenta cercear, conforme redimensiona Lélia Gonzalez (1988a/2018) com a “categoria político-cultural de amefricanidade”.

Seleção e método de análise dos contos

De um modo geral, o nome das personagens é uma característica elementar, que ressalta em diversos contos produzidos na literatura de Conceição Evaristo. Junto ao nome, ela expressa uma singularidade e história particular, ao mesmo tempo em que apresenta o protagonismo de uma coletividade negra.

> Escrevivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade. (Evaristo, 2020, p. 38).

Retratando pessoas, relações e vivências na realidade social brasileira, é possível imaginar cenários, paisagens, gestos, sons, sabores, sensações múltiplas e inquietantes em seus contos. Uma viagem no espaço-tempo, dando outro lugar a representação negra na sua escrita que sangra, como ela mesma define (Evaristo, FlupRJ, 2023).

Na obra literária *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (Evaristo, 2020b), analisei três personagens: “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”; “Rose Dusreis” e “Regina Anastácia”. Para cada capítulo, a escolha do título foi elaborada trazendo trechos de músicas por entender que a arte musical também é parte integrante do processo de cuidado, provocando reflexões e *insights*.

Nos atendimentos realizados por mim, algumas analisandas recitam e narram trechos de músicas e cenas de clipes, associando-os às suas realidades pessoais e sociais. Especialmente no capítulo 2, os subtítulos foram pensados por meio dos títulos de livros e textos de mulheres que me inspiram no ensino e práticas em Psicologia.

Outra pontuação necessária de ser feita é que os nomes utilizados aqui, são os mesmos da obra literária e no processo de ficcionar a ficção, como uma forma de homenagem, fiz referência a pessoas importantes na minha trajetória com a, e na Psicologia. Em atendimentos com pessoas reais que participam de pesquisas e/ou estudos, é essencial preservar seus nomes por motivos éticos, a menos que a participante autorize explicitamente a divulgação. Em ambos os casos, deve-se seguir o TCLE.

Dito isso, a escolha por “Maria do Rosário Imaculada dos Santos” (Evaristo, 2020b) tem relação direta com as primeiras enunciações de sua história e desfecho marcado pela persistência em não sucumbir, frente ao crime do sequestro que foi vitimada. Insubmissa às significações atreladas ao seu nome, “Maria do Rosário” carrega consigo o propósito em reencontrar sua família, que mesmo após anos sem qualquer notícia, quando o reencontro acontece é um deleite surpreendente.

Selecionei “Rose Dusreis” (Evaristo, 2020b) devido à vitalidade descrita apesar de sua condição de saúde fragilizada e determinação por seguir sua carreira artística como bailarina e professora de dança. Profissão atípica para uma mulher negra de família pobre, que foi insubmissa a hostilidade e violência racista que tentou barrar seu sonho de infância de ser bailarina. Este conto apresenta os perigos dentro do ambiente educacional, que pode ser palco de reproduções discriminatórias, mas também pode ser um lugar para ensinar a transgredir e efetivar a educação como prática em direção à liberdade (hooks, 2013).

Escolher “Regina Anastácia” (Evaristo, 2020b) foi mais uma forma de reverenciar as minhas mais velhas, especialmente minha mãe, enfatizando meu agradecimento por fazerem ecoar as vozes silenciadas pelo racismo e patriarcado. O conto "Regina Anastácia" escancara a trama social marcada por desigualdades. Tanto a personagem, quanto sua mãe, foram insubmissas ao poder colonial que monopolizava a comunidade local.

A atitude de sua mãe em bancar o próprio negócio, apesar das preocupações de seu pai devido à nova realidade, foi crucial para o sustento da família. A família enfrentou represálias por parte da família latifundiária D. D., no momento em que “Regina Anastácia” e J. D. assumiram publicamente o namoro. Essa relação não se abalou diante do racismo explicitamente manifestado pela família dele e mostrou que nós, mulheres negras, podemos viver uma história de amor, transcendendo a dor produzida pela ordem colonial.

Aproveito para dar outro formato ao tipo de método adotado, sendo aqui confeccionado como *análise de construção simbólica*, que é mais do que uma análise interpretativa, já que os campos referidos estão ligados diretamente no lugar da memória, da história e da eclosão de outra consciência. Entendendo que memória, história e consciência também são construções simbólicas produzidas coletivamente, em que são atribuídos valores à acontecimentos pregressos.

Dito de outro modo, Lélia Gonzalez (1980/2018) nos auxilia ao pontuar que o controle do discurso feito pelas classes dominantes, propaga uma consciência que se impõe como verdade e com isso, são capazes de alienar, distorcer e apagar a nossa história. Portanto, realizar uma *análise de construção simbólica* permite que seja feita a verificação e contestação de narrativas difundidas por uma única fonte, para não alimentar os perigos de uma história única, bem como Chimamanda Ngozi Adichie nos orienta (TED, 2009).

A *análise de construção simbólica* dos contos literários é feita com o devido cuidado em preservar seus elementos basilares, respeitando a produção original e acrescendo outros à medida que fui sendo provocada e mobilizada pela escrita de Conceição Evaristo (2020b).

Como caminho metodológico, ficcionei a própria ficção e escolhi por ocupar e encarnar na cena, a posição da personagem escutadora. Então, nos comentários em que a escutadora se manifestar durante o relato haverá uma consolidação das nossas narrativas e não será possível distinguir com tanta nitidez quem é ela e quem sou eu.

Chamei de *cena* as categorias de análise que foram emergindo ao longo da leitura, de acordo com narrativas realizadas pelas personagens protagonistas dos contos, pois me inspirei quando “Maria do Rosário Imaculada dos Santos” relatou

peculiaridades de uma cena, marcada em sua memória de infância, descrevendo com nitidez as lembranças de quando ainda era menina e tinha por volta de sete anos (Evaristo, 2020b). Pensar uma cena auxilia na expansão de perspectivas, ainda que direcionada dentro de um contexto, bem como a situar a narrativa e história que é compartilhada.

Ao perceber a trama subjetiva e intersubjetiva das personagens de forma interseccional, o aporte teórico selecionado para realizar as análises dos contos foi realizado pelos rastros e vestígios sustentados pelos estudos contracoloniais, à luz de obras e produções de intelectuais alinhadas com perspectivas epistemológicas cosmoamefricanas, nas áreas da Psicologia, Psicanálise e demais estudos críticos, racializados e genderizados, em uma perspectiva psicossocial, na tentativa de apresentar estratégias de cuidado.

No propósito de que esta análise também seja um encontro, assim como me disponho em meus atendimentos clínicos, desejo transformá-la em uma ferramenta de aprendizado, estimulada pela conversação, proposta por bell hooks (2020) e para isso, realizei movimentos em primeira pessoa e terceira pessoa.

bell hooks (2020) sublinha que uma boa conversa sempre é lembrada quando há trocas de ideias, humor e sabedoria. Com base nessa perspectiva, adotei esses ferramentais por considerar um caminho viável, para que possa brotar o pensamento crítico no aprendizado em conjunto, rompendo com uma perspectiva individualista, isolada e, por vezes, competitiva. Busquei promover partilhas e disposição para compreender sentidos com uma postura mais ampla e coletiva (hooks, 2020).

Encontro-análise de casos em contos literários

Alerta *spoiler*[16]! Lembrando que, se você ainda não leu a obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* e não gosta de *spoilers*, sugiro que antes de adentrar aos próximos capítulos, recorra à fonte direta dos contos e depois retome a leitura desta pesquisa. Caso não se importe, se acomode, pegue uma bebidinha, um petisco e vamos lá...

[16] Termo de origem inglesa, que ficou conhecido por estragar a experiência inédita, por revelar antecipadamente informações chave de obras literárias, cinematográficas ou qualquer outra produção artística. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/spoiler. Acesso em: 14 out. 2023.

1. *Eu não vou sucumbir*[17] – trauma, processos psíquicos e emancipação

1.1 Maria do Rosário Imaculada dos Santos

"Maria do Rosário Imaculada dos Santos" foi a quinta analisanda que recebi no dia. Ela inaugurou a conversa explicitando que de Imaculada não tinha nada, que não acreditava em pecados e atribuiu ao catolicismo exagerado de sua família a invenção do "nome de santa mulher" (Evaristo, 2020b, p.43). Movimento de tradição religiosa que perpassou por todas as mulheres de sua família, e que ela considerava um peso ter que carregar em seu nome essa "feminina santidade" (Evaristo, 2020b, p.43), além de finalizar com "Santos", um sobrenome generalizado e não identificável. Reiterou também que: "Tenho fé em minha protetora, a 'Maria', mulher de fibra, que suportou ser a mãe do Salvador. A ela dou o meu voto, o de crença, não o de castidade... E a outros santos e santas também..." (Evaristo, 2020b, p.43).

Aqui, podemos nos ater a alguns elementos históricos que produzem modos de subjetivação e identidades carregadas de significações sociais: a influência católica na sociedade brasileira; a imagem da mulher enquanto santa e casta; e a nomeação, no que se refere tanto ao processo de escravização e dominação que retirou nome e sobrenome das pessoas que foram escravizadas, quanto ao nome no lugar subjetivo e no imaginário das mães, pais e familiares. Também podemos pensar no gênero, a exemplo da inevitável pergunta, vinda das relações sociais, que aparece ainda na gestação: É menina ou menino?

À vontade, agitada e comunicativa, "Maria do Rosário" chegou ao encontro demonstrando um enorme desejo em falar. Ao longo da sessão entendi os motivos de sua agitação, pois até então, havia sido privada desse lugar de fala. Estava sedenta por compartilhar as histórias de sua família, da sua primeira casa, de sua terra e nunca houve espaço para isso. "Quando, embora brincando, revelou o seu descontentamento com o próprio nome, me lembrei da mulher que havia criado um nome para si própria" (Evaristo, 2020b, p.44), pois afirmava que "negro tem que ter nome e sobrenome, senão os brancos arranjam um apelido... ao gosto deles" (Gonzalez, sem paginação apud Bairros, 2000, p.3). Guardei essa informação e continuei a escutá-la...

---

[17] Artista: Elza Soares & BaianaSystem (feat. Virgínia Rodrigues). Música: **Libertação**. Álbum: Planeta Fome. Gravadora: Deck. Ano do lançamento: 2019. <https://www.youtube.com/watch?v=sreEWWmb0vE>. Acesso em: 23 de abr. de 2024.

“Maria do Rosário” relatou peculiaridades de uma cena marcada em sua memória de infância, de quando tinha por volta de sete anos. Ela morava no interior de Minas Gerais, em Campo Alegre, cidade pequena e de poucos habitantes. Deu detalhes de várias situações vivenciadas. Contou de sua casa e das casas que faziam parte do mesmo quintal, afirmando que eram pequenas, mas igual coração de mãe. Lembrou que abrigava diversas pessoas, tinha uma família estendida, pessoas com vínculo consanguíneo e outras, que pela interação e proximidade, não sabiam distinguir o grau de parentesco, embora uns respondessem pelo sobrenome “’Dos Santos’ ou ‘Dos Reis’” (Evaristo, 2020b, p.45). Situação que mobilizava um tipo de brincadeira jocosa interfamiliar de ambos serem de alguém: “quem não era do santo, era do rei...” (Evaristo, 2020b, p.45).

Até que expressou o momento que iria modificar toda sua vida. Foi quando estava sentada do lado de fora da casa com sua mãe, com os dois irmãos mais velhos e avistaram um jipe na estrada. Uma novidade, que causou alvoroço no bairro inteiro. No jipe, estava um casal, que pelas características, pensaram que eram estrangeiros e tempos depois, “Maria do Rosário” descobriu que eram do Sul do Brasil. O casal conquistou a confiança das pessoas mais velhas e com permissão, ofereceram um passeio às crianças, dando algumas viagens pela cidade, ficando por último “Maria do Rosário” e o irmão maior, “T.”.

“Maria do Rosário”, segue contando, diz que estavam animados, contentes e que aos poucos o carro foi se distanciando. No entanto, a noite foi chegando, ela começou a ficar em alerta e com medo. Seu irmão tentou acalmá-la, dizendo que estava tudo bem, mas o tempo foi passando, à noite mais escura e ambos pediram para o casal voltar. Eles cinicamente sorriram, deram continuidade e quando a estrada estava um breu, pararam o jipe, tiraram “T.” de forma violenta e o deixaram na estrada sozinho, aos gritos, seguindo a viagem apenas com “Maria do Rosário”.

Neste momento da sessão e em memória à cena vivida, “Maria do Rosário” começou a chorar, sua voz embargou e, me pediu desculpas por estar chorando. Precisou de alguns instantes para respirar e continuar com seu relato. Soluçando, disse que há tempos não sabia o que era chorar e pelas condições da vida, tinha que ser forte.

Senti a aflição de “Maria” e a deixei à vontade. Falei que não tinha motivos para se desculpar, que chorar alivia a alma e afirmei que aqui era o seu lugar, seu momento para falar livremente, dizer tudo que ela estava sentindo e pensando. Compartilhei que entendia que na sociedade em que vivemos, mostrar nossa vulnerabilidade é visto como fraqueza. Além do mais, precisamos identificar quem são

as pessoas com quem vamos compartilhar nossas fragilidades e em qual colo nos abrigar, que acolherá nossas fragilidades.

Um pouco mais aliviada e acolhida em sessão, enxugou as lágrimas, respirou fundo, bebeu um gole d'água e prosseguiu... falando que nos primeiros dias em que foi roubada de sua família, oscilava entre temor e confiança, uma vez que nunca soube de roubos de criança. Questionou-se: "Como poderia?" Era criança, numa cidade pequena em que todos se conheciam e "os grandes" (Evaristo, 2020b, p.46), como ela se referia aos adultos, as protegiam de algumas informações que consideravam inadequadas para a idade, e por isso não tinham conhecimento de crimes e brigas internas ou externas à família, já que tudo e todas eram "familiar".

Sorrindo, colocando a mão no rosto e balançando sutilmente a cabeça em negativa, "Maria do Rosário" disse que em casa não havia motivos para temer perigos reais, apenas os imaginários, que o medo era de "mula sem cabeça, lobisomem, almas do outro mundo... Cobras e bichos os grandes matavam" (Evaristo, 2020b, p.46). E complementou: "Inimigos homens não tínhamos, nem ouvíamos os grandes comentarem" (Evaristo, 2020b, p.46).

Na época, em negação, "Maria do Rosário" ressaltou que foi necessário passarem muitos dias e noites de viagem para que ela compreendesse a gravidade da situação e que havia sido tomada de seus pais. Recordou das histórias que os mais velhos contavam sobre a escravização do nosso povo e de imediato, associou que iria "ser vendida como uma menina escrava" (Evaristo, 2020b, p.46).

Neste ponto, a cena do processo escravocrata aparece mais uma vez. Podemos imaginar como foi, e como deve ser, a retirada forçada de pessoas de suas famílias, de seu país, do seu lugar de pertencimento? Quais marcas são registradas na memória coletiva de uma população em totalidade, que teve sua dignidade dilacera e foi submetida a condições de violência extrema? E pior, embora o Brasil tenha sido vergonhosamente o último país a abolir de forma institucional a escravização nas Américas (CFP, 2017), esse crime permanece até os dias atuais[18].

"Maria do Rosário" contou do seu sofrimento nos primeiros anos que viveu na casa dos sequestradores. Diferente de sua casa, esta era grande, similar a uma fazenda. Detalhou o seu pranto: "choro gritado e choro calado" (Evaristo, 2020b, p.46). Remexeu-se na cadeira, olhou fixo para mim, franziu a testa e com determinação disse: Mas teve um dia, que não pensei duas vezes, "resolvi buscar o caminho de

[18] Ver: SENADO FEDERAL. **Escravidão moderna ou trabalho análogo à escravidão é crime.** Senado Federal, Brasília, 15 de mai. De 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/tv/programas/cidadania-1/2023/05/escravidao-moderna-ou-trabalho-analogo-a-escravidao-e-crime>. Acesso em: 21 de out. de 2023.

volta, peguei a estrada, ou melhor, uma das estradas que dava para a casa deles. Caminhei muito até cair extenuada de cansaço e fome. Devo ter desmaiado, pois, quando acordei, estava no quartinho onde eu dormia" (Evaristo, 2020b, p.46).

Mostrando certo alívio na sessão, "Maria do Rosário" olhou para cima e levantou as mãos destacando que eles nunca bateram nela, mas por outro lado, ignoravam a sua presença. Era "como se eu não existisse. Jamais perguntaram o meu nome, me chamavam de 'menina'" (Evaristo, 2020b, p.47), exclamou.

Ficou surpresa quando lhe deram um cachorro, em que nomeou de Jesuszinho e contou que eles descaradamente alegaram ser um presente de aniversário, pois fazia um ano que ela havia chegado à casa deles e também era maio, mês de Maria para o catolicismo. No ano seguinte, pontuaram mais uma vez sua condição e de presente recebeu cadernos e lápis, informando que uma amiga deles, chamada "B. C.", iria ensiná-la a ler e escrever.

Do sequestro vieram outras imposições, a imposição de um renascimento e tentativa de apagamento de sua história pregressa com novas experiências. "Maria do Rosário", ainda que mantivesse o ritual de antes de dormir, contar e recontar para si mesma suas histórias e histórias de sua família, a longo prazo isso não se sustentou, e, com desespero, percebia sua "gente como um desenho distante" (Evaristo, 2020b, p.47), pois os detalhes foram se distanciando, tal qual a distância que o jipe foi tomando no dia do seu sequestro.

Quando ausentes, o casal a deixa com "B.C.". Pelas características, "Maria do Rosário" também pensava que a moça era estrangeira. Quando "B. C." não ia, "Maria do Rosário" varria a casa, arrumava seu próprio quarto e tinha a vida resumida a ficar dentro dele e a brincar com seu cachorro. Como aprendeu a ler, "Maria do Rosário" foi premiada com um rádio e foi o meio de comunicação que possibilitou ter contato com o mundo externo. Escutando as notícias locais, descobriu que o casal não era estrangeiro e que estava no Sul do Brasil, quase na Argentina.

A analisanda destacou que nesta nova casa, cresceu sozinha. Quando ficou menstruada pela primeira vez, a moça deu instruções sobre esse momento, afirmando que agora ela era uma mulher, que provocou mais uma confusão. Ser mulher nunca foi uma questão para "Maria do Rosário". Como se não bastassem às alterações hormonais dada a fase transicional, a informação que agora ela era uma mulher a deixou mais confusa, uma vez que em sua memória, guardava o rosto de sua mãe e podia escutá-la dizendo que "tinha uma menina mulher e dois meninos homens" (Evaristo, 2020b, p.48).

Com pesar e dor, lamentou que em certo momento da sua vida, suas lembranças viraram esboço. Desculpando-se mais uma vez, explicou que sua fala

desorganizada tinha relação com as lembranças que faltavam, e que por isso, sua "história é feita mais de inventos do que de verdades..." (Evaristo, 2020b, p.47).

No entanto, "Maria do Rosário" me trouxe informações muito consistentes e tinha o seu modo de fazer as contas. Perto de completar oito anos do seu sequestro, contou que "B. C." tinha uma notícia para lhe dar. Momento que gerou muitas expectativas, no qual ela cogitou que poderia ser a chance de voltar para sua família.

Pelas circunstâncias e impossibilidade de mostrar suas emoções, "Maria do Rosário" aprendeu a contê-las e ficou em silêncio diante da inesperada notícia que "B. C." lhe traria, esperando até o final da tarde. Sua mente não parava, começou a fazer planos, imaginando-se na estrada, no reencontro com sua família e por outro lado, a preocupação de ter que deixar seu parceiro de brincadeiras, Jesuszinho.

A notícia veio. Mais um rompimento forçado de um laço, frustração e choro embargado. O casal havia se separado e uma mulher loira, tia de uma das partes, foi buscá-la. Ao menos pôde levar seu cachorro, contudo a dor de ter se separado de "B. C." foi impactante, pois de algum modo ela foi a pessoa mais próxima de "Maria do Rosário" nos últimos anos. Por mais que nunca tenha perguntado nada sobre a história de vida pregressa de "Maria do Rosário", elas desenvolveram uma relação.

Ainda que em condições privativas, podemos analisar neste momento da história, a importância dos laços afetivos para a manutenção da vida, em que "Maria do Rosário" encontra em seu cachorro e na moça que lhe ensinava a ler, modos para lidar com a realidade imposta.

Em outra casa, após ter passado por outras cidades, "Maria do Rosário" percebe que o ritmo passou a ser outro. "Maria do Rosário", novamente emocionada, relatou que seu cachorro não aguentou a forte agitação na cidade e morreu. Descreveu que era um horror o movimento no trânsito e a forma como as pessoas falavam com suas "vozes altas e desmedidas" (Evaristo, 2020b, p.50).

Agitada, reviveu a cena, gesticulava e balançava a perna. Narrou que entrou em um fluxo intenso de trabalho nesta nova casa, aprendendo a fazer todas as atividades domésticas, inclusive a cuidar de crianças. O rádio, a proibiram de usar. Uma das formas de ter conseguido aguentar, foi focando em juntar dinheiro para voltar para sua cidade.

O tempo passou, "Maria do Rosário" trabalhou em outras casas, perdeu o contato com os sequestradores, mas ficou com uma incompreensível questão sobre qual foi a motivação que os levaram a sequestrá-la.

Cabisbaixa, contou os efeitos das marcas do trauma: "Namorei, casei, descasei, algumas vezes. Filhos nunca tive, evitei e, as vezes que engravidei, não

deixei chegar ao término. Não queria ter família, tinha medo de perder os meus" (Evaristo, 2020b, p.51).

Conquistada a autonomia financeira, "Maria do Rosário" passou a transitar pelos lugares que desejava, mas perseguida pelo medo real e imaginário, questionava-se sobre a existência de sua cidade e de sua família, se eles ainda iriam se lembrar dela. Foi de cidade em cidade, escolhendo de forma minuciosa o local que iria morar, sempre em direção à sua cidade natal. Até que, quando se deu conta, lá estava "Maria do Rosário": De volta a sua cidade, trinta e cinco anos depois, residindo nela desde então, há vinte anos.

Reflexiva, "Maria do Rosário" contou que no mesmo período que houve o reencontro com sua cidade, estava passando por outro momento difícil. Sentindo-se desolada, sem esperanças, "lamentando as desgraças da vida" (Evaristo, 2020b, p.52), como afirmou. Estava em processo de separação conjugal do segundo casamento. O acúmulo de tensão provocou pensamentos repetitivos sobre o dia do sequestro, que se desdobraram em diversas versões. "Maria do Rosário" narrou uma das cenas respirando fundo: "Na versão modificada, eu-menina era jogada no porão de um navio, pelo casal que tinha me roubado de casa" (Evaristo, 2020b, p.52).

Como forma de elaborar tudo que estava passando, "Maria do Rosário" vinculou-se aos estudos e os tinham como salvação. Momentos antes de terminar a sessão revelou sensações e reações, que teve próximo a concluir o segundo grau. Ao ser informada em uma das aulas, que haveria um ciclo de palestras sobre "Crianças desaparecidas", passou mal e ficou doente. Minuciosamente disse:

> Quando soube do evento que ia acontecer, adoeci, perdendo os primeiros dias da jornada. Só no último dia consegui levantar da cama, mesmo assim, tomada por uma sensação de desfalecimento e febre. Uma força maior me comandava, entretanto. A força do desejo dos perdidos em busca do caminho de casa. Fui para escutar, eu não sabia nem dizer da minha perda. Nunca tinha relatado minha história para ninguém. Inventava sempre uma história sobre as minhas origens. Uma espécie de vergonha me consumia. Vergonha e culpa por ter me apartado dos meus (Evaristo, 2020b, p.52).

Notei seu corpo se retraindo, pegando para si a culpa de um crime, em que foi vitimada. Recapitulei sua história para que ela pudesse se escutar. Balançando a cabeça, concordando com o que eu sinalizava, "Maria do Rosário" se apaziguou e incrédula, disse que foi um milagre estar no local certo e na hora exata para que o improvável pudesse acontecer.

Na palestra escutou histórias parecidas com as suas, e sentiu sua angústia aumentando à medida que os relatos descreviam os "casos de desaparecimentos, sequestros, sumiços e fugas de crianças" (Evaristo, 2020b, p.53), conforme exclamou.

Dando sinais de que poderia ter um ataque de pânico, que de fato ocorreu, teve falta de ar, sensação de que iria morrer e desmaiou durante a palestra.

Mesmo confusa, alegando que estava com a mente perturbada no momento da palestra, a memória preservada de “Maria do Rosário” sobre a voz de sua mãe fez com que identificasse e encontrasse semelhanças ao escutar no evento, não apenas um tom de voz semelhante, mas também uma narrativa que compartilhava a história de uma irmã que havia sido roubada, que ela nem chegou a ter oportunidade de conhecer, pois quando o crime aconteceu ela era muito pequena.

Foi nos rastros, nos vestígios da memória que “Maria do Rosário” recordou a cena traumática. No momento entre a forte tontura e o desmaio, entre a voz que parecia a da sua mãe, repetiu a marca da cena do jipe tomando distância, do seu irmão chorando sozinho na estrada e ela indo embora. Desmaiou, e ao acordar a elaboração estava feita. Ao abrir os olhos, a moça que estava relatando a história da irmã sequestrada, segurava sua mão e nenhuma palavra precisou ser dita.

Ao trazer esse relato, com um sorriso que iluminou seu rosto, “Maria do Rosário” deixou o choro viver por alguns instantes. Nos abraçamos e minha única pergunta foi: Até semana que vem? E ela respondeu ternamente: “Até semana que vem.”

1.1.1 Cena 1 – O nome: entre dominar e se emancipar

Partindo do contexto histórico, em que existem diversas versões de como os colonizadores europeus chegaram ao Brasil no ano de 1.500, Nêgo Bispo (2015), assim como eu, aprendemos na escola que os portugueses estavam indo para as Índias e se perderam no caminho. Por isso, ao avistarem os povos originários aqui na América, deram o nome de índios.

Nêgo Bispo (2015) expressa algumas estranhezas a respeito da invasão – difundida como “descobrimento” – e nos faz questionar: Como eles, os portugueses, pensaram que chegaram às Índias e no primeiro momento denominaram essa terra de Monte Pascoal? Depois, notando que não era um monte, nomearam-na de Terra de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz, e por fim chamaram de Brasil? Mesmo que a história constate que os povos de língua tupi já tinham um modo próprio de chamar esta terra, no caso Pindorama, que significa Terra das Palmeiras, mas ainda assim, a generalização ao referenciar esses povos, permaneceu como “índios”, tentando apagar suas identidades, “impondo-os uma denominação generalizada” (Santos, 2015, p. 27), para coisificá-los e desumanizá-los.

Não vou me aprofundar nas possíveis histórias referentes ao significado de Monte Pascoal, Terra de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz ou Brasil. No entanto, é importante destacar o que Nêgo Bispo (2015) nos informa sobre o modo dos colonizadores generalizarem e nomearem os povos que tinham autodenominações.

Essa prática de renomear, produzia uma quebra de identidade ao aplicar uma técnica de domesticação, semelhantes às técnicas praticadas por adestradores de animais, "pois sempre que se quer adestrar um animal a primeira coisa que se muda é o seu nome" (Santos, 2015, p.27). Assim, os colonizadores fizeram com os povos originários e também fizeram com as populações do continente africano: "ao chamá-los apenas de 'negros'" (Santos, 2015, p.28).

A psicóloga e psicanalista Isildinha Baptista Nogueira (1998) vai nos dizer que "o nome que o negro recebeu, não representava o vínculo familiar, mas a condição de ser posse de outrem: não era um nome, era uma marca" (Nogueira, 1998, p. 112). A psicóloga afirma que o negro em diáspora perdeu sua origem histórica, uma vez que a única memória da saga familiar é feita após a escravização, em que foi retirado seu nome próprio e sua própria linhagem.

"Maria do Rosário" ao destacar que "Santos" é um sobrenome generalizado e não identificável (Evaristo, 2020b) denuncia as dificuldades em saber de sua origem familiar. Sendo uma mulher negra em diáspora, em qual país do continente africano descendem as raízes de sua origem familiar? Quais as línguas, costumes e histórias pregressas que "Santos" carrega como patrimônio subjetivo e material? Assim como Silva[19], seria só mais um Santos?

Ficam abertas essas questões sobre o apagamento do que se tinha antes da renomeação, e cabe atentarmos a outros pontos evidenciados no relato de "Maria do Rosário". Pontos, que estão relacionados ao catolicismo exagerado de sua família e o contraponto que ela reitera desde sua fala inicial ao declarar que: "De Imaculada nada tenho [...], mas não me sinto a primeira e nem a última das pecadoras, mesmo porque eu não acredito em pecados" (Evaristo, 2020b, p.43). E acrescenta: "A ela [Maria], dou o meu voto, o de crença, não o de castidade" (Evaristo, 2020b, p.43).

No que tange à religiosidade de "Maria do Rosário", é considerada a dimensão da sua relação religiosa, e dos elementos formativos que constituem sua subjetividade e as do coletivo. Entendemos que a área religiosa faz parte da constituição da subjetividade das pessoas, e quando este aspecto se apresenta no atendimento

[19] Faço uma alusão ao *Rap do Silva* que denuncia a banalização do extermínio das vidas na favela, que são reduzidas a pó, tratadas como nada. Acessar: SILVA, Moises Osmar da (MC Bob Rum). Música: Rap do Silva. Som Livre, 1996. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oVO1oGAprG0>. Acesso em: 14 de out. de 2023.

clínico, cabe a profissional de Psicologia primar por uma prática laica e respeitosa de acordo com o Código de Ética da Profissional de Psicologia (CFP, 2005; CFP, 2023).

Ainda que “Maria do Rosário” preserve sua fé e religiosidade, seu modo de vida não se aprisiona às significações que estão atreladas ao seu nome e por isso, sua sexualidade é vivida com liberdade. Ela faz valer seu direito ao próprio corpo, desejos e sexualidade, a sua própria vida, que foi literalmente sequestrada, e de algum modo seus valores estão alicerçados nas reivindicações dos movimentos feministas.

bell hooks (2018) defende os movimentos feministas como aqueles que desafiaram os estereótipos sexistas, que colocavam as mulheres, sobretudo negras, entre “o papel de madona e o de puta” (hooks, 2018, p. 101). Se nos aproximarmos das críticas feitas por Lélia Gonzalez (1980/2018), essas seriam as mães pretas e as mulatas dos carnavais, cuidadoras e hipersexualizadas, respectivamente, colocadas nesses lugares por um sistema sexista. Com o enfrentamento ao domínio racista e patriarcal, alguma autonomia tem sido possível para superar esses estereótipos.

Mas, infelizmente não podemos descansar, porque o conservadorismo está sempre aposto para tentar nos controlar. O absurdo mais recente se encontra no Projeto de Lei nº 1904/2024[20] que equipara o aborto acima de 22 semanas de gestação à homicídio simples, valendo inclusive para aborto em caso de gravidez resultante de estupro. Essa tentativa de controle dos corpos das mulheres significa um ataque direto aos Direitos Humanos, uma punição ultrajante a nós, mulheres, feriando os nossos direitos sexuais e reprodutivos, nos expondo ainda mais à violência do estupro, nos tornando algozes de um crime do qual somos vitimadas.

Frente a isso, diferente do que a história oficial de fundação do Brasil conta, nenhum processo de violência é imposto por aceitação pacífica. Eclodiram manifestações contrárias ao Projeto de Lei nº 1904/2024 nas ruas de diversos Estados brasileiros e no próprio parlamento, feito por políticos comprometidos com a sociedade, que expuseram o referido Projeto como violador dos Direitos Humanos, e, portanto, inconstitucional.

1.1.2 Cena 2 – O sequestro: a marca do trauma e os processos psíquicos de elaboração

[20] Ver: **PL Nº 1904/2024, DE 17 MAIO DE 2024.** Agência Câmara de Notícias. Câmara dos Deputados, Brasília, DF. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2434493#tramitacoes>. Acesso em: 24 de jun. de 2024.

O caso de “Maria do Rosário” pode ser considerado um clássico da história da diáspora negra e ressalta como é indispensável e urgente os estudos a respeito das relações étnico-raciais no contexto brasileiro. Isso me trouxe um alerta, ainda temos poucas referências que abordam os aspectos que envolvem as relações afetivas de pessoas negras, apresentando o direito de amar como algo que nos constitui para além do romantismo *hollywoodiano*, e quando se trata de racismo, o foco geralmente está relacionado a morte física.

Para tanto, bell hooks (2010) é minha grande referência na área dos estudos étnico-raciais e políticos-poéticos, ela nos apresenta os impactos do sistema escravocrata e das hierarquias racistas, como criadores de condições muito difíceis para que pessoas negras pudessem se nutrir espiritualmente e desenvolver a capacidade de amar. Enfatiza que são condições difíceis, mas não impossíveis, e que há necessidade do reconhecimento dos malefícios da opressão e da exploração que distorcem nossa capacidade de dar e receber amor.

Quanto as dificuldades de querer e amar, bell hooks (2010) vai nos dizer que:

> Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, ‘feridos até o coração’, e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e consequentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando (hooks, 2010, sem paginação).

No momento em que “Maria do Rosário” narrou as particularidades da sua vida afetiva-sexual, notei que o destaque que ela empregou à respeito da sua liberdade sexual, ela não estava apenas dizendo sobre vivenciar sua sexualidade livremente, mas no medo em se vincular e perder abruptamente a pessoa amada.

Neste instante, “Maria do Rosário” mostrou a marca do trauma que o sequestro deixou na sua história, fazendo reativar as cenas do processo escravocrata, do qual teve conhecimento através das histórias contadas pelos seus mais velhos, ao ponto de pensar que seria “vendida como uma menina escrava” (Evaristo, 2020b, p.46).

O medo, desdobrado em insegurança e elevada ansiedade, ficou impregnado nesse campo de sua história, especialmente na parte mais delicada da vida de qualquer pessoa: a infância. Infância roubada, sequestrada, marcada por muitas perdas e separações, apartada de sua família e obrigada a conviver com pessoas desconhecidas. Marcada por intenso sofrimento, que por vezes o choro era ora gritado, ora calado, sem amparo e solitário.

Como se não bastasse, até com a pessoa com quem desenvolveu um vínculo afetivo, na casa em que passou a morar após o sequestro, teve que dizer adeus

devido à separação do casal de sequestradores. Foram sucessivos acontecimentos de separação, partidas e despedidas de pessoas com que “Maria do Rosário” desenvolveu relações significativas.

bell hooks (2010) conta que a escravidão condicionou pessoas negras a conterem e reprimirem muitos sentimentos, não apenas pelo testemunho diário de abusos e punições cruéis. Reprimir as emoções significava também um tipo de proteção e sobrevivência, frente a situações de vulnerabilidade e sofrimento insuportável. Em um cenário em que as relações eram transitórias e de intensa instabilidade, iminente de se ter um familiar vendido e retirado a força do convívio, como imaginar um relacionamento à longo prazo? Seria como esperar por um momento que talvez nunca chegasse e essa incerteza acarretasse desespero.

Os referidos acontecimentos compartilhados na sessão, ajudam a explicar a dificuldade de “Maria do Rosário” em formar vínculos e relacionamentos mais duradouros na sua vida adulta. Afirmar que evitou ter filhos e que não queria formar uma família devido ao medo de perdê-los, indica a possibilidade de um Estresse Pós-Traumático (OMS, 2019).

Quando se deparava com situações difíceis, a ansiedade de “Maria do Rosário” vinha com voracidade. Os pensamentos repetitivos sobre o dia do sequestro, foram os registros que ficaram, iam e voltavam em suas lembranças e ações, como exemplificou ao relatar sobre o processo de separação do seu segundo casamento. Percebem como a perversidade do racismo corrói a alma e as relações?

“Maria do Rosário” expressou seu lamento por ter demorado trinta e cinco anos para tomar coragem e regressar à sua cidade, uma vez que em dado momento, havia conquistado a autonomia de ir e vir. O medo, emoção muito presente em sua vida, indica uma necessidade protetiva. O tempo aqui, não cabe ser avaliado pela perspectiva cronológica, mas sim psicológica, o tempo do Inconsciente. Tempo atemporal para que ela pudesse suportar as bruscas e consecutivas perdas, que também significam lutos carecidos de cuidado.

A demora presente nos relatos de “Maria do Rosário” do que ela viveu longe de sua família, não foi tempo perdido. Paulo Freire (1992) nos lembra com sua *Pedagogia da Esperança*, que é preciso esperar na luta e na prática, para desvelar os obstáculos. Deste modo, “Maria do Rosário” encontrou uma forma de continuar vivendo, não naufragar em suas emoções e na sua história reprimida, mas que agora foi compartilhada e pôde desaguar com conforto.

Os estudos e o processo de análise foram ferramentas, seu colete salva-vidas para navegar em águas perigosas, mas curativas. O processo de repetir a decisão de continuar mudando de cidade em cidade, também possibilitou que fosse recordando e

elaborando sua história pregressa, com o objetivo de se reencontrá-la (Freud, 1914/2010). Persistiu à nadar em águas desconhecidas, na busca de seu porto seguro: sua família.

Se é na própria experiência e nas dificuldades que a pessoa se torna sagaz (Freud, 1914/2010), a escuta sensível de “Maria do Rosário” foi seu ponto de sagacidade por ter guardado o registro da voz de sua mãe, sendo crucial para uma das grandes elaborações de sua história.

Na conclusão do segundo grau, ao ter notícias do ciclo de palestras sobre “Crianças desaparecidas”, apresentou uma reação psicossomática tão intensa, que chegou ao ponto de adoecer e ficar acamada por alguns dias. Apenas no último dia da palestra conseguiu levantar-se da cama e foi assistir ao evento. Deixando explícito que as sensações físicas de desfalecimento e febre não eram mais fortes do que “a força do desejo dos perdidos em busca do caminho de casa” (Evaristo, 2020b, p.53), conforme enfatizou.

O desejo move e “Maria do Rosário” foi para escutar, já que não sabia dizer a respeito de sua perda, pois havia sido privada de relatar sua história. A identificação com os depoimentos foi se transformando em angústia. Sentir o som da voz de sua irmã, voz similar à de sua mãe registrada e marcada na curta infância, foi o suficiente para que vestígios fossem conectados e a levassem de volta à sua família.

“Maria do Rosário” passou anos de sua vida sem ter tido a oportunidade e o direito de falar a respeito de sua história e de expressar suas emoções, reprimindo sua dor. Sua condição me fez lembrar de uma famosa frase popular: “quando a boca cala, o corpo fala” e nesse sentido, seu corpo falou por meio do desmaio, perturbação e um *insights* significativos.

Retorno a bell hooks (2010) para destacar que em uma sociedade hostil, mostrar os sentimentos é concebido como sinal de fraqueza. Além da máxima imbuída que pessoas negras são muito emocionais, enquanto os brancos são detentores da razão. Historicamente, pessoas negras foram privadas emocionalmente e apenas quando encontravam lugares de resistência, cultivados com muito cuidado, é que podiam expressar sua emocionalidade.

Na ausência desses espaços ao longo da vida, “Maria do Rosário”, encontrou na Clínica um lugar seguro e a menção de bell hooks (2010) a respeito dos lugares de resistência me deixou a refletir se não era esse o quilombo que Nêgo Bispo (2015) e Beatriz Nascimento (1976/2018) nos apresentaram como uma possibilidade de sociedade contracolonial.

2. *Apesar de você, amanhã há de ser outro dia*[21] – aprendendo a transgredir para sonhar e realizar

2.1. Rose Dusreis

Como de costume, “Rose Dusreis” chegou abrindo um sorriso largo, me dando um abraço forte. Eu, que não estava lá essas coisas, irritada, sem paciência, porque a brusca mudança climática e o calor excessivo do Rio de Janeiro não colaboram muito com a manutenção do bom humor. Ainda assim, não resisti ao seu jeito espontâneo e a alegria tomou meu corpo. A animação que sinto ao entrar em um atendimento, reapareceu tão naturalmente quanto ao jeito descontraído de “Rose Dusreis”, quando dei por mim, estávamos ela e eu, sentadas no chão para darmos prosseguimento à sessão.

Com o cansaço estampado em seu rosto, respiração ofegante, mas sem largar a simpatia que espalha por todo o ambiente, “Rose” sinalizou que hoje gostaria de falar mais a respeito de sua infância, das condições socioeconômicas que atravessavam sua família, e, consequentemente, sua relação com a dança iniciada no período escolar.

“Tha, minha diva, preciso te contar!”, exclamou “Rose” relatando que depois da última sessão se lembrou de frases e acontecimentos que marcaram sua carreira artística, e agora consegue compreender o quão difícil foi se firmar como professora e bailarina, como a artista que é. Estudante de escola pública juntamente com as irmãs, “Rose” e suas colegas, – que também eram pobres – dependiam do humor da professora de dança para assistir os ensaios das aulas de balé. Embora as aulas de dança acontecessem no salão da escola em que estudava, o curso em si era particular, por isso o acesso era restrito, condicionado a autorização da professora. “Rose” especificou também que o público na plateia era sempre feminino.

“Eu nasci com o pendor da dança, embora para a minha família, isso não significasse nada. [...] ‘Não comemos dança’, dizia minha mãe, toda vez que eu chegava da escola, encantada com o ensaio de balé a que eu assistia lá” (Evaristo,

[21] Ver: FILHO, William Helal. **'Apesar de você': O hino de Chico Buarque que a ditadura censurou após levar drible do poeta. Globo, 07 de mai. de 2021.** Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/apesar-de-voce-o-hino-de-chico-buarque-que-ditadura-censurou-depois-levar-por-debaixo-das-pernas.html>. Acesso em: 07 de mai. de 2024.

2020b, p.107), contou “Rose” com brilho nos olhos, marejados de lágrimas, afirmando que dançar não gerava nenhuma fonte de renda.

A frase declarada pela mãe de “Rose Dusreis” chamou minha atenção e não cabia ser analisada por uma perspectiva puramente castradora por parte de sua mãe, mas sim como uma forma dela expressar a preocupação em ter o básico para sua família, o alimento. O básico também inclui o direito de sonhar. Não é exceção que nesta sociedade profundamente desigual, a urgência pela sobrevivência não possibilita que sonhos sejam validados, pois extrapolam a dimensão da realidade material, onde a dureza produzida pela pobreza pode sim sequestrar e embarreirar desejos.

Gesticulando com as mãos, “Rose” continua seu relato fazendo desenhos suaves no ar, na tentativa de reproduzir o balanço das “alunas da professora ‘A. B.’, meninas vestidas com roupas de balé, [que] rodopiavam no ar e se equilibravam nas pontas dos pés” (Evaristo, 2020b, p.108). “Rose Dusreis” explicou que a professora “A. B.” se dividia em duas funções, no horário escolar dava aula de música para sua turma e no final da tarde “ensinava balé e dirigia o famoso corpo de dança de meninas na cidade” (Evaristo, 2020b, p.108).

Atenta ao comportamento da professora, “Rose” percebeu apenas depois, que havia distinção no tratamento dado pela professora, que parecia estar ligado diretamente ao perfil das alunas de cada turma: a turma de música e a turma de balé.

“Rose” contou que:

> Essa professora era temida por sua severidade. Ai de quem desafinasse ou se distraísse por qualquer motivo durante os ensaios do coro; entretanto nas aulas de balé, ministradas fora do horário escolar, para um grupo específico de meninas, [A. B.] era só gentileza, só candura (Evaristo, 2020b, p.108).

Em dois dias de ensaio, percebendo “tanta doçura na voz e nos gestos” (Evaristo, 2020b, p.109), mas sem ter a dimensão que esse tratamento era destinado a um grupo específico. “Dusreis” conta que se atreviveu e pediu para fazer parte do grupo de balé. De partida, colocou a ressalva de que não poderia pagar em dinheiro e ofertou, como possibilidade, a gentileza e grandeza profissional de sua mãe para lavar as roupas da professora. Fez questão de declarar o orgulho e admiração que sente pela profissão de sua mãe, a de ser lavadeira.

Como resposta, “A. B.” pousou a mão na cabeça de “Rose” e com um sorriso no canto da boca, afirmou que “meu tipo físico não era propício para o balé” (Evaristo, 2020b, p.109). Na ocasião, “Rose” tinha somente oito anos de idade. Em sessão, passando as mãos sobre a própria cabeça, como se tirasse as mãos da professora, respirou fundo e me disse em voz embargada: “Anos depois, a cada dificuldade

enfrentada para me profissionalizar, eu me relembrava da resposta que me foi dada naquele momento" (Evaristo, 2020, p.109).

Percorrendo os vestígios de sua memória, "Dusreis" identifica outra cena, talvez a inaugural, que firmou sua certeza de que um dia seria uma profissional da dança, ainda nos primeiros anos da escola. Em uma festa de final de ano, organizada pela escola, diversas atividades eram propostas, entre elas apresentações culturais, "de dança, de canto, teatro, jogral, competição de futebol e de vôlei, jogos de sabatinas em torno de nomes representativos da história do Brasil, etc., etc. [...] só uma atividade me interessava: a de dança. Eu queria dançar, eu queria dançar..." (Evaristo, 2020b, p.109).

Eufórica, relatou "Rose", complementando que uma das professoras lhe fez o convite para encarnar o papel de uma boneca preta, que iria cantar e dançar. "Dançando, representaria uma personagem de uma história infantil, muito conhecida na época. Feliz, já naquele momento, encarnei o meu papel. Eu era eu mesma, a bonequinha preta" (Evaristo, 2020b, p.109). Batendo no peito, vibrava "Rose Dusreis".

Contudo, se recolheu em seguida, após descrever com tristeza, a decepação da esperança de um convite que não se concretizou, tanto para ser a bonequinha preta, quanto com a ilusão criada e idealizada na professora "A. B.", que acompanhou alguns dos ensaios de "Dusreis" e teceu elogios por tamanha desenvoltura. "A. B." inclusive, demonstrou surpresa pelo reconhecimento do público, que irrequietos, aplaudiam como se fosse uma apresentação oficial. Era o mesmo público que antes acompanhava as aulas de "A. B." e "Rose" acreditou que ali, no momento do elogio, viria o convite para finalmente fazer parte das aulas de balé da referida professora.

Pois bem, nem uma coisa, nem outra, "Dusreis" contou que sem nenhuma explicação foi substituída na semana da festa por uma "menina branca, pintada de preto, [que] [...] fingiu ser a bonequinha negra" (Evaristo, 2020b, p.110), que ela à princípio seria. "Rose" franziu a testa e ressaltou com firmeza que:

> [...] nem as dores, as violências sofridas nessa época de infância, cuja compreensão me fugia, tiveram a força de me fazer desistir. A cada dificuldade que me era apresentada, a minha determinação crescia, apesar de... E, se [A. B.] não me aceitou, outros caminhos se abriram em minha direção (Evaristo, 2020b, p.110).

A determinação de "Rose Dusreis" era admirável. As frustrações vivenciadas naquela época não foram capazes de destruir seus sonhos, e me faziam refletir de qual lugar partia tanta força e bravura. Foi então, que ela seguiu contando sua história, informando que aos nove anos, seu pai morreu e sua mãe ficou sozinha para cuidar de cinco filhas, ainda crianças. A mais nova de suas irmãs tinha três anos e a mais velha onze anos. Seu pai era pedreiro e seu salário vinha a somar com a renda das

tarefas exercidas por sua mãe, entre lavar roupa, cuidar da terra, cultivar a horta e criar galinhas.

Mesmo no exercício de múltiplas tarefas, o ganho de sua mãe tornou-se insuficiente diante da morte de seu pai. Veio a proposta de uma das patroas da mãe de “Rose”, sugerindo que as meninas fossem repartidas, a começar por “A. D.”, sua irmã mais velha, escolhida para trabalhar como babá. Novamente, com os olhos nebulosos, seu pranto rolou e soluçando contou que:

> Mamãe e nós todas chorávamos copiosamente, mesmo com a promessa de que de tempos em tempos, [A. D.] viria em casa nos visitar. Foi ainda naquele tempo que descobri que a saudade é também uma dor física. De noite, a ausência do corpo de minha irmã, que dormia comigo na mesma cama, deixava um vazio sobre o nosso magro colchão de capim, que doía em mim toda, confundindo com uma sensação de frio. Meses depois, seria eu a desgarrada da família. Quem me levaria, sob a responsabilidade da paróquia local, seria uma congregação de religiosas católicas; elas eram fundadoras de uma rede de colégio comprometida com a educação de meninas de famílias abastadas. Toda a dor em mim naquele momento se confundiu. A morte de meu pai, a partida forçada de minha irmã, a minha ida já programada para o colégio, a falta que a minha mãe me fazia (Evaristo, 2020b, p.111).

Momento de deságue. Nenhuma palavra minha era necessária, apenas minha presença receptiva e atenta a cada gesto. Afetuosamente entreguei o lencinho, cuja caixa também não daria conta da profunda dor que “Rose Dusreis” carregava consigo. Ali comigo, ao se expressar, permitiu-se ser frágil, vulnerável e acessar uma outra força que diz sobre sua humanidade.

O *setting* foi tomado por alguns instantes de silêncio, intercalados com sua respiração trêmula, que em seguida viraram uma inquietação, com falta de ar e desespero. “Rose” estava com a ansiedade exacerbada. Com cuidado, pedi licença, segurei em suas mãos, solicitei que respirasse junto comigo e prestasse atenção no ar entrando, preenchendo seu corpo como se estivesse a bailar. Ao jogar para fora, fizesse o movimento de liberar as dores que essas sucessivas partidas causaram.

As lágrimas foram percorrendo seu rosto a cada momento de inspiração e expiração, seu corpo se acalmava e quando percebi que se apaziguou, perguntei se ela gostaria de encerrar a sessão e continuar no próximo encontro. Respondeu que seria melhor essa pausa, mas que fazia questão que na semana seguinte retomássemos de onde paramos.

Acredito que vale descrever algumas características físicas e comportamentais de “Rose Dusreis”, uma vez que as marcações em seu corpo e gestos expressam as diversas discriminações e preconceitos que são traçados nesta sociedade, dos quais, eu também não estou imune. Em nosso primeiro encontro, meses atrás, “vi, diante de

mim, uma mulher [negra] de porte pequeno a aparentar uma extrema fragilidade" (Evaristo, 2020b, p.105).

> Ao ouvir a sua voz, quase um fio de som, respondendo aos meus cumprimentos [...], não fosse a vitalidade demonstrada por ela, durante todo o decorrer da [sessão], eu pensaria em Rose Dusreis como alguém cuja saúde comprometida causasse um enorme sofrimento. Nada em Rose, o minguado talhe, o rosto com expressividade de boa menina, a voz esfiapada e lenta, indicava o vigor que ela possuía. E nem deixava transparecer os desafios enfrentados e vencidos por ela (Evaristo, 2020b, p.105).

Dois dias antes do nosso próximo encontro, "Rose" me enviou uma mensagem explicando que estava tendo dias difíceis, informando que o frequente deslocamento para sua academia já estava sendo desgastante e suas dores aumentando, me perguntou se eu poderia atendê-la em seu salão de danças.

Falou também que sua hematologista estava fazendo um acompanhamento mais próximo em conjunto com a Equipe de Referência da sua região, dando apoio necessário para seu cuidado e autonomia. Propostas que cuidado interdisciplinar que fazem parte da *Clínica Ampliada*, que é direcionada pela Política Nacional de Humanização (Brasil, 2009). Verifiquei minha disponibilidade na agenda e diante da situação, remanejamos o dia e o horário para que o atendimento acontecesse de forma presencial, como seria mais confortável para "Dusreis". Por algum motivo, ela não quis que eu entrasse em contato com a equipe de saúde, optou por não dar detalhes a respeito desta escolha.

Peguei trânsito no caminho, o metrô ainda ficou parado um tempão na estação e por pouco não me atrasei. Cheguei um pouco ofegante no salão de danças e "quando entrei em uma sala toda espelhada, vi a imagem triplicada de 'Rose'. A pequena mulher aparecia nas paredes laterais, na central, ao mesmo tempo que me sorria frente a frente" (Evaristo, 2020b, p.106). Me tranquilizei ao olhar o relógio. Recebida pelo sorriso receptivo de "Rose", acompanhado de "uma música [que] vinha do fundo da sala, uma suave e viva canção, algo como vozes de mulheres vocalizando. Pensei em lamentos de blues entoados pelas negras americanas. Nina Simone, talvez" (Evaristo, 2020b, p.107).

"Rose" "me convidou para tomar aulas, caso eu quisesse. Ela era professora de balé clássico, de dança moderna, de balé afro, de *jazz*, de sapateado e de dança de salão" (Evaristo, 2020b, p.106). Falei que iria pensar com carinho em seu convite, e expliquei sem que soasse como desculpa, ou pouco caso, que tenho muita vontade de voltar a dançar. Compartilhei com ela que fiz breves aulas de *zouk*, mas tive que parar porque o retorno para casa era perigoso, por ser tarde da noite, e também tenho ficado muito comprometida com as atividades da Psicologia. Ressaltei que considero

fundamentais esses movimentos e que a arte tem muitos ganhos terapêuticos, inclusive faz parte das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), outro campo que tenho interesse em me aproximar.

Imediatamente, “Dusreis” abriu um grande sorriso e apoiou meu interesse na vida acadêmica articulada com a social. Declarou que estudar é uma boa oportunidade para realizar sonhos e que a propósito, foi isso que permitiu que ela realizasse seu sonho de viver dançando. Recapitulou as memórias narradas no último encontro e contou com lamento o fato de ter deixado a família, de ter sido “entregue às irmãs da congregação ‘Amadas do Calvário de Jesus’” (Evaristo, 2020b, p.112). Um lenitivo que recebeu foi ao ser informada por sua mãe, que o novo colégio tinha aulas de canto e dança. Apesar da tristeza, afirmou:

> E fui, apesar de... apesar de trabalhar intensamente. Acordava cedo, junto com outras meninas tão pobres quanto eu, para ajudarmos no preparo do café das meninas ricas. Aprendi todos os afazeres de uma casa, cozinhar, lavar, passar, arrumar. Descobri, com o tempo, que as irmãs vindas de famílias pobres eram as operárias, as domésticas, as agricultoras, enfim, as trabalhadoras exploradas da instituição, e nós, as meninas sem posse alguma, éramos as suas auxiliares. Mas foi com professores religiosos e leigos, sob os cuidados das irmãs “Amadas do Calvário de Jesus”, que tive uma educação, como se fosse uma jovem rica da época. Canto e balé clássico fazem parte de meu currículo. Ali estudei até os meus dezessete anos, quando tive de deixar as irmãs e voltar à casa materna (Evaristo, 2020b, p.112).

Junto à tristeza, também havia sentimentos de raiva e ressentimento, que mesmo reprimidos estavam presentes nos relatos de “Rose”, referentes a sua família paterna e dos parentes ricos e longínquos de seu pai. Era compreensível suas reações em análise diante das injustiças que perpassavam sua esfera familiar. Ter um lugar para falar sobre esses sentimentos, sem que fosse julgada, proporcionou alívio e aos poucos dissipou seu sentimento de culpa.

“Rose” considerava um absurdo suas duas irmãs mais novas, “P.” e “F.”, terem ficado sozinhas “sob a precária ajuda dos vizinhos” (Evaristo, 2020b, p.112), enquanto sua mãe levava consigo para o trabalho “na casa da família Fontes dos Reis Menezes” (Evaristo, 2020b, p.112) a caçula de três anos.

> Nó familiar inaugurado no tempo em que os homens da casa-grande eram donos dos corpos das mulheres, dos homens e das crianças da senzala. Meu bisavô paterno era filho do Coronel Fontes dos Reis Menezes com Filomena, a escrava de dentro de casa, a mãe preta dos filhos dele. Foi essa a origem do meu sobrenome, que, ao ser dito como Dusreis, nos originalizou e nos apartou daqueles, os Reis de Menezes, que não nos reconheciam nem como parentes distantes (Evaristo, 2020b, p.112).

No contexto familiar de “Dusreis”, a rejeição era dada de partida, e talvez esse conhecimento prévio da divisão racial, que se reflete nas tarefas de gênero e classe,

ainda que não fossem difundidos de forma explicita à época, tenha sido um ponto que auxiliou “Rose” a manejar o quê vivenciou no novo colégio. Contou que ficou por pouco tempo quando retornou a sua casa, pois o mundo a chamava para a dança, ou melhor: “eu chamava, eu pedia ao mundo que me desse dança, e a vida me atendeu” (Evaristo, 2020b, p.113), expressando sua fé, enfatizou “Rose”.

A carta de apresentação, feita por uma das professoras de dança que “Rose” conheceu neste colégio, foi o passaporte que “abriu portas” (Evaristo, 2020b, p.113) e também voos, já que pôde cursar vários estilos de dança fora do seu Estado e do Brasil. Chegando a fazer parte de grupos nacionais e estrangeiros, notou que na maioria das vezes ela era uma das poucas, se não a única, bailarina negra do grupo.

Apesar das adversidades, a vida ia seguindo. Feliz, de tempos em tempos se reunia em família. Sua mãe era um ponto de esteio e âncora para “Rose” e suas irmãs. Sua mãe se emocionava ao assistir suas apresentações, fossem nas cidades brasileiras ou no palco improvisado na varanda de casa, em que “Rose” dizia se exibir para a família e amigos vizinhos.

Perguntei como essas lembranças desse tempo lhe ressoavam naquele momento, e ela destacou:

> “Mamãe se emociona sempre, é como se ela estivesse me assistindo pela primeira, ou talvez pela última vez, não sei... De minhas irmãs, a recordação mais profunda do pouco tempo que estivemos juntas na infância é a lembrança dolorida de nossa separação” (Evaristo, 2020b, p.114).

Neste ponto, pude notar com mais nitidez que a separação forçada que “Dusreis” vivenciou juntamente com sua família foi um evento traumático, capaz de fazê-la esquecer de algumas memórias, deixando o medo à espreita; como no olhar recebido por sua mãe durante suas apresentações artísticas. No entanto, foi interessante saber que os episódios traumáticos também não fizeram com que suas irmãs ficassem paralisadas. Cada uma deu um destino à situação vivida, desenvolvendo habilidades que condizem à sublimação[22], para fazer reverberar as suas potencialidades.

A irmã mais velha, “A.”, ao assumir a responsabilidade de ser babá, tornou-se professora. As duas irmãs do meio, “P.” e “F.”, por terem ficado sozinhas, aprenderam a realizar as atividades domésticas e a gerenciar a casa, posteriormente precisaram trabalhar em casa de família, mas se casaram, tiveram filhos e com as suas economias, abriram uma pequena pensão, sendo “hoje, o modesto hotel ‘Rosas Mil’, o

[22] Conceito psicanalítico. Um dos mecanismos de defesa do Ego, que auxiliam a pessoa a lidar com os conflitos vindos da interação do mundo interno com o mundo externo.

único da cidade, pertence às duas" (Evaristo, 2020b, p.114). A caçula, "N.", no entanto, nunca se desgarrou de sua mãe. "Rose" mencionou que parecia que sua mãe tinha adivinhado a curta existência de "N." neste plano, pois sua irmã veio a falecer nas vésperas de seus vinte e um anos.

Falar sobre o falecimento de sua irmã foi um ponto doloroso para "Rose Dusreis", uma vez que tocava em outra parte profunda de seu íntimo. Assim como a irmã "N.", "Rose" recentemente descobriu que tem anemia, que ajuda a explicar sua fraqueza recorrente e intensificada nos últimos meses. Será que "Rose" enfrentaria uma condenação pelos glóbulos brancos, semelhante ao que aconteceu com Frantz Fanon (Faustino, 2018)?

Foi intrigante escutar de "Dusreis" a dimensão como descreveu a fraqueza em proporção aos efeitos que a dança lhe provoca, que fez total sentido quando em seguida, revelou que quase tudo a deixava cansada, inclusive falar, mas que a dança ocupa um outro lugar. Brincou:

> [...] o meu sangue está se descolorindo, de vermelho tinto vai se embranquecendo. Uma franqueza vai me tornando na mesma proporção que a dança me plenifica mais de prazer. Já me perguntaram se eu sofro. Digo que depende da hora. Neste exato momento, sim. Falar me cansa, andar me cansa, dormir me cansa, quase tudo me cansa... Dizem que algumas pessoas escrevem para não morrer, outras pintam, algumas representam, e há também as que cantam, as que tocam instrumentos, as que bordam... Eu danço (Evaristo, 2020b, p.115).

No final do encontro, "Dusreis", com toda sua delicadeza, se levantou e estendeu-me a mão, me conduzindo a dançar. E eu, mesmo ficando desconcertada, me atrevivi, permiti que ela me conduzisse. "Dusreis" me ensinou uma coreografia moderna, que ela mesma havia produzido, inspirada pela dança tradicional de uns dos povos africanos, da região de Kendiá. Dança inspirada em uma apresentação que assistiu em uma viagem que realizou com o corpo oficial de balé de sua cidade natal.

> A aprendizagem de Dusreis foi além da dança. Ali ela apreendera o bailado da existência. Dança que os kendianos, em determinados momentos, realizam como celebração da vida, que se inaugura e que em um dia qualquer se esvai, como dádiva de uma força maior. Força que rege a vida dos homens, dos animais, das plantas, de tudo que existe. Força que está guardada em nosso corpo, a sua versão visível e que não finda, mesmo quando esse corpo tomba, como se fosse a mais tenra penugem das asas de um frágil pássaro bebê, flutuando no ar (Evaristo, 2020b, p.115).

Terminei a sessão realmente flutuando. Três dias depois recebi a notícia de que aquela minha única dança havia sido a dança final de "Rose Dusreis". Mas aprendi com a bailarina, que a força não finda!

> [...] o que se apresenta como revelação aos nossos olhos, aos nossos ouvidos, guarda insondáveis camadas do não visto e do não

> dito e eu digo do não escrito. Entretanto, signos de presença subsistem na aparente ausência daqueles que partiram de nós, como Rose Dusreis, naquele dia, enquanto dançava a plenitude de sua história final. E seus passos vida-morte-vida ficaram desenhados nos olhos de minhas lembranças (Evaristo, 2020b, p.116).

A dança foi o lugar de vitalidade e potência máxima para “Rose Dusreis”, sempre sendo seu lugar de pertencimento. A força maior que ela me convidou a experimentar, estava em seu desejo de viver bailando, de seus movimentos para atravessar os perigos. Apesar dos pesares e de todas as adversidades que passou desde a infância, “Rose” não permitiu que dela o sonho fosse separado. Mesmo após a sua dança final, regou em mim a esperança de continuar plantando, fazendo o cultivo para que amanhã seja um novo dia, nessa “vida-morte-vida” (Evaristo, 2020b, p.116), nesse “princípio-meio-princípio”, como Nêgo Bispo (2015, p. 20) nos ensina.

2.2.1 Cena 1 – Aprendendo a transgredir através de uma educação libertária

Dentro de uma sociedade dominada por valores ocidentalizados, estruturada pelos interesses capitalistas do colonialismo patriarcal (Nascimento, 1978; Oyěwùmí 2021), tudo está em disputa e com a educação não é exceção. Cresci escutando minha mãe afirmar o quanto seria importante eu estudar para ter uma vida diferente da dela. Não é incomum escutarmos frases de mães, pais e familiares dizendo as crianças que: “estude para ser alguém na vida”; “estudar é investir no futuro”.

Parece que ter estudo concede um tipo de lugar social. Mas que lugar é esse que o diploma permite alcançar? Ou melhor, a quem é permitido alcançar o diploma? E qual o preço a ser pago para obter o famoso canudo, esse objeto *fálico* que representa um suposto saber e poder? Digo suposto, porque ter um diploma não é garantia de nada, tampouco garante conhecimento ou sabedoria.

A grande questão é que quando se tem uma organização social controlada por uma normativa branca-cis-hetero-rica, o que se difunde em larga escala são valores reproduzidos à sua imagem e semelhança, ao ponto de negar as diferenças, restringindo a participação plural, e minando o pertencimento em prol de perpetuar o projeto de dominação. Questões relacionadas ao controle normativo das organizações sociais ficam explícitas nas narrativas que tentam impor uma verdade única, controlando os conteúdos que são distribuídos em sala de aula e que passam pela própria formação do corpo docente.

O projeto colonialista patriarcal, em qualquer lugar que ele se desloque e alcance, tem seu *modus operandi* direcionado a nossa inferiorização, exploração e controle dos nossos corpos e mentes (Oyěwùmí, 2021). Podemos ir à diáspora negra,

– à exemplo e combate ao esquema colonial e sua perversão – no contexto estadunidense bell hooks (2013) nos informa que desde cedo aprendeu com professoras negras, em escolas exclusivamente negras, uma “pedagogia revolucionária de resistência, uma pedagogia profundamente anticolonial” (hooks, 2013, p. 10). bell hooks (2013) relata que suas professoras buscavam conhecer as famílias, a condição econômica, os hábitos, a religiosidade e até o tratamento que as estudantes recebiam em suas casas. Com isso, bell hooks também aprendeu a importância da devoção aos estudos e à vida intelectual, como ato contra-hegemônico para resistir a todas as artimanhas racistas.

Esse contato próximo com professoras alinhadas e politicamente comprometidas com um ensino antirracista, foi fundamental para que bell hooks (2013) tivesse na escola, referências consolidadas a respeito do seu próprio ser, assim como prazer em aprender e liberdade para se reinventar. Já em casa, era perigoso manifestar ideias que contrariavam os valores e crenças estabelecidos pelos adultos e ficava limitada acerca de quem e o que ela deveria ser.

Com a integração racial escolar, houve uma grande mudança problemática, tanto no modo em que os conteúdos eram passados, resumidos à pura informação, quanto no próprio conteúdo impregnado por valores racistas nas escolas de brancos. Inclusive, o que era esperado das estudantes negras “era a obediência, não o desejo ardente de aprender” (hooks, 2013, p. 12).

Na transição no sistema escolar, raras foram as professoras brancas que resistiam à parcialidade racista e algumas professoras negras, mesmo correndo riscos de acusações por favorecimento à própria raça, se uniram e continuaram a dar apoio às estudantes negras. Acreditando que a educação aumentaria a nossa capacidade de sermos livres e aprendendo a diferença entre “a educação como prática de liberdade e a educação que só trabalha para reforçar a dominação” (hooks, 2013, p. 12), a professora e escritora se formou, independente dessa experiência negativa da época.

Para bell hooks (2013), as experiências que teve em sala de aula como estudante de graduação e pós-graduação, também não foram favoráveis e pareciam uma extensão do modelo de aprendizado aplicado nas escolas de brancos. Suas experiencias escolares e acadêmicas, poderiam ser comparadas a “uma prisão, um lugar de castigo e reclusão, e não com promessa e possibilidade” (hooks, 2013, p. 13). Outro fator apresentado, foi sobre constante a preocupação das estudantes negras em ter que responder e reagir aos brancos frente a hostilidade racista, como se fossem penetras e estivessem no lugar errado.

Como forma de reagir a tensão instaurada e ao tédio e apatia presentes nas aulas, bell hooks (2013) fez uso da imaginação para elaborar formas em que o ensino e o aprendizado pudessem ser diferentes. A descoberta da obra do Patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire, que se tornou mentor e guia de bell hooks, promoveu seu reencontro com o ensino libertário que ela havia recebido nas escolas exclusivamente negras. Inspirada na pedagogia freiriana, bell hooks (2013) passou a desenvolver sua própria prática pedagógica articulada com seu engajamento e aprofundado ao pensamento feminista crítico, adicionando o prazer em sala de aula como facilitador no aprendizado.

Ter contado com a história e o processo formativo de bell hooks (2013), me levou a refletir sobre a própria história de “Rose Dusreis”, no nosso contexto brasileiro. Colocando também em cena a infância como sendo um lugar que vamos visitar por toda a vida, e da importância do amparo das pessoas que possuem a tarefa do cuidado e do ensino nessa fase basilar da existência.

Na história de “Rose” foi notória as implicações que a educação e a presença das professoras tiveram em sua vida, ao ponto dela, durante nossos encontros, mencionar pelo menos três professoras que teve e como cada uma teve uma função peculiar na sua trajetória. A primeira professora, “A. B.”, parece ter sido a mais marcante, já que “Rose” dedicou muitas sessões a falar sobre a relação que tinha com ela, além de ser a única professora que ela citava o nome durante as sessões.

É preciso sublinhar, mesmo que o papel de professora esteja cada vez mais desvalorizado em âmbitos sociais, e que a escola precise de mudanças radicais nos mecanismos pedagógicos, o lugar da docência permanece ocupando posição de autoridade, já que suas palavras contêm força significativa – ainda mais no período da infância. Não por acaso, “Dusreis” associa as dificuldades enfrentadas para se profissionalizar na dança à frase que a professora “A. B.” proferiu sobre seu corpo, quando ela tinha apenas oito anos. Como bailarinas em sua maioria são brancas, magras e longilíneas, características opostas ao corpo de “Rose”, ela não preenchia as normas estabelecidas pelo padrão hegemônico e a frase que lhe foi dita ainda na infância foi rememorada em análise.

Contudo, não deveria caber no papel de uma educadora à manutenção de estereótipos excludentes como fez “A. B.” ao afirmar diretamente a “Rose Dusreis”, que ela não tinha o tipo físico compatível ao balé (Evaristo, 2020b). A colocação da professora sobre suas características poderia ter surtido efeitos graves de silenciamento e sentimentos de inadequação. Ainda assim, deixou marcas que só foram compreendidas por “Rose” com o passar do tempo, pois retornavam a cada dificuldade que ela encontrava para se tornar profissional.

O fato de outra professora ter feito o convite para “Rose” representar “uma bonequinha preta que cantava e dançava” (Evaristo, 2020b, p.109), proporcionou que “Rose” tivesse identificação com a famosa personagem. “Rose” e a personagem possuíam as mesmas características e naquele instante, ser dançarina se tornou uma possibilidade concreta. Se ver na personagem, somado a seu desejo e ao reforço positivo da plateia que vibrava com seus ensaios, fez com que essa tríade ajudasse “Rose” a construir sua atração pelo balé e consolidar a certeza de que um dia seria profissional de dança (Evaristo, 2020b).

A articulação entre fazer uma personagem com suas características, somado ao desejo em ser dançarina e à euforia da plateia foi tão forte que nem o revés que sofreu ao ter sido substituída por uma menina branca, que reproduziu *blackface*[23], foi capaz de fazer com que “Dusreis” desistisse do seu sonho. Quando escutei essa cena, rapidamente veio a lembrança da importância do Teatro Experimental do Negro (TEN), como um movimento revolucionário na sociedade brasileira para nos colocar em cena de forma digna e respeitosa, e assim combater o racismo presente também na arte, e nos palcos da vida (Nascimento, 1978). “Rose” fez questão de destacar que a cada dificuldade, “apesar de...” (Evaristo, 2020b, p.110), sua determinação crescia, no entanto, era nítido o grande pesar, pesando em tristeza frente as violências sofridas em sua infância.

A confusão emocional que “Rose” sentiu quando mudou de colégio é normal dada as suas circunstâncias da época: muitos lutos a serem elaborados desde a morte do pai, até a separação forçada de sua irmã e sua própria partida programada para ingressar no novo colégio. O que não é normal é uma família ser literalmente repartida por sua condição socioeconômica precarizada e isso provocar um sofrimento desnecessário nas pessoas envolvidas, marcas de uma estrutura racista, impregnadas na sociedade.

O conforto que “Rose” conseguiu encontrar diante de muitos pesares foi que no novo colégio e morada, teria aulas de canto e dança. Me chamaram atenção, não apenas a admiração que “Dusreis” tinha pelas áreas da arte, mas também a reflexão que veio junto, a respeito do que é o ambiente escolar e o que há neste lugar que pode fazer com que crianças, jovens e até mesmo adultos, sintam-se estimulados a

[23] Termo de origem inglesa, referente a um procedimento racista em que pessoas brancas se pintavam de preto para ridicularizar pessoas negras como entretenimento e reforçando estereótipos racistas. Sendo muito comum nos teatros norte-americanos no século XIX e também presente nos palcos e mídias brasileiras. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-que-sao-blackfaces-e-por-que-eles-sao-racistas/>. Acesso em: 08 de jun. de 2024.

permanecer. Cabe sinalizar que a depender da lógica que se aplica nos espaços de cuidado e ensino, pode-se emancipar, aprisionar, dilacerar, potencializar... por ser lugares das mais variadas produções e reproduções, e a Clínica não está isenta disso.

Volto a mim, e me vêm lembranças de pessoas que foram muito importantes na minha caminhada educacional. Educadoras de sala de aula e dos movimentos sociais e da vida, me inspiraram seja para aquilo que eu gostaria de ser, e principalmente no aprendizado do que é prudente passar longe para não replicar. Desenvolver senso crítico ajuda bastante nessa missão.

Os encontros em análise também me proporcionam um aprendizado transcendental, expandindo os horizontes na minha atuação enquanto psicóloga, me levando a alguns questionamentos... O que é o papel da psicóloga, senão também um lugar em que se exercite uma Psicologia situada na história subjetiva e coletiva? Proporcionar o encontro da pessoa analisada com as memórias que permanecem no presente, por meio do trabalho analítico, auxilia de modo que ela possa elaborá-las e se reposicionar em outro lugar de sua história? Como fazer com que a escuta e demais percepções da psicóloga estejam engajadas e sejam flexibilizadas a depender da singularidade que lhe é apresentada?

Aprendendo com bell hooks (2013), as mudanças em nossos paradigmas são fundamentais e a forma de se comunicar “não pode ser fixa e absoluta” (bell hooks, 2013, p.22). Afrouxar as exigências que bloqueiam o envolvimento relacional, é também diferenciar autoridade de autoritarismo. Deixar florescer a sensibilidade presente na sutileza em saber ser firme sem ser rígida, permitindo que exista abertura para diálogos e compartilhamentos, na facilitação dos caminhos. A comunicação que pôde ser percebida nas atitudes de uma das professoras de dança, do novo colégio religioso que “Rose” estudou, denota isso que bell hooks (2013) evidencia como sendo uma voz sempre em diálogo com o mundo fora dela.

O reconhecimento e apoio da professora do novo colégio, proporcionou uma reparação aos danos causados à “Rose” na antiga escola em que estudou. A carta de apresentação que recebeu da nova professora, abriu outros horizontes para que “Dusreis” trilhasse o caminho que sonhou. Cursou vários estilos de dança, viajou, conheceu lugares, pessoas, e, antes de tudo, ela já havia desenvolvido uma autoestima saudável, identificando quem ela era e tendo a dimensão do seu próprio lugar. “Rose” ocupou, não o lugar que o sistema racista e classista insistiu em fixá-la, mas o lugar de uma pessoa desejante, que existiu em sua autenticidade, advertida de onde veio, para qual lugar desejava ir e certa de que o mundo à pertence.

Outro detalhe importante foi a declaração que “Dusreis” fez quanto a presença de um corpo docente formado por religiosas e leigas, sob os cuidados das irmãs da

congregação “Amadas do Calvário de Jesus”, e que através delas recebeu uma educação como se fosse uma jovem rica (Evaristo, 2020b), não fazendo distinção das demais estudantes. Uma pedagogia conservadora tenta embarreirar a mobilidade de pessoas dissidentes e bell hooks (2013) nos ensina que “qualquer pedagogia radical precisa insistir em que a presença de todos seja reconhecida” (bell hooks, 2013, p. 18).

Neste ponto, é necessário elucidar que antes da Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), algumas instituições religiosas disponibilizavam a educação como uma prática social. Tendo em conta que, não era em todas as regiões do país que se tinha a possibilidade de dar continuidade aos estudos, a não ser que fossem em instituições privadas, ficando a cargo de cada Estado administrar o ensino educacional.

Como exemplo, retorno à minha mãe que tanto insistiu para que eu estudasse, mesmo ela que não teve oportunidade em dar prosseguimento aos seus estudos. Na época de minha mãe, na cidade em que residia no interior de Minas Gerais, o ensino público só era disponível até a 4ª série, nos estudos adiantes as escolas eram privadas. Período em que meus avós não tinham condições financeiras para arcar com os estudos de minha mãe e de seus outros filhos, e mesmo que ela já trabalhasse em casa de família, desde os seus cinco anos de idade, o dinheiro de seu trabalho era para ajudar nas despesas de casa.

Apenas após a publicação oficial da Constituição de 1988 (Brasil, 1988) que tivemos em nosso país uma lei que afirmasse a educação como um direito de todas as pessoas e dever do Estado e da família. A Constituição de 88 ao longo do tempo passou por emendas constitucionais, trazendo mudanças e ampliações a outras fases de ensino, contemplando do ensino infantil ao ensino universitário.

É elucidativo apresentar também, artigos constitucionais que se referem aos direitos e deveres pessoais e coletivos, direitos sociais e direitos educacionais, respectivamente:

> Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade; Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição; Art. 205º A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1988).

Em consideração aos artigos presentes na constituinte, fica evidente que o acesso e garantia de direitos básicos permanece restritos a um pequeno grupo de

pessoas, e ainda que a Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988) represente uma sublime importância sendo um marco histórico em nosso país, talvez ela também seja o instrumento de maior ficção que temos no Brasil.

Não obstante, é preciso reconhecer, defender e promover a garantia de direitos adquiridos para que seja efetivada em sua integralidade e promoção da cidadania. Até mesmo porque foi com a respectiva Constituição que tivemos a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), universalizando os serviços de saúde (Brasil, 1988). Os direitos instituídos são indiscutivelmente necessários, mas nem sempre são cumpridos por completo. Torna imperativa a cobrança pela garantia dos direitos conquistados, assim como sua execução nas melhorias das condições de trabalho, na infraestrutura e no fomento de políticas públicas de equidade.

Voltando ao campo da educação, cabe também exaltar a luta dos movimentos sociais – especialmente os movimentos negros – que com muita luta e mesmo com todo o cansaço, conquistaram o advento da "Lei das Cotas"[24]. As conquistas no acesso ao ensino, provocaram transformações no tom, na cor e na presença do corpo discente nas instituições, que levaram outros referenciais, pressionando para a inclusão de narrativas transgressoras, contra-hegemônicas. De certa forma, o empenho dos discentes contribuiu para que os ambientes educacionais se tornassem também lugares de pertencimento e práticas libertárias, "contra fronteiras e para além delas" (hooks, 2013, p. 24), articulando núcleos de estudos, projetos e coletivos.

2.2.2 Cena 2 – Raça, gênero e classe na cultura brasileira: a mulher negra como força transgressora

"Por que vivem dizendo pra gente se pôr no lugar da gente? Que lugar é esse?", nos questiona e nos faz refletir, Lélia Gonzalez (1980/2018, p. 208).

Existe uma ampla discussão acerca do lugar social em que mulheres negras são colocadas, especialmente durante e após o período escravocrata. De pronto, posso facilmente mencionar bell hooks (2013), Lélia Gonzalez (1980/2018), Grada Kilomba (2019) e Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí (2021), intelectuais nascidas, respectivamente

[24] Ver: Lei nº 14.723/2023, "altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre o programa especial para o acesso às instituições federais de educação superior e de ensino técnico de nível médio de estudantes pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência, bem como daqueles que tenham cursado integralmente o ensino médio ou fundamental em escola pública". BRASIL. **LEI Nº 14.723, DE 13 DE NOVEMBRO DE 2023**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/l14723.htm>. Acesso em: 02 de jun. de 2024.

nos Estados Unidos, Brasil, Portugal e Nigéria, atuantes em áreas distintas, mas que é perceptível a partilha de concepções similares no que se referem à estudos e pesquisas críticas quanto às relações raciais, de gênero e classe.

Em resumo: o colonialismo é uma tragédia que rompe fronteiras e se espalha como um vírus nefasto, *à lá* COVID-19. O tráfico transatlântico oriundo do processo de escravização, mudou as rotas e configurações de todas as relações. As marcações trazidas no corpo foram determinantes para o estabelecimento do lugar, funções e hierarquias, por vezes violentas. Para pensar o processo colonial no Brasil, na formação subjetiva de "Rose Dusreis", Jurema Werneck (2010) e Lélia Gonzalez (1980/2018) vão nos acompanhar aqui.

A própria existência das mulheres negras enquanto categoria, nada mais é do que produto da dominação colonial e patriarcal, como bem Jurema Werneck (2010) já afirmou. Tanto nas relações afetivas, quanto na divisão social do trabalho, seja esse trabalho remunerado ou não, a lógica de dominação da sociedade brasileira tem como artimanha nos desqualificar, nos subalternizar e nos domesticar (Gonzalez, 1980/2018).

Na história de "Rose Dusreis", os construtos por ser uma mulher negra aparecem em diversos momentos. Vou dar ênfase a dois momentos em que as cenas são atravessadas pela divisão racial, de gênero e de classe: no tratamento desigual nas turmas do colégio em que estudou; e no nó familiar que originou o sobrenome Dusreis.

Quando "Rose" contou que a professora "A. B." era temida por sua severidade na turma de música composta por meninas pobres e de escola pública, em contrapartida a mesma professora na turma de dança do curso particular "era só gentileza, só candura" (Evaristo, 2020b, p.109), ficou evidente que existia uma postura da professora que privilegiava a atenção e o cuidado de uma turma em detrimento da outra – justamente pelo perfil das alunas. Sem mencionar o mistério que resultou com que "Dusreis" fosse substituída e não representasse uma famosa personagem da época. Mistério? Lélia Gonzalez (1980/2018) vai nos dizer que "a boçalidade europeizante faz tudo pra esconder, pra [nos] tirar de cena" (Gonzalez, 1980/2018, p. 206).

O tratamento recebido na primeira escola, não foi tão diferente dos modos de funcionamento na congregação católica em que "Rose" foi estudar. A congregação tinha o compromisso "com a educação de meninas de famílias abastadas" (Evaristo, 2020b, p.111) e frente a isso, cabia a "Dusreis" e demais meninas pobres, trabalhar intensamente nas atividades de funcionamento da congregação, preparando o café das meninas ricas e exercendo todos os outros afazeres de uma casa. Afazeres que

ajudaram no desenvolvimento de habilidade como cozinhar, lavar, passar e arrumar. Atribuições domésticas que são naturalizadas como parte constitutiva de mulheres negras, pois eram as mucamas das casas-grandes (Gonzalez, 1980/2018).

Já na esfera familiar, “Rose” mencionou que ela, as irmãs e os pais, foram excluídos por parte da família paterna, e que eles não os reconheciam nem mesmo como parentes distantes, uma vez que seu pai era descendente direto da relação entre um coronel e uma escravizada. “Dusreis” contou que “o bisavô paterno era filho do Coronel Fontes dos Reis Menezes com Filomena, a escrava de dentro de casa, mãe preta dos filhos dele” (Evaristo, 2020b, p.112).

O resultado da relação do coronel com uma escravizada, levou a uma divisão, que pode ser considerada um clássico da ordem colonial, de uma sociedade escravocrata (Gonzalez, 1980/2018). Relação colonial marcada pela objetificação de pessoas negras como título de propriedade, na família de “Rose”, por exemplo, deu origem ao sobrenome Dusreis para que não houvesse a integração à família Reis de Menezes e mantivessem a soberania racial e econômica.

Nos pontos até aqui levantados, é perceptível o fio condutor que traça uma rota quase contínua e emaranhada na vida de “Dusreis”. A figura da doméstica emerge a partir do significante mucama, produtos estratificados na sociedade brasileira colonial, que precisam ser ocultados, recalcados, postos para fora da cena (Gonzalez, 1980/2018). Imagina, pois, uma menina negra e pobre ocupar o palco, representando uma personagem muito conhecida e oferecer as meninas brancas e ricas o risco de perderem o protagonismo? Nossa presença negra, só é tolerada nos bastidores, na serventia do outro para construir o chão e o palco em que eles, os brancos, vão pisar.

O descaso no tratamento dado pelas professoras à “Rose”, e suas colegas, em ambas as escolas, assim como o que aconteceu com ela e suas irmãs após a morte de seu pai, exemplificam o que ainda é comum e habitual ao lugar ocupado pelas mulheres negras nesta sociedade, sendo elas prejudicadas pelo racismo e sexismo. O que temos como herança é luta e mais trabalho.

Por outro lado, os relatos de “Rose” vinham acompanhados pela persistência e esperança como ações muito firmes, e me faziam refletir a respeito de qual lugar vinha tamanha força e determinação na defesa dos seus sonhos. Seus movimentos contra a amplitude de aniquilamento imposto pela dominação colonial (Werneck, 2010), apresentam uma história do em comum (Mbembe, 2019). Foi então, que após algumas sessões ela deu mais detalhes sobre o lugar que sua mãe representava para ela e sua família: “esteio, âncora” (Evaristo, 2020b, p.113).

A médica Jurema Werneck (2010) vai nos informar que nas articulações presentes na formação e na expansão da diáspora negra, a âncora principal estava e

está na luta contra a violência do aniquilamento. Lutar para não sermos aniquiladas é garantia da nossa participação ativa no agenciamento das condições de vida, para nós mesmas, e para a comunidade a que nos vinculamos.

Deste modo, o lugar de esteio e de âncora, referenciado por “Rose”, representam a firmeza, segurança e dureza, da “mãe preta” (Gonzalez,1980/2018), que ao exercer a função materna, possibilitou à internalização de valores que fizeram parte do imaginário de “Rose”, especialmente ao presenciar o movimento que sua mãe fez durante toda a vida para que ela e suas irmãs tivessem o mínimo de dignidade.

A “mãe preta”, mesmo impossibilitada de uma dedicação total e longe de um amor extraordinário, simplesmente “é a mãe nesse barato doido da cultura brasileira” (Gonzalez, 1980/2018, p. 205). Dada as devidas proporções, a mãe de “Dusreis” representou a proteção necessária para que ela desejasse o mundo e nele transitasse. “Dusreis” redirecionou as habilidades que desenvolveu nos lugares de exploração, foi transgressora à ordem estabelecida, insubmissa na ousadia de sonhar, fez das oportunidades caminhos para sua autonomia e realização de seus desejos, mesmo em uma sociedade que tenta nos aniquilar.

3. *Quando um certo alguém cruzou o meu caminho**[25] – amor, insubmissão e rupturas coloniais

3.1 Regina Anastácia

"Regina Anastácia" é uma analisanda que está comigo desde que iniciei minha atuação como psicóloga, logo que cumpri os ritos da graduação, colei grau e no mês seguinte já estava com meu registro ativado no CRPRJ. É uma mais velha, indicada por uma grande referência que tenho na Psicologia, a professora Doralice Guerra.

Eu, recém-formada, lida socialmente por ter menos idade do que aparento, sentia o peso de uma dupla responsabilidade, tanto pela indicação, quanto pela analisanda que chegava. Indicação que me foi concebida por alguém de tamanha relevância para acompanhar "Regina Anastácia", uma mulher negra, mais velha, de porte altivo, voz suave e repleta por uma sublime elegância.

Nosso encontro na entrevista inicial, por si só já me deixou impactada e me fez pensar qual seria o meu papel ali. No pacote do medo, a insegurança e a ansiedade são comuns nestes casos, estranho seria se fosse o contrário. Eu havia acabado de sair da faculdade e ainda bem que psicoterapia e supervisão também ajudam. Me acalmei no segundo seguinte ao recordar que o principal na psicoterapia era estar presente, atenta e escutá-la. Além disso, se uma importante referência havia me recomendado a "Regina Anastácia", era uma demonstração que seu conhecimento ao meu respeito, correspondia à sua confiança e aposta no meu potencial.

Não consigo relevar que minha apreensão – por ser uma mais nova – frete à analisanda indicada por uma professora-referência – sendo estas duas mais velha – reflete uma influência problemática do ocidente, que assume que "corpos físicos são corpos sociais" (Oyěwùmí, 2021, p. 43) e deixam no corpo a marca do que nem sempre é visível. Contraste, por exemplo, com o sistema de organização das sociedades *iorubás* pré-coloniais, onde o reconhecimento das pessoas, e seus cargos, dependia da "senioridade circunstancial", que significa dizer que: "as posições sociais das pessoas mudavam constantemente em relação à com quem estavam interagindo" (Oyěwùmí, 2021, p. 20).

Por me filiar à máxima de que "cada caso é um caso", diferentemente do jeito em que escrevivi os encontros com "Maria do Rosário Imaculada dos Santos" e "Rose

[25] Artista: Lulu Santos. Música: Um certo alguém. Álbum: **Último Romântico**. Gravadora: WEA Discos. Ano do lançamento: 1983. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t517lraZPZA>. Acesso em: 17 de jul. de 2024.

Dusreis", resolvi apresentar de outro modo as análises e os encontros com "Regina Anastásia". Considerei pertinente apresentar cenas mais delimitas de algumas de suas sessões, fazendo costuras entre um atendimento e outro, destacando sua história e irreverência.

Além disso, narrei as dificuldades que encontrei ao fazer a análise de "Regina Anastásia" e pontos intrigantes, que ainda não tive resposta. Como por exemplo, em uma determinada sessão, ela dizer que havia compartilhado coisas comigo que nunca havia dito para ninguém. Às vezes, me pego pensando, quais seriam exatamente esses segredos que poderia repelir ou colocá-la sob o julgamento de pessoas a quem ela, até então, dirigisse suas histórias?

Não sei! Entendo e reconheço o meu gesto de não saber como um meio de oportunizar um lugar em que a pessoa possa se sentir à vontade, exercendo o direito de falar, se expressar e ser escutada a respeito de sua própria história. Histórias em muitos casos negadas, negligenciadas e deslegitimadas. Para tantas questões em aberta, a construção do vínculo é fundamental. "Vínculo feito de palavras, face à demanda, aos ditos do analisante, responde a presença do analista, presença de escuta, feita de silêncio e de dizer" (Souza, 2000/2021).

A não concepção prévia, serve como indicativo para minha presença e posição enquanto psicóloga, me exigindo atenção para escapar das armadilhas travadas pelas identidades (Haider, 2019) e cuidado frente às concepções pré-fabricadas. O não saber me coloca atenta para perceber as camadas que estão para além das próprias categorias sociais, que envolve a raça, o gênero, a sexualidade, a classe, a idade, entre outras. Sem me esquecer que esses são fatores que constroem as subjetividades e que muitos aspectos da emocionalidade apresentada, estão arraigados com essas categorias.

De todo modo, as categorizações sociais me fizeram refletir quando Frantz Fanon (2020) expõe que "para nós, quem adora os negros é tão 'doente' quanto quem os execra. Em sentido inverso, o negro que deseja branquear sua raça é tão infeliz quanto aquele que prega o ódio ao branco" (Fanon, 2020, p.22). Ou seja, não cabe essencializações, por mais que em termos sociais e devido ao próprio processo brutal que é o colonialismo, permanecemos sendo generalizadas e tratadas como "farinha do mesmo saco", conforme diz no ditado popular.

Entre essencializações e generalizações, é necessário encontrar formas mais delicadas em conduzir devolutivas nos atendimentos, que às vezes precisam ser mais firmes, mesmo que a vida em sociedade seja dura demais. E, sendo a Psicologia, ainda, um dos últimos lugares em que as pessoas procuram ajuda e acolhimento, é fundamental que as intervenções sejam realizadas com o devido cuidado, a fim de

provocar uma reflexão crítica e dar uma chacoalhada na postura que pode ser prejudicial a própria pessoa. A Psicologia Clínica não é lugar de dívida, punição ou caridade, mas de promoção da dignidade.

Neste aspecto, as palavras de Neusa Santos Souza (2000/2021), me soam como poesia:

> A presença do analista se caracteriza por ser uma presença firme e despojada — firme na decisão de sustentar a transferência e despojada da vontade de convencer, influenciar, querer-fazer-o-bem-do-paciente, dirigir consciências e vidas. A presença do analista é uma presença atenta, feita não de expectativa, mas de espera e paciência — espera do que vier, como vier; paciência de deixar correr o tempo necessário dos acontecimentos. A presença do analista é uma presença decidida, disposta a recolher a queixa como verdade e a incluir-se no sintoma. É uma presença atenta, afinada com o senso de oportunidade e resolvida a pegar a chance com duas mãos quando e onde ela surgir (Souza, 2000/2021, p. 136).

Ser firme e despojada é um estilo na Clínica psicanalítica de Neusa Santos Souza (2000/2021). Estilo, que tenho adotado na minha Clínica, estimulada também nas práticas amorosas partilhadas por bell hooks (2021), principalmente por perceber que fora da Clínica, nem sempre é possível agir com doçura.

A depender dos lugares que se transita, os relatos que chegam são carregados de muita raiva, e disso eu entendo bem. Afirmo com tranquilidade que não há contradição em buscar por práticas amorosas e lançar a raiva sobre as opressões impostas, mas ainda me surpreendo com aqueles que solicitam que pessoas oprimidas, especialmente que mulheres negras, sejam mais flexíveis quando se trata de atos de injustiça, pactuados com a violência (Lorde, 1981/2019).

Faço questão de elucidar que é importante não confundir agressividade com violência. Agressividade é um componente fisiológico, inato, fundamental para a vida, para a construção da subjetividade, estabelecimento de limites e afirmação dos próprios valores. Enquanto a violência refere-se a um ato de desqualificação, subjugação e até destruição de quem é alvo da violência, sendo um ato proposital e direcionado (Vilhena; Maia, 2002).

Múltiplas reações podem ser manifestadas em situações de violência, inclusive se paralisar. Contudo, por que esperar que mulheres negras sempre ponderem e não reajam à violência sofrida, e quando assim o fazem são vistas como desequilibradas, raivosas e histéricas? Não seria o racismo e o sexismo muito bem arquitetados com o cinismo e sarcasmo no auge da arrogância colonial? Por que esses adjetivos pejorativos, atribuídos a mulheres negras, não podem ser questionados, e quando são usados servem para nos silenciar e nos colocar no lugar de submissão?

Diante da violência, seja ela qual for, digo por mim, não serei dócil. Serei insubmissa e, inclusive, posso fazer isso sendo estratégica, em processo, em conjunto, desenvolvendo formas de enfrentamento dentro dessa estrutura que nos usa e tenta nos alienar e nos aniquilar. Encontrando à medida que possa nos ajudar a não destruirmos a nós mesmas e sim, direcionar a raiva, essa poderosa emoção, a práticas que levam a transformação.

O manejo da dor de modo ferramental, é um ensinamento, que por sinal tive o prazer de me aconchegar ao assistir o documentário *Orí*[26] (Gerber; Nascimento, 1989), lançando em 20 de setembro de 1989, cinco dias antes do meu nascimento. A produção cinematográfica, *Orí*, é belíssima, fruto da pesquisa histórica de Beatriz Nascimento e da cineasta Raquel Gerber, que marca a trajetória do Movimento Negro Brasileiro na década de 70 e a relação Brasil e África, saindo da senzala e indo para o quilombo (Nascimento, 1989b/2018). Nesta obra, as palavras, gestos e expressões de um grande intelectual negro da contemporaneidade, Cuti (Gerber; Nascimento, 1989), ecoaram profundamente em mim, quando enfatizou em um dos encontros do Movimento Negro:

> A razão pela qual nós estamos aqui, hoje traz muita dor. Essa dor de ser discriminado por um olhar. Enfim, todas essas dores elas se transformam em ódio... Só que eu acredito que consciência negra é quando a gente assume o nosso conflito. E assumir o nosso conflito é assumir todas essas dores e consciência negra é a gente nunca jogar esse ódio conta a gente mesmo, mas sim, contra aqueles que nos exploram (Gerber; Nascimento, 1989).

Também não deixo de pensar em Audre Lorde (1981/2019) e pergunto: Quem de nós é realmente livre dentro desse sistema, que a todo custo quer nos acorrentar?

Tudo isso para dizer que os encontros com “Regina Anastácia”, me proporcionam muitos ensinamentos, coragem, e vez ou outra, surge alguma lembrança da minha própria história, que revela novamente ser a história de uma coletividade. Por exemplo, quando “Regina Anastácia” me procurou pela primeira vez, ao anunciar seu nome, uma memória da minha infância voltou como a luz de um raio, forte e rápida.

O encontro com “Regina Anastácia” me reverberou associações ligeiras em sintonia com a sensibilidade da minha escuta, unida a sua voz, lembrei da devoção de minha mãe pela “Escrava Anastácia”, era assim que a santa católica era conhecida na época. A imagem da “Escrava Anastácia” é fortemente simbólica para a população

---

[26] *Orí*, palavra da cosmologia iorubá, que possui dois significados profundamente interconectados: cabeça e destino (Oyěwùmí, 2021).

negra, especialmente de fé católica, valendo ressaltar que a militância negra vem atribuindo outros sentidos a essa representação.

"Escrava Anastácia", bem como diversas santas católicas, faz parte dos mitos cristãos que africanos e descendentes tomaram para si, tornando as santas cúmplices e protetoras do povo negro (Evaristo, 2009). A origem da "Escrava Anastácia" é desconhecida, sua história possuiu muitas versões: poderia ela ter nascido em Angola, sendo filha de uma família real *Kimbundo*, e posteriormente sequestrada, escravizada por portugueses e levada para a Bahia; ou até ser uma princesa *Nagô*/ *Iorubá* também capturada por traficantes europeus e trazida para o Brasil na condição de escravizada (Kilomba, 2019).

Minha mãe contou que conheceu a "Escrava Anastácia" por uma reportagem que passou na televisão, através do depoimento de pessoas que relataram os milagres feitos por ela. Deste modo, minha mãe soube que de tanto ser maltratada, estuprada, passando por tamanhas violências, "Escrava Anastácia" veio a falecer e as pessoas começaram a rezar por ela, que por sua vez, passou a fazer milagres. Minha mãe também me informou a respeito da imposição do uso da máscara de flandres, presente na imagem e que tinha relação com sua beleza: "ela era uma mulher negra muito bonita, tinha olhos azuis e as mulheres dos senhores de escravos não suportavam a sua aparência, mas não sei de muitos detalhes", exclamou minha mãe.

Grada Kilomba (2019), no capítulo *A Máscara – Colonialismo, memória, trauma e descolonização*, faz representações simbólicas entre "boca", "ferida" e "silêncio" e nos oferece relatos parecidos aos partilhados por minha mãe sobre "Escrava Anastácia". Grada Kilomba (2019) inclui que os castigos impostos pelo uso da máscara de flandres, que impedia a "Escrava Anastácia" de falar, tinha relação com seu ativismo político por auxiliar a fuga de outras escravizadas, assim como por se negar a ter relações sexuais com os escravistas.

A máscara de flandres pode ser concebida como uma simbolização profunda de silenciamento, não apenas para aquelas que foram escravizadas e a usaram, mas até mesmo para nós, que somos descendentes diretas e indiretas das desgraças da herança colonial. Na medida em que nós, pessoas negras fomos jogadas na lata do lixo da sociedade, da história e sendo faladas por segundos e terceiros (Gonzalez, 1980/2018), mesmo que agora já não estejamos com a máscara de flandres.

Acredito que a potência da Psicologia Clínica e dos estudos das Relações Étnico-Raciais residem justamente aí: no direito de cada pessoa falar por si mesma e apresentar as próprias perspectivas, mesmo aquelas que possam estar embaçadas e tumultuadas. Aprendendo no ato de exercer e exercitar, na fala e no pensamento crítico, a distinção entre as dores e violências que vêm das estruturas sociais impostas

e aquelas resultantes das próprias escolhas equivocadas podem acarretar. Mesmo porque, bell hooks (2019) nos ensina que não somos vítimas passivas da sociedade.

De todo modo, reafirmo que a Psicologia Clínica não é apenas um lugar para dor e sofrimento. Curiosamente, o encontro com “Regina Anastácia” me fez passar por muitas camadas, seu caso foi um dos mais desafiadores de analisar: exatamente porque o modo como ela contava sua história não estava carregado de queixas e dores da vida. O que “Regina Anastácia” desejava era contar sua história e se sentir acolhida, algo que não é um detalhe trivial, mas me surpreendeu.

Um ponto interessante é que, ao me aprofundar no caso de “Regina Anastácia” fiquei pensando na indagação da professora Luciana Mesquita durante a banca de qualificação desta pesquisa, quando me perguntou como foi o processo de escolha dos casos. Recordo que, em uma curta resposta, relatei que escolhi aqueles que me doeram menos.

No entanto, até aquele momento, talvez eu tivesse tomado muita distância e não ponderado adequadamente a história de “Regina Anastácia”. Acabei por acreditar que seria relativamente tranquilo compartilhar a experiência amorosa de uma mulher negra e o enfrentamento que ela e sua família fizeram contra o monopólio colonial da cidade em que residiam. Principalmente, a parte da violência territorial. Afinal, sou cria no Rio de Janeiro, né? Como contaria Fernanda Abreu “... cidade maravilha, purgatório da beleza e do caos...”[27]. Aqui no errejota, a violência está a céu aberto, mas só me dei conta de sua dimensão, e, como ela me atravessava, na formação em Psicologia e nos estudos Étnico-Raciais.

Minha graduação, tendo ênfase curricular voltada para *Violência e Psicossomática*, me proporcionou uma base consistente para entender diversos tipos de violência, e como buscar alternativas para práticas de cuidado. As psicólogas Claudete Silva, Maria Angelica Gabriel, Patricia Constantino, Queiti Oliveira, Rita Flores, Alexandre Barbara, Edson Petronio, Luciano Soares e Maicon Barbosa, ao exercerem o papel de professoras comprometidas ético-politicamente, na Clínica que também se faz no social, me inspiraram e contribuíram com que muitos véus me fossem desvelados. Já no 9º e 10º período, tive o prazer de conhecer o assistente social e professor Robson de Paula, que lecionou as disciplinas eletivas: *Direitos Humanos, Cultura e Relações Conflituosas;* e *Educação da Relações Étnico-Raciais*.

---

[27] Artista: Fernanda Abreu. Música: **Rio 40 graus**. Gravadora: EMI, Ano de lançamento: 1992. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AhuJ3dUVQvc>. Acesso em: 14 de ago. de 2024.

Apesar de tantas violências, realmente, falar e sentir amor, seja ele qual for, para nós pessoas negras não é tarefa simples ou fácil: motivo da minha insistente aposta no cuidado. Mais uma vez, foi com psicoterapia e na companhia de intelectuais negras, especialmente com bell hooks (2010), Beatriz Nascimento (1990/2018) e Audre Lorde (2019), que consegui compreender parte da dificuldade que eu tinha em sentir amor, assim como formas de organizar a minha raiva para combater a violência.

Moral da história, quase desisti de compartilhar aqui o caso de “Regina Anastácia”, até que, uma série de eventos impactantes ocorreu. Começando com uma breve e precisa orientação da professora Fátima Lima, que me disse: “Enfrente essa história, ela é tão bonita. Você namora um homem branco, isso mexe com sua história, obviamente, mas neste caso está a noção de quilombo e abertura que a vida negra tem para o mundo, inclusive para o mundo branco”.

Algumas semanas depois, outros acontecimentos me ocorreram, entre eles, alguns relacionados a organização do *Congresso Internacional de Psicologia: práticas e teorias*. Ao organizar o evento, diversos e intensos gatilhos me foram gerados e posteriormente desaguados em uma atividade chamada: *Confluência e escrevivência – O Quilombo Somos Nós*, proposta pelo *Coletivo negro é a raiz da liberdade.* Daí eu te pergunto: Você acredita em coincidência? Pois eu, não.

Todo o processo de organização do *Congresso Internacional de Psicologia* foi extremamente exaustivo, fosse pela escolha dos eixos temáticos, fosse pela indicação das pessoas que abordariam determinados assuntos. Pensar na diversidade, e defender a inserção de temas que alcancem uma produção de saúde para pessoas dissidentes, é um duro desafio na Psicologia que apenas poderá ser atravessado coletivamente.

A organização coletiva é um ensinamento ancestral, feita nas ações do Movimento Negro, na luta pela retomada à nossa liberdade e no intenso sobre “as questões dos oprimidos, chamados genericamente de minorias — o negro, a mulher, o homossexual, a criança e o ancião” (Nascimento, 1989a/2018, p. 345).

Na organização do evento, me percebi diante de uma cena que estava se repetindo, e dou graças porque já havia elaborado essa história e me preparado para estar naquele lugar e assumi a posição de liderança que me foi solicitada. Outrora, inúmeras vezes e em diversos espaços, várias pessoas me usaram e tentaram me pegar na vaidade diante de uma fagulha de poder. Até aqui, as armadilhas foram vastas e caí em muitas, e, a duras penas, após reconexões profundas com meu *Orí*, agora intimamente ligado a ancestralidade, aprendi e cuido constantemente para não ser mais capturada.

Recorri a Beatriz Nascimento (1976/2018) e partilhei com ela o que havia acontecido. Relatei que havia identificado o sentimento de desconfiança e tratamento hostil, indicando ser um movimento de auto-ódio entre os integrantes do *Coletivo negro é a raiz da liberdade*. Com sua sabedoria, Beatriz me ofereceu recursos para resistir a situação e apresentou um panorama histórico sobre a formação dos quilombos. A mais velha me explicou que o quilombo vem a se formar “mais da necessidade humana de se organizar de um modo específico que não aquele arbitrariamente estabelecido pelo colonizador” (Nascimento, 1976/2018, p.70).

Beatriz Nascimento (1976/2018) afirmou que o quilombo é uma necessidade de mudança social para criação de uma nova ordem de sociedade. Uma sociedade imaginada por quem – que mesmo sob instituições opressoras – conseguiu manter condições físicas e psíquicas saudáveis para sonhar com uma sociedade alinhada com o reconhecimento das próprias potencialidades e aptidões, que seriam impossíveis de serem promovidas devido à ordem social escravocrata. Apresentou que o quilombo tem como lema: “agrupamento, organização, distribuição e amor” (Nascimento, 1989a/2018, p. 345).

Em seguida, Beatriz explicou com detalhes o que havia acontecido na atividade *Confluência e escrevivência – O Quilombo Somos Nós*, proposta justamente organizada por um Coletivo composto majoritariamente por pessoas negras, que se dispõe a funcionar como um quilombo e a fazer enfrentamentos institucionais antirracistas.

Na ocasião, Beatriz Nascimento (1976/2018) me disse que as emoções e os sentimentos das integrantes do *Coletivo negro é a raiz da liberdade*, foram projetados dentro do próprio grupo, mas refletidos em mim. Por mais que as integrantes do grupo já vinham passando por sobrecargas, em outros aspectos da vida, e foram impossibilitadas de se expressarem em diversos lugares tendo seus sentimentos reprimidos pelas instâncias coloniais, tais comportamentos são até compreensíveis, mas não podem ser legitimados. Com sutileza, as palavras de Beatriz Nascimento (1976/2018) confluíram com o acolhimento que recebi da parceira e psicóloga Luana Galoni.

A projeção de sentimentos hostis ocorreu porque eu havia assumido a posição de liderança em um grupo menor, no caso o Coletivo, dentro de um grupo maior, o *Congresso Internacional de Psicologia*. Minha importância no grupo e os modos que conduzi não passaram por uma hierarquia violenta, isso permitiu que fosse estabelecido um embrião de organização em meio as mobilizações no grupo. Por outro lado, minhas ações também causaram a necessidade em algumas integrantes

de se afastarem da ordem colonial (Nascimento, 1976/2018), ou seja, se afastar do *Congresso Internacional de Psicologia*. Beatriz Nascimento (1976/2018), me alertou:

> Nesse momento, o grupo deve passar por uma grave crise. Homens e Mulheres comprometidos passariam por uma fase caótica, em que as diversas etapas e situações que até então viveu a organização embrionária seriam postas em xeque, requerendo um corpo mais concreto e real. Essa crise deve se dar de uma forma que reflita o grupo psiquicamente. Talvez o caos psíquico dessas pessoas suscite então, nesse momento, uma elaboração ideológica para fortalecer os laços e justificar as atitudes contrárias à ordem social, política e jurídica estabelecida. Atitudes que, por outro lado, poderiam se reverter num perigo de desagregação para o grupo que se está formando. Revigoram-se, então, por isso, os laços e os vínculos com suas regiões de origem, traduzidos pela intensificação de práticas lúdicas (uso constante de festas, batuques etc.), religiosas e "filosóficas". Nestas últimas, objetivar-se-á, principalmente, o desejo de libertar-se (Nascimento, 1976/2018, p.71).

Nossa! Como foi confortante sentir as palavras de Beatriz Nascimento, mesmo em um momento conturbado, e realizar uma arriscada intervenção baseada no que a pesquisa e estudos das Relações Étnico-Raciais, Literatura e Psicologia me instrumentalizaram. Presenciei coisas que estavam sendo materializadas em um tempo outro, ditas em tempos atrás por quem estava à frente de um tempo, imaginando e produzindo futuros. Futuros que são duramente difíceis de imaginar por tamanho sofrimento que esse sistema cotidianamente tenta nos flagelar.

A temporalidade que menciono, é o "tempo espiralar" que a poeta mineira Leda Maria Martins (2021) nos revela sobre a temporalidade ancestral:

> A ancestralidade é clivada por um tempo curvo, recorrente, anelado; um tempo espiralar, que retorna, restabelece e também transforma, e que em tudo incide. Um tempo ontologicamente experimentado como movimento contíguos e simultâneos de retroação, prospecção e reversibilidade, dilatação, expansão e contenção e descontração, sincronia de instâncias compostas de presente, passado e futuro (Martins, 2021, p. 204).

Esse tempo espiralar, possibilita projetar uma vida e um mundo futuro para além de si mesma, sem perder os vestígios das ori-entações ancestrais. A conversa com Beatriz Nascimento, me possibilitou perceber o quanto é maravilhoso presenciar que a história e a "memória comunitária" (Nascimento, 1982/2018, p. 253) permanecem preservadas. Ainda que o discurso dominante persista em nos silenciar, temos vivo a materialidade de um sonho histórico em produzir mundos outros.

A situação que vivenciei no Coletivo, ou melhor, no quilombo, foi contornada dias depois como desdobramento da intervenção que realizei no evento, possibilitando que sentimentos reprimidos do grupo fossem dissipados. Nos reunimos, houve acolhimento e sustentação coletiva das dores e das feridas traumáticas de cada participante: regadas com choro, abraços e danças. Acontecendo exatamente o que

Beatriz Nascimento (1976/2018) havia anunciado, que em dias de destruição também há possibilidades que laços sejam fortalecidos e posicionados contra a ordem colonial.

Reconheço também, por estar atenta à meu sentir quando sou provocada e tensionada em traumas que rasgaram a minha alma – relacionados diretamente com o racismo e o patriarcado impregnados nas estruturas de poder – que os acontecimentos não eram exatamente do tempo e contexto atual, mas sim, de fatos vivenciados no passado e que voltaram para serem resolvidos agora. Em resumo, psicanaliticamente falando, seria o *retorno do recalcado*.

Fiquei reflexiva sobre a forma dinâmica de funcionamento do quilombo e de como a temporalidade do Inconsciente é admirável, sendo que esse tempo "só através da história poderá ser compreendido e solucionado" (Nascimento, 1974/2018, p. 49).

Lembrei de quando Frantz Fanon (2020) disse que a explosão não iria acontecer hoje, porque era muito cedo ou tarde demais. Lembrei da cena em que a analisanda "Maria do Rosário" apresentou característica evitante para não se vincular de forma afetiva-sexual, devido a marca do trauma de separação causada pelo seu sequestro na infância.

Lembrei que bell hooks (2010) nos reitera sobre as barreiras impostas pela escravização e de como elas nos impedem de construir vínculos afetivos. Assim como nós mesmas absorvemos o pensamento sexista e por vezes, caímos nas armadilhas das competições e disputas internas entre nós (hooks, 2018).

Lembrei de quantos relacionamentos sexuais, sem afetividade experienciei, escutando de um tal homem branco que "mulher é só um pedaço de carne" e que se eu terminasse com ele, iria ficar "pulando de piru em piru, porque os homens só querem isso mesmo, comer e jogar fora". É... Elza Soares bem me falou que "a carne mais barata do mercado é a carne negra, que fez e faz história segurando esse país no braço"[28].

No meu primeiro relacionamento, eu era uma adolescente, nem a maioridade havia atingido, e o tal homem branco era 12 anos mais velho. Nesta relação me isolei, me afastando de pessoas queridas e cai no jogo da competição que ele me colocou com outra mulher negra. Ganhei, mas perdi longos anos da minha vida com um relacionamento horroroso, foram quase 10 anos sendo explorada emocionalmente e financeiramente. Completei o 2º grau, mas parei com os estudos para trabalhar por pressão dele e contra a vontade da minha mãe, que mesmo pobre e com pouca

[28] Artista: Elza Soares. Música: **A carne**. Álbum: Do cóccix até o pescoço. Gravadora: Tratores. Ano do lançamento: 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yktrUMoc1Xw>. Acesso em: 14 de ago. de 2024.

escolaridade, apostava que meus estudos poderiam transformar a minha vida. Afastada dos estudos e me dedicando totalmente a essa relação, assumi a filha de uma traição, e no final ele a usou para que eu não terminasse o relacionamento. No entanto, alguma coisa começou a mudar em mim e passei a não acreditar mais em suas palavras. Palavras que não eram mais verdades absolutas e o desejo de voltar a estudar pulsou intensamente.

Decidi fazer curso de *inglês*, e lá foi um ponto de encontro para novas amizades. Inclusive, conheci Mayara Monteiro e Maryssol Monteiro e nos aproximamos quando acabamos o curso, quando elas me convidaram para colaborar no projeto *Irmãos de Quatro Patas*. O projeto, que cuidava de animais em situação de rua, principalmente cachorros e gatos, buscava apoio para tratamento veterinário, lar temporário e, por fim, nós os levávamos a feiras de adoção.

Nutrindo relações afetivas e estando no projeto social, que me aproximava, não apenas de animais em vulnerabilidade, mas de minha mãe que me acompanhava em algumas ações, me sentia vivida. O tal homem branco, vendo a minha felicidade e que já não o considerava mais o centro das minhas atenções, chegou a dizer que era para eu escolher entre o projeto e ele. Escolhi o projeto, mas continuamos juntos.

Após concluir o curso de *inglês*, pensei em ingressar à carreira de aeromoça. No entanto, durante a última internação do meu pai, em 2015, no Instituto Municipal Nise da Silveira (antigo Centro Psiquiátrico Pedro II), diante do cansaço e da desesperança de minha mãe que optou por se afastar, assumi o cuidado dele. Foi nesse período da institucionalização do meu pai, que durante minhas visitas, conheci outras pessoas que estavam internadas e delas recebi o título informal de psicóloga. “Volte mais vezes, você é a nossa psicóloga”, eles disseram. Esse chamado fez com que em uma semana eu decidisse cursar Psicologia.

Durante os acontecimentos, uma sucessão de episódios me levou ao definitivo rompimento com o tal homem branco, logo no primeiro período de Psicologia. Na mesma época que comecei os estudos na graduação, iniciei minha psicoterapia pessoal após a colocação do professor Filipe Degani, ao disser em sala de aula que “todo psicólogo deve fazer terapia, principalmente aqueles que forem atuar na Clínica”. Havia acabado de descobrir as diversas possibilidades que existia na Psicologia, e mesmo que eu não fizesse ideia sobre quais desses lugares iria atuar, lá fui eu para a Clínica.

Nessa mesma época conturbada, e, ao mesmo tempo, de muita empolgação com tantas novidades, a amizade com Erikson Estevão – até então estudante de Psicologia – me ofereceu grande suporte, principalmente no final do relacionamento com o tal homem branco. Erikson percebia em mim um jeito doce, que eu não fazia

ideia que tinha e me apelidou de “Amora”. Ser nomeada gentilmente por outra pessoa, contrastava fortemente com minha infância, onde os apelidos que eu recebia eram bastante cruéis. Dentro da minha própria família, eu não era a “princesa”, mas sim, a “macaca”, como um dos parentes negros, mais retintos da família, costumava me chamar.

Confesso que fiquei preocupada em ingressar na Psicologia, justamente porque, na escola, eu era boa nas disciplinas de exatas e não tinha o hábito da leitura, tampouco da escrita. Mas arrisquei! Minha prima Alessandra Cinelli e minha amiga de infância Tamires Henrique, me ofereceram um apoio muito importante para que eu enfrentasse as dificuldades acadêmicas, que foram concomitantes aos momentos de perseguição do tal homem branco, por ele não aceitar o fim do relacionamento, e assim me vigiar na faculdade.

A intensidade do *Congresso Internacional de Psicologia*, reverberou forte e me fez recordar outros relacionamentos. Lembrei especialmente das vezes em que tentei ajudar homens negros com os quais me relacionei e de quando eles se encontravam em uma condição emocional e financeira melhor, logo me descartavam. Um desses homens chegou a dizer que eu era “mulher demais” para ele, o que me deixou na época, extremamente atordoada e confusa devido à sua inteligência, dedicação nos estudos e alta patente em seu ofício. Hoje, entendo e reconheço que eu, por ser uma mulher negra, e ele um homem negro, fui narrada como sendo mulher demais para ele, pois apesar de ser uma caloura na Psicologia, eu já trabalhava, pagava a minha faculdade e era dona da minha vida.

Em outro relacionamento com um homem negro, ficamos noivos e ele sequer conseguiu terminar. Me pediu em casamento no dia do meu aniversário e simplesmente sumiu, sem ao menos dizer tchau. Foi embora e deixou uma dívida no meu cartão de crédito, que pensei em deixar para lá, pois não queria parecer que estava correndo atrás de ninguém caso fosse cobrar. Então, meu psicólogo me chamou a atenção e, de forma tranquila e precisa, disse: “Você não está indo atrás dele. O dinheiro é seu!”. Bela intervenção! Fiz a cobrança e deixei que pagasse em prestações. Até que uma amiga me questionou: “Por que você não cobra tudo de uma vez? Ele não teve consideração nenhuma com você, por que está tendo com ele?”. Realmente, incongruente a minha atitude, cobrei integralmente e ele pagou.

Teve também outro tombo, na velha armadilha tramada contra mim e mais duas mulheres negras, e esta situação em específico ocorreu tanto no início quanto no final do relacionamento. Acabei competindo com outra mulher negra sem gostar realmente dele. Logo que ele se aproxima, simbolicamente, ele usa um miserável bombom para causar discórdia. Apesar da competição, e da insistência em namorar

comigo, aceitei sem muito entusiasmo o infeliz pedido de namorado, que veio dessa vez com uma exclusiva barra de chocolate. Quando dei por mim, parecia ser tarde demais, notei que até comigo ele queria disputar, desvalidando minha intelectualidade e postura, apresentando o papel de manipulador disfarçado com um falso saber.

Consegui terminar essa relação com o manipulador, que era um torto militante negro, depois de muita psicoterapia e contei com auxílio dos amigos, Flávio Barros – psicólogo – e Guilherme Andrade – contator e futuro advogado – que com toda preocupação interviram após me verem em profundo sofrimento e literalmente perdendo meu brilho. Mais uma vez, fiz questão de manter as amizades por perto, e desta vez fiz de forma mais contundente. Amizades são joias raras e receber os cuidados da amiga psicóloga Suellen Paiva foi bem importante nesse momento.

Contudo, após eu determinar o fim, para se vingar de mim o manipulador começa a namorar minha colega de faculdade. Conhecendo características dele, sendo manipular, perseguidor e invasivo – algo que em tempos depois, percebi que eram similares ao tal homem branco – tentei alertá-la, mas foi em vão, além de se voltar contra mim, seguiu o namoro e nos afastamos. Cada pessoa tem seu processo, e entendi seu momento, quando a referida colega retrucou meu alerta com a seguinte mensagem: “Compreendo sua prudência, ainda assim, você me colocou em um lugar de objeto. Não quero desqualificar sua vivência, entendo que temos que nos unir a outras mulheres, mas você não foi humanizada e cuidadosa”. No entanto, ela ficou atenta às minhas palavras e ao perceber que ele mantinha o padrão de comportamento que eu havia mencionado, não passaram muitos meses e a relação terminou. Tempos mais tarde, ela me encontrou em um evento de Psicologia e me pediu desculpas.

Em uma nova relação, tive ainda a ilusão em acreditar que desta vez, um homem negro, retinto, diretamente de Guiné Bissau seria o príncipe dos meus sonhos. Ledo engano, muito pelo contrário, ele me via como a “mulata exportação”, tentava me silenciar e desqualificava qualquer comentário que eu viesse a fazer, principalmente sobre política e questões étnico-raciais.

Diante de várias decepções, frustrações, dores e lamentos, eu continuava apostando no amor, porque havia encontrado bell hooks (2010) e meu coração tinha sido apaziguado. Apesar das experiências frustrantes, a essa altura, já vinha cultivando o amor como uma possibilidade real, mas em outros tipos de relação, principalmente no amor partilhado com minha família e com amizades que fui tecendo ao longo da vida. Quanto ao amor afetivo-sexual, também acreditava, mas para outras pessoas, não para mim. Fiquei por um tempo sem me envolver afetivo-sexualmente.

Até que surgiu um momento em que entendi o que estava acontecendo comigo. Encontrei o ensaio *A mulher negra e o amor,* de Beatriz Nascimento (1990/2018), publicado em 1990, no jornal *Maioria falante*. No texto, a intelectual apresentou estudos a respeito da afetividade de mulheres ligada à complexidade dos relacionamentos heterossexuais, que passam pela discussão do poder, do *status* dominante masculino sobre o feminino, forjado por perspectivas ocidentais em que:

> qualquer expressão do feminino é revestida pela instituição moral. Ela representa em si a desigualdade caracterizada pelos conflitos entre submissão x dominação; atividade x passividade, infantilização x maturação. A contrapartida a esse estado de coisas coloca a mulher num papel desviante do processo social, em que a violência é a negação de sua autoestima (Nascimento, 1990/2018, p.354).

O emaranhado entre o amor enquanto ato e as violências sofridas pela população negra, vem sendo analisadas em termos políticos, sociológicos, econômicos e porque não dizer inclusive, psicológicos. Recordei que bell hooks (2010) falou da dominação escravocrata e das divisões raciais que impuseram condições extremamente difíceis para pessoas negras, historicamente tão feridas, a nutrirem o amor, mas não sendo impossível.

Trazendo um marcador interseccional de classe, Beatriz Nascimento (1990/2018), conta que quanto mais nós, mulheres negras, nos especializamos profissionalmente e cruzamos as barreiras da ascensão social, mais aumentam as chances de sermos discriminadas. O racismo e sexismo, então, dificultam nossos encontros de desejo e prazer com homens negros ou de qualquer outra racialidade, sobretudo quando ascendemos socialmente. A não aceitação da posição unilateral de dominação, nos conduz à individualização dentro dessa sociedade que é calcada no individualismo, ao passo em que rompemos com um determinado padrão social, que nos coloca em posições de subalternidade. Frente a isso, a mulher negra é obstruída e restringida na relação amorosa, pois tendo:

> Sua construção psíquica, forjada no embate entre sua individualidade e a pressão da discriminação racial, muitas vezes surge como impedimento à atração do outro, na medida em que este, habituado aos padrões formais de relação dual, teme a potência dessa mulher. Também ela, por sua vez, acaba por rejeitar esses outros — homens, masculinos, machos. Já não aceitará uma proposta de dominação unilateral (Nascimento, 1990/2018, p.356).

A conversação entre bell hooks (2010) e Beatriz Nascimento (1990/2018), me possibilitou compreender a dinâmica presente entre o amor ocidentalizado que traz como condição a submissão, quase sempre por parte da mulher, sobretudo, da mulher negra, que nessa lógica precisa estar subjugada a alguém para receber um suposto amor. Encontrar esses escritos, fez muito sentido quando os li. Até então, eu ficava tentando entender o que estava acontecendo de errado comigo, o que eu estava

fazendo de errado e para cada caso encontrei respostas, relacionadas geralmente ao ideal vendido nos contos de fadas, de filmes hollywoodianos, somados a uma militância adoecida.

Mais profundamente, identifiquei que meu histórico de relações sexuais-afetivas se ligava ao registro do trauma de abandono e desamparo na minha infância, mesmo que não tivesse sido uma ação proposital dos meus pais. Posto que era rotineiro meu pai estar internado em hospitais psiquiátricos e eu chorar copiosamente por ter que deixá-lo. Essa dor de desamparo e abandono se juntava ao que sentia pela ausência de minha mãe, que precisava trabalhar como empregada doméstica e babá para garantir nossa subsistência, trabalhos que minha mãe exercia desde os seus cinco anos de idade, cuidando de outras crianças e fazendo todas as atividades domésticas. Foram raras as patroas que a trataram com respeito e dignidade. Em geral, minha mãe era mal remunerada, humilhada e desqualificada, passando longos anos servindo nessas condições, uma família branca e de classe média falida.

Você acredita que minha mãe tirou um cartão de crédito em seu próprio nome para que uma dessas ex-patroas pudesse usar, e na hora de assinar a compra, a patroa não deixou que minha mãe assinasse, alegando que a letra da minha mãe era feia? Há incontáveis outras histórias absurdas que não darei conta de trazer em palavras aqui, agora. Quer história mais colonial do que essa?

Em contrapartida, talvez o fato de ter crescido na Casa-Grande, sendo "quase da família" e muito bem tratada, tenha feito com que eu acreditasse que ter livre acesso e transitar por qualquer lugar da sociedade fosse algo comum. Ainda assim, percebia que havia alguma coisa de errado ao ver minha mãe sendo maltratada e sem reconhecimento, mesmo entregando um trabalho excelente e excedente.

Além da arquitetura colonial instituída no trabalho de minha mãe, em nossa casa, as posições sociais não seguiam totalmente os padrões ocidentais. Na minha infância, meu pai assumia o meu cuidado, sempre que podia, enquanto minha mãe se desdobrava entre o trabalho fora e a administração do nosso lar, tanto na organização espacial, quanto econômica. Aprendi com minha mãe a organizar financeiramente minha própria vida. Gosto também de pensar a presença de minha mãe na cozinha como sendo seu lugar de liberdade e poder, e não de subjugação como ela foi colocada durante quase toda a vida, já que neste lugar ela exerce autonomia.

Minha mãe rompeu o ciclo de violência geracional através do seu amor por mim e a partir de sua aposta em meus estudos. Foi através do meu amor pelo meu pai que encontrei a Psicologia durante sua última internação. A propósito, meu pai ficou alguns anos sem apresentar bruscas instabilidades emocionais durante todo meu período de formação acadêmica. Minha própria mudança interferiu no ambiente.

Nunca tive a pretensão de ser a psicóloga do meu pai, nem poderia. No entanto, não é clichê dizer e reconhecer que, na tentativa de salvá-lo dos vícios e de seus traumas, passei um bom tempo tentando salvar alguns homens, fossem eles brancos ou negros. Acredito que ver minha mãe sendo menosprezada na sua relação com a antiga patroa, também poderia estar ligado à minha percepção distorcida de que ser destratada em relações era normal, uma vez que ela passava por tamanhos absurdos no trabalho, mesmo sem perceber e que, portanto, não tinha como evitar.

Definitivamente, nós, mulheres negras, ou de qualquer racialidade, psicólogas ou não, não seremos a salvadora dos outros, senão de nós mesmas. Não há salvação se não considerarmos como fundamental alguns aspectos: ter saúde mental que abrange todo o nosso corpo, reivindicar políticas públicas, e, principalmente, reconhecer a necessidade de buscarmos ajuda profissional e em outras redes de apoio.

É preciso deixar nítido, inclusive, que de forma alguma culpo meus pais por tudo que passei e sofri, que reverbera até hoje. Culpo mesmo é essa estrutura violenta que continua a reinar, e as pessoas que tiram proveito disso, porque nenhuma estrutura se mantém de pé sem a manutenção e participação de pessoas. Meus pais fizeram o que foi possível e impossível para o meu bem, dentro daquilo que tiveram como recurso. Como retribuição e compromisso ético-político-afetivo, também por isso estou aqui, por e com meus pais. Mesmo assim, precisei percorrer os caminhos da nossa história para escolher outros rumos. História com muitas páginas arrancadas, não preenchidas e tantas mais para ainda ler, escrever e reescrever.

A essa altura do campeonato, você que me lê deve estar pensando que minhas experiências em relacionamentos, foram só tragédia, babado, confusão e gritaria. Mas não vamos tirar conclusões precipitadas, ainda temos mais histórias pela frente. Entre nuances de dores e alegrias, lugares de afetos tão bem conhecidos por aquelas que transitam à cena analítica, assim também se dão meus encontros, desencontros e reencontros afetivos. Ora de bifurcações, ora de encruzilhadas, mas sempre mostrando e pavimentando caminhos. Aqui, irei tecer em bordado único algumas histórias, que serão alinhavadas com múltiplos fios que percorrem abraços, gentilezas, olhares, presença e conversas genuínas, de chegadas, partidas e despedidas. Como bem canta Milton Nascimento (1985):

> Todos os dias é um vai-e-vem. A vida se repete na estação. Tem gente que chega pra ficar. Tem gente que vai pra nunca mais. Tem gente que vem e quer voltar. Tem gente que vai e quer ficar. Tem gente que veio só olhar. Tem gente a sorrir e a chorar. E assim, chegar e partir. São só dois lados. Da mesma viagem. O trem que

> chega. É o mesmo trem da partida. A hora do encontro. É também despedida. A plataforma dessa estação. É a vida desse meu lugar. É a vida desse meu lugar. É a vida.[29]

Então, resolvi me permitir e desajeitada, fui envolvida por um abraço de um homem negro que conheci em um samba. Entre inúmeros elogios, cortejos, na voz calma, e em seu olhar que misturava encantamento e desejo, pela primeira vez, me fez sentir admirada e não objetificada. Entre boas conversas, viagens, passeios e jantares, parecia que dessa vez iria experienciar um relacionamento bom e duradouro. Até que em alguns meses, uma série de eventos ruins foram acontecendo na vida dele e reverberando na nossa relação: desemprego, uma caótica guarda compartilhada de um filho, uma conturbada dinâmica familiar pregressa, resquícios de relacionamentos mal resolvidos com outras mulheres negras, além da distância regional. O gentil e amoroso homem negro, não conseguiu compartilhar os momentos difíceis que estava passando e não estava disponível afetivamente para lidar e trazer para a nossa relação situações pessoais, tampouco assumir e bancar um compromisso comigo.

Lembrei novamente do que bell hooks (2010) disse quanto ao contexto de violência racial em que a escravização imprimiu sobre o povo negro e que na condição de escravizadas, quem não conseguisse reprimir ou conter suas emoções, talvez não conseguisse sobreviver. Os homens, sobretudo os homens negros, socializados e subjetivados pelo racismo e machismo, costumam apresentar dificuldades ao expressarem seus sentimentos, para não entregar suas fragilidades, entram em modo protetivo e se fecham.

Em várias relações demonstrei que estava aberta, mas percebi que havia indisponibilidade para assumir um compromisso por parte deles, que apesar de serem boas companhias e dos momentos de gentileza, não souberam se haver com as próprias questões para começar uma nova relação comigo. Sem sentir a necessidade de salvá-los, mesmo com profundo pesar, dessa vez entendi que não era sobre mim, pois “num contexto onde os negros nunca podiam prever quanto tempo estariam juntos, que forma o amor tomaria? Praticar o amor nesse contexto poderia tornar uma pessoa vulnerável a um sofrimento insuportável” (hooks, 2010).

O cuidado afetuoso de alguns homens negros direcionados a minha pessoa, foi importante para me fazer perceber que eu poderia ser tratada de forma gentil e carinhosa. Apesar de também conter momentos de turbulências, as experiências afetuosas que vivi nessas relações me fizeram vislumbrar que “para amar

---

[29] Artista: Milton Nascimento. Música: **Encontros e Despedidas**. Álbum: Encontros e despedidas. Gravadora: Universal Music International. Ano do lançamento: 1985. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zhgOxxiiBbI>. Acesso em: 14 de ago. de 2024.

verdadeiramente devemos aprender a misturar vários ingredientes: carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta" (hooks, 2021, p. 47), e destas vezes faltaram alguns ingredientes.

Foi necessário recordar e muito repetir, até elaborar e aceitar meu atual relacionamento com William Ramos, um homem branco, carismático, posturado, amoroso e muito charmoso, que me conheceu há mais de 15 anos no aniversário de uma grande amiga, Adiene Inácio. A amizade construída desde o ensino médio com Adiene Inácio e Camila Leite foi marcada pelo acolhimento oferecido após minha tentativa de suicídio, quando eu tinha 17 anos. Na época, eu namorava aquele tal homem branco, que mencionei um pouco antes, e não me recordo da presença de William na celebração de aniversário de Adiene.

Passados os anos, mais uma vez através da Adiene, que William me viu em uma postagem na rede social dela e me mandou uma mensagem. William chama minha atenção pela Psicologia, ao notar em minhas postagens o quanto eu amo a minha profissão. Eu realmente estava em outro momento da vida.

Era janeiro de 2022, a pandemia da COVID-19 ainda pairava no ar e William havia se infectado e estava se recuperando. Assim que melhorou, nos encontramos no dia 28, uma sexta-feira e fui tão direta na minha posição que era para ele ter a oportunidade de ficar ou ir embora de vez. Enfatizei que ele era um homem branco e questionei se já tinha se relacionado com mulheres negras, o que o deixou um pouco assustado, pois se tratava de um primeiro encontro. Para minha surpresa, ele respondeu que praticamente 70% das mulheres com quem se relacionou eram negras e ainda complementou declarando que fez parte de movimentos sociais no período que estudou na UERJ. Aí comecei a olhá-lo diferente.

A gente fantasia umas coisas engraçadas, né? O que me dava de garantia um homem branco ter namorado em maioria mulheres negras e ter participado de movimento social? Se eu fosse parar e avaliar minhas próprias experiências, seria facilmente questionável, porque o tal homem branco tinha um histórico vasto de relacionamentos com mulheres negras e eu também já namorei um homem negro, militante de faixada. Como viver é perigoso, lá fui eu arriscar mais uma vez viver uma relação. Um risco embasado e referenciado, porque William não era um total desconhecido. Curiosamente, ainda não sei explicar, mas desde que terminei com o tal homem branco, só havia me relacionado com homens negros, até que William apareceu. Tudo isso me deixou intrigada.

No dia seguinte ao encontro, William me chamou para sua casa, me apresentou para sua mãe e no domingo me pediu em namoro, firmando um

compromisso em palavra e ação. É... Levei um tempo considerável para me acostumar com o seu carinho, cuidado e atenção. Levei um tempo para aceitar um amor, que mesmo com tantas diferenças, busca a tranquilidade e o respeito.

Lá no início, no primeiro final de semana com William, a amiga Shayane Nascimento, ao notar minha angústia e conflitos raciais, me disse: "Amiga, somos corpos pretos tão massacrados desde tão cedo. Merecemos afeto, já fomos tão usadas. Curte o seu final de semana ao lado de quem te faz bem".

Precisei de mais conversas com amigas e psicoterapia para lidar com meu preconceito e ainda estou me despindo da armadura que vesti para me proteger de histórias antigas e do “racismo patriarcal” (Werneck, 2010, p. 11). Relações afetivas-sexuais são delicadas, podem disparar múltiplos gatilhos e para quem já teve o coração deixado aos cacos, fazer com ele um *kintsugi* [30] não é do dia para noite.

Ao me permitir vivenciar essa relação, encontrei outra parte da minha coragem em viver o amor na prática, na construção diária que nos propomos a fazer juntos. Não há perfeição nisso, requer escolhas e dedicação. Combinados de escuta, fala e muita paciência. Paciência que ele teve muita por sinal, já que foram uns 15 anos de admiração secreta. O tempo tem seus mistérios. Bom que reencontros são possíveis e hoje sou mais feliz por ter ao meu lado alguém que me aceita e respeita do jeito que sou, por sentir nos gestos, no toque e no olhar as diversas formas que ele demonstra o seu amor por mim.

bell hooks (2010), me disse que o amor está na atitude, na ação, que “aprender a amar é uma forma de encontrar a cura” (hooks, 2010, sem paginação). Realmente, ao encontrar esse amor, percebi que eu já vinha em processo de cura, desenvolvendo autoamor e “quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor” (hooks, 2010, sem paginação).

Na relação com William, aprendi que o amor não tem elo com desespero, é um verbo altivo, na convivência e no fazer o bem, que se dispõe a tecer um envolvimento saudável e nos desafia para fazer emergir o melhor que somos. Hoje, posso afirmar que o amor é tudo aquilo que nos dignifica, enquanto o resto, que supomos ser amor, é confusão mental e social, de um mundo extremamente opressor, em uma hierarquia violenta. Numa organização social e relacional dicotômica e excludente, escolher amar e me permitir ser amada tem sido um ato político, revolucionário e banhado de afetos.

[30] K*intsugi* é a arte japonesa de reparar cerâmicas quebradas aplicando laca misturada com pó de ouro, prata ou platina e a peça antes danificada, adquire mais valor, após esse processo.

Aqui nesta escrita, após escreviver, notei que precisava contar partes da minha trajetória de desafetos e de amores, para que de algum modo meu pensar e fazer com a Psicologia também me fosse liberta-dor de tempos outros, e enfim aceitar que estou em outro momento da minha vida, mas trago uma bagagem histórica. Apresentar minha história, após as sessões de psicoterapia com “Regina Anastácia”, demonstra o quanto a vida e os encontros na Clínica, não são passíveis de neutralidade.

Os atendimentos com “Regina Anastásia” me possibilitaram encontros com outros tempos e com outras versões de mim. Na Clínica e na vida, o que se apresenta no presente, traz vestígios do passado e re-ori-enta o futuro se conectando e revelando que uma análise também é feita com os vestígios da minha própria análise. Diante de uma não neutralidade, na Clínica, para nós psicólogas, nos cabe:

> tecer a teia, preparar o solo, firmar laços de confiança em que a transferência e seus avatares virão a se estabelecer e se manifestar. E que, nesse espaço de tempo precioso, cabe ao analista lançar mão de todos os seus recursos, recursos que podem ser resumidos em dois: desejo e paciência (Souza, 2000/2021, p. 150).

E sendo assim, é preciso deixar emergir e “suportar o que der e vier” (Souza, 2000/2021, p. 151), pois se, em um passado não tão distante, fomos amordaçadas, marginalizadas e destituídas dos nossos lugares, hoje podemos dar o grito da nossa liberdade e escolher os lugares em que queremos estar.

Eu, Thaís da Silva Lourenço, escolhi fazer da minha Clínica um lugar de pertencimento, um quilombo, oferecendo escuta e acolhimento às pessoas e suas histórias, envolvidas por diversos sentidos e experiências ‘do em comum’ (Mbembe, 2019). Ao transitar por diferentes lugares, entre eles a Clínica, os movimentos sociais e os lugares de práticas pedagógicas, percebo que ainda há desconforto ao estarmos em territórios que nos deem espaço para expressar nossas histórias com autenticidade. Tendo cada pessoa seu tempo para lidar com dores suas, mas que ecoam e denunciam a história de uma coletividade, o amor, pode acalentar.

3.1.1 Cena 1 – Construindo autonomia em tempos contracoloniais

“Regina Anastácia” carrega não apenas no nome, mas na forma de ser, a determinação de quem não se submeteu aos mandos e desmandos da ordem colonial, imposta na nova cidade, quando se mudou na adolescência com sua numerosa família. “Anastácia” teve principalmente a figura de sua mãe como espelho, para a construção de sua personalidade. Ao presenciar sua mãe sustentando o desejo em ter o próprio negócio, mesmo em condições adversas, reconheceu que poderia fazer o mesmo.

“Tomei em minhas mãos o cedro de meu destino e dei o rumo que eu quis à minha vida” (Evaristo, 2020b, p. 128). Essa foi uma das afirmações que “Anastácia” fez ao contar as dinâmicas e conflitos entre sua família e a família do seu falecido marido, “J. D.”, destacando que ambos não se dobraram ao controle da família dele, à autoritária família latifundiária “D. D.”. Explicarei melhor adiante.

“Anastácia” relatou que sua família emigrou de um vilarejo para uma cidade maior, que não era exatamente a capital, mas que era atribuída e propagada como lugar de esperança e qualidade de vida, para quem se arriscasse a sair do interior. No entanto, o território era marcado pelo domínio da família “D. D.”.

A família “D. D.”, família latifundiária, é herdeira dos processos escravocratas, beneficiárias das capitanias hereditárias, de um poder político e econômico capaz de se imporem como donos da cidade, e também, se considerarem donos das pessoas. À família “D. D.” pertenciam o único banco da cidade, os estabelecimentos comerciais, fossem açougues, padarias, fábrica de doce, farmácias, igrejas, escolas, além de uma funerária e da imprensa local.

“Regina Anastácia” estava agora em uma cidade extremamente hierarquizada, estruturada tipicamente sob a ordem colonial fixada no poder patriarcal, que detém o controle político e econômico da região (Nascimento, 1976/2018). Quase todos os familiares de “Regina Anastácia” saíram do vilarejo para trabalharem direta ou indiretamente para os latifundiários dessa nova cidade.

Esta nova casa, a cozinha aparece como um lugar que marca outra posição social e subjetiva na vida de “Regina Anastácia”, assim como para toda a sua família. Ela contou que seu primeiro contato com a família “D. D.” foi “na intimidade da casa, isto é, na cozinha” (Evaristo, 2020b, p. 131). Duas de suas tias foram chamadas para trabalhar como cozinheiras na casa de um desses familiares e a sua mãe, “famosa pelos seus doces e pães, foi oferecida uma vaga na cozinha da maior padaria” (Evaristo, 2020b, p. 131). “Anastácia” fazia questão de exaltar as habilidades culinárias das mulheres de sua família, destacando as deliciosas comidas preparadas por elas. Essa habilidade culinária era uma característica ancestral, passada de geração para geração, também por parte de alguns homens que se dispuseram a aprender.

Mas para a surpresa da família de “Anastásia”, sua mãe recusou uma oferta de emprego da família “D. D.”. Seu pai, achava que a matriarca deveria aceitar e considerar as possíveis dificuldades nas vendas, por três motivos: não estarem mais residindo no antigo vilarejo que tinha a freguesia garantida; o poder de influência dos latifundiários nos próprios funcionários que dificilmente deixariam de comprar na padaria dos patrões; e a própria segurança da família em abrir um negócio que não dependesse do poderio local. A mãe de “Anastácia” por sua vez não se importou,

contrariou o desejo de seu marido e seguiu com o próprio negócio, realizando encomendas e fazendo entregas tanto na cidade em que moravam, quanto em algumas cidades próximas.

As tias de “Anastácia”, que até aquele momento moravam no mesmo terreno, passaram a dormir no emprego. Suas tias ficando semanas sem voltar para casa, pois também existia uma distância considerável entre a “Cidade Fechada” (Evaristo, 2020b, 131), local que residia a todos da família “D. D.”, e a “Cidade Aberta” (Evaristo, 2020b, 131), local em que moravam as trabalhadoras, que eram funcionárias da família “D. D.”, pessoas desempregadas e emigrantes que chegavam de todo o Estado.

As informações sobre a dinâmica geográfica e econômica da cidade, que “Regina Anastácia” residia, me remeteram à lógica dos condomínios crescente nas cidades, na produção de guetos, que implicam na impossibilidade de comunidade (Romero, Zamora, Filho, 2013). A lógica dos condomínios é uma proposta totalmente avessa às perspectivas que envolvem o surgimento e continuidade dos quilombos (Nascimento, 1982/2018), sendo um ponto de grande inquietação para “Regina Anastácia” tocar nessa parte de sua história. Ela deixava transparecer a tristeza e a raiva que esse período impactou, não apenas na sua vida e do seu marido, mas em toda a sua dinâmica familiar. Perante seu desconforto, sublinhei durante a sessão, que a situação que vivenciou era de fato revoltante e que estava tudo bem ela expressar sua indignação e tentar verbalizar.

“Anastácia” dizia que os cargos e funções importantes na cidade eram vitalícios e monopolizados pela família “D. D.”. A seleção de pessoas, para aquelas que não tivessem peso político, sempre passava pelo crivo dos “D. D.”, e existia apenas um único lugar na cidade que funcionava independente da intervenção da família latifundiária, e hoje é um clube, chamado “Antes do sol se pôr” (Evaristo, 2020b, p. 129).

Por outro lado, falar sobre a origem do clube era motivo de empolgação para “Regina Anastácia”. A história transmitida pelos mais antigos da cidade, revela que o surgimento do clube tinha ligação direta com o período da escravização, em que pessoas africanas e descendentes escravizadas, se encontravam para dançar e cantar desde o amanhecer até “antes do sol se pôr” (Evaristo, 2020b, p. 129). As pessoas africanas, e em diáspora, construíram em paralelo a escravização, lugares e estratégias de fuga do cativeiro, aproveitando que próximo aos domingos e dias santos, os fazendeiros muito católicos normalmente as liberavam, ficando-as livres até antes do sol se pôr e os escravocratas voltarem.

Sussurrando, bem baixinho ao trazer memórias do clube “Anastácia” replicava: “Dizem que, ali, havia uma velha casa de tapera, bem no vão da estrada, que se abria

em três direções. [...] No premeditado folguedo se despistavam da vigilância dos senhores, enquanto organizavam fugas do cativeiro" (Evaristo, 2020b, p. 129). Explicou que "a fuga leva em consideração, também, as condições geográficas que possibilitam a obscuridade das matas. [A fuga] é, portanto, a primeira forma de reação escolhida e largamente usada para iniciar uma nova ordem realmente autônoma" (Nascimento, 1976/2018, p. 72).

Em seguida, "Anastácia" deu uma gargalhada, que quase faltava o ar, e continuou a sussurrar:

> Quando a noite ia baixando, alguns já sabiam qual direção da estrada deveriam tomar. Esquerda? Direita? Em frente? Zâmbi, Olorum, Exu, Ogum, Senhora do Rosário, São Benedito com seu Menino Jesus, Santa Efigênia dependendo da fé do fugitivo, cada um desses protetores, ou todos juntos, indicava qual caminho daria na liberdade quilombola. Mais tarde, quando a lei foi assinada, muitos dos escravizados, que trabalhavam na coleta do ouro e do diamante, já tinham uma economia própria e, juntos, construíram um salão que existe até hoje, no lugar exato em que ficava a tapera. Ali está localizado, hoje, o Clube Recreativo denominado "Antes do sol se pôr" (Evaristo, 2020b, p.129).

"Anastácia" detalhava que desde que havia chegado à cidade, ainda mocinha, no terreno do clube, existia também uma capela e ambos se misturavam, sendo lugar de "rezas, festas e danças" (Evaristo, 2020b, p. 130). Ao contar sua história, mostrava o orgulho que sentia por ter sido "coroada na capelinha, primeiro como Princesa e depois como Rainha Conga" (Evaristo, 2020b, p. 130). Deu de ombros quando mencionou a insatisfação do Padre "J. G. D.", também membro da família latifundiária, que não gostava quando em outubro, na festa do Rosário, a imagem da santa era celebrada fora da igreja. Diante da situação, "Regina Anastácia" afirmou: "a santa tem o lugar próprio, desde sempre, o nosso lugar" (Evaristo, 2020b, p. 130).

Pude notar que clube e capela formavam uma confluência no tempo e no lugar (Bispo, 2015; Martins, 2021; Tuan, 1983). Apesar do contragosto do padre local, tanto "Anastácia", quanto a descrição que ela trazia sobre a mobilização da sua comunidade, expressavam um tipo de resistência à autoridade que tentava se impor. A referida resistência da expressão religiosa, fornecia um lugar de pertencimento para aquelas que não eram parte da família dominante.

Sobre o lugar e sentimento de pertencimento, podemos tomar como característica da perspectiva histórica dos quilombos, da continuidade espacial, preservada e atrativa para população negra que foi marginalizada (Nascimento, 1982/2018). Historicamente o quilombo é um lugar frequentado por pessoas negras, indígenas, brancas, de qualquer raça, etnia e credo. Foi justamente no movimento de

aquilombamento, que aconteceu o fato mais importante da vida de “Regina Anastácia” conforme me contou muito emocionada.

3.2.2. Cena 2 – Amar como enfrentamento às forças de dominação

Era uma tarde fresca, anunciando que chegava a primavera, quando acompanhei “Regina Anastácia” em uma sessão ao ar livre, caminhando a contemplar o típico cartão postal do Rio de Janeiro, no Aterro do Flamengo. Experimentar esse ambiente me fez refletir sobre as diferenças entre os espaços públicos, geralmente frequentados por pessoas jovens, e os ambientes mais privados e fechados, onde as pessoas mais velhas passam boa parte do tempo restritas e limitadas. Além da falta de companhia e das limitações físicas que a idade pode resultar, levando muitas a ficarem isoladas em suas residências.

O isolamento não era exatamente o caso de “Regina Anastácia”, que tem cinco filhos e tetranetos muito presentes em sua vida. No entanto, estar ao ar livre, comigo em uma sessão foi uma forma de proporcionar a “Regina Anastácia” outros trânsitos pela cidade que ela passou a admirar pelas novelas e notícias do carnaval, e por isso escolheu morar após ter ficado viúva. Foi durante essa caminhada psicoterapêutica, vendo a vida acontecer, que ela relatou outra parte admirável e bonita de sua história, iniciada em sua adolescência, diante de um amor à primeira vista.

Durante nossa caminhada e conversação, “Anastácia” volta ao passado e se lembra de uma cena. Certa vez, enquanto cumpria a tarefa de levar um frasco de perfume da farmácia dos latifundiários até a Casa-Grande para entregar à senhora “L. D.”, ela viu pela primeira vez o neto dessa senhora, o chamado “J. D.”, o rapazinho que viria a ser o grande amor de sua vida.

“Anastácia”, com uma expressão suave, refletindo o brilho do sol que se espalhava ternamente na Praia do Flamengo, me perguntou: Thaís, você “acredita em destinos?” (Evaristo, 2020b, p. 132). Rapidamente, sem que eu pudesse responder, afirmou: “Pois eu acredito” (Evaristo, 2020b, p. 132). E prosseguiu com a história, narrando que ao chegar no casarão, foi recepcionada por “J. D.” e me disse:

> Me lembro perfeitamente de que os raios de sol, do meio do dia, caíam nos ladrilhos vermelhos da varanda. A luz brincava no chão e parecia voltar para o rosto dele. Era tanta a insistência dos raios, que o mocinho levou as mãos à altura da sobrancelha, para cortar a claridade que machucava os olhos dele. Eu não sabia o que dizer... Não sabia se eu tinha de dizer... Não sabia se era ele que tinha de me dizer... Não tinha sido nenhuma de minhas tias que tinha vindo abrir a porta (Evaristo, 2020b, p.132).

Constrangida, “Regina Anastácia” replicava os gestos de “J. D.”, como se estivesse revivendo aquela cena e depois de alguns segundos, falou que trocaram olhares e se derreteu diante de um “moço bonito, muito bonito” (Evaristo, 2020b, p.133). Neste dia, passou o resto da tarde na cozinha com suas tias, aproveitando para matar a saudade e entregou a encomenda a “J. D.” para que ele levasse à avó. Horas depois, a própria senhora apareceu na cozinha, dando ordens às suas tias e ignorando a presença de “Anastásia”. “Anastácia” relatou que teve um pensamento instantâneo naquele momento e não soube dizer o motivo, mas contou o que pensou: “O que é dela está guardado, ela nem sabe” (Evaristo, 2020b, p.133). E a senhora jamais poderia imaginar mesmo.

“Anastácia” se despediu das suas tias, antes do sol se pôr e ao chegar na frente do casarão, escutou alguém, uma voz chamando pelo seu nome. A esperá-la no portão estava “J. D.”, que olhou em seus olhos, agora sem cobrir nenhuma parte do rosto e como quem declamasse uma poesia, disse: “Regina Anastácia, você é uma moça muito bonita”.

A abordagem de “J. D.” pegou “Anastácia” de surpresa, que se assustou, mas alegremente pontuou: “Sem o acanhamento da hora da chegada, fui capaz de olhar para ele e sorrir. Dei uns passos adiante, olhei para trás, ele continuava parado olhando em minha direção. Acenei um adeus, ele repetiu o meu gesto. Tudo antes do sol se pôr” (Evaristo, 2020b, p.134).

Paramos em um dos bancos no Aterro para que ela descansasse um pouco, pedimos uma água de coco e muito empolgada, “Anastácia” prosseguiu. Destacou que dois anos após o encontro e despedida com “J. D.”, quando tinha 17 anos, estava a trabalhar com sua mãe, fazendo as entregas dos doces e pães.

Relembrou que a atitude insubmissa de sua mãe, em manter o próprio negócio, de início foi alvo de deboche e descredito tanto por quem morava na Cidade Fechada, quando por quem vivia na Cidade Aberta. “Regina Anastácia” enfatizou a força e determinação de sua mãe para seguir com o próprio trabalho, que aos poucos conquistava uma nova freguesia. Na frente de sua casa, elas costumavam colocar um tabuleiro, que chamava a atenção da vizinhança e passou a ser rodeado por fregueses. Com o enfim, apoio de seu pai, ao atender uma solicitação de sua mãe, colocaram uma placa na tendinha pintada de amarelo: *Saíba e Anastácia – A arte própria de alimentar através do tempo*.

Então, “Anastácia” exclamou: “Você não vai acreditar quem apareceu três anos depois, no dia da inauguração da tendinha, pisando pela primeira vez em nosso território particular!”. Instantaneamente arregalei os olhos, coloquei a mão no rosto e falei empolgada: “Mentiraaa?”

Sorrimos juntas e “Regina Anastácia” disse: “Verdade, ele mesmo “J. D.”, o grande amor da minha vida!”. “J. D.” chegou de mansinho...

> Educadamente, cumprimentou em primeiro lugar a minha mãe, perguntou pelo meu pai, comprou alguns pães e saiu. Tentei ficar indiferente, mas algo em mim bulia. Fui tomada por uma alegria intensa, mas, ao mesmo tempo, por uma tristeza que me avisava de um pressentido perigo. Minha mãe também, vivendo uma estranha intuição, mal o moço saiu, revelou uma preocupação. Achava que [J. D.] tinha ido lá, obedecendo à ordem da família. Tinha ido ver como as coisas corriam em nossa tendinha ou, então, o pior: tinha ido para deitar os olhos em mim. Concordei com ela. Não adiantava fingir com minha mãe, mas só não confessei que o segundo motivo era o que mais me agradava. E, durante meses, [J. D.], quase todos os dias, sempre antes do sol se pôr, aparecia em nossa tendinha (Evaristo, 2020b, p.135).

A preocupação da mãe de “Anastásia” foi algo que a deixou muito aflita e ao perceber o interesse de “J. D.” por ela, decidiu ter uma conversa e explicou o motivo de tamanha preocupação. Contou que uma prática comum dos tempos da escravização, era mantida pelos homens brancos. Os homens brancos, eram incentivados pelas famílias a terem as primeiras relações sexuais com as meninas e mulheres escravizadas, que trabalhavam em suas casas. Com o passar do tempo, a tática mais comum usada pelos homens brancos, e patrões, para capturar as mulheres negras era sedução, em outros casos, era mantido o uso da força contra as empregadas que se recusassem a ter relações com eles.

“Regina Anastácia” relatou que, ao escutar sua mãe alertar sobre a relação entre homens brancos e mulheres negras, escutou com atenção tudo que sua mãe disse e deu razão, só que no caso de “J. D.” era diferente. “Anastácia” me contou que teve que convencer seus pais que ela era esperta e iria perceber caso “J. D.” tentasse algo de má intenção. Com os conselhos de sua mãe ecoando em sua cabe, “Anastácia” ficava atenta, reparando o tempo e na forma com que ela e “J. D.” passavam juntos, tinham sempre conversas respeitosas e admiráveis. “J. D.”, por sua vez, fazia questão de comprar os doces e elogiar os deliciosos quitutes feitos por sua mãe, como forma de valorizar o trabalho realizado pela família de “Anastácia”.

Dias depois, ele chamou os pais de “Regina Anastácia” e a pediu em namoro. Aos poucos “J. D.” foi conquistando a confiança da família de “Anastácia”, por outro lado, a família dele declarou guerra. Ao assumir a relação com “Anastácia”, “J. D.” precisou romper com seus familiares e foi deserdado.

A trama racial e econômica abalou o poderio da família latifundiária e mostrou para “Anastácia” e “J. D.”, que existe um preço a se pagar por bancar os próprios desejos, e nem sempre esse preço é o justo, mas alguns rompimentos se fazem necessários para preservar a saúde e possibilitar o bem-viver. Tremendo de raiva,

“Anastácia” relatou os absurdos que a família latifundiária fez em represália ao namoro:

> Dispensou as minhas tias que trabalhavam com eles, acusou uma de roubo; deram até queixa na polícia. O delegado, apesar de ser também da família, estava ao lado de [J. D.] e logo maliciou sobre as intenções da acusação. Não levou o caso adiante. [J. D.] foi espremido contra a parede, que ele parasse logo com a história de namoro, que fizesse comigo o que quisesse, que montasse para mim uma casa, mas que não espalhasse essa ideia de namoro, de compromisso. Eu não era moça para tais propósitos. Ele, entretanto, sabia o que queria e eu também. A desobediência causou a expulsão do nome dele do testamento. Nada de farmácia, nada de nada (Evaristo, 2020b, p.138).

Pedi que respirasse fundo, segurei sua mão e ela disse que estava tudo bem e continuou...

“Anastácia” disse em voz embargada que isso tudo estava entalado há muitos anos e que se casaram poucos meses depois. Receberam a benção de um padre que veio de outra cidade, desafeto político da família “D. D.” e realizaram a cerimônia na querida capela, “no terreno do Clube Antes do sol se pôr” (Evaristo, 2020b, p. 138).

Erguendo o corpo e levantando a cabeça com orgulho, seguiu a narrar que “J. D.” foi acolhido por sua família e passou a morar em sua casa na Cidade Aberta. Lá trabalhou como professor, ministrando aulas para farmacêuticos de outras cidades e auxiliando na preparação de medicamentos. Por sua vez, “Anastácia”, continuou a trabalhar com sua mãe, e não demorou muito para que ela e “J. D.” conseguissem juntar o suficiente para alugarem uma casa e viverem a dois.

“Anastácia” e sua mãe fizeram uma excelente parceria e transformaram a tendinha em uma padaria, conservando o primeiro nome: *Saíba e Anastácia – A arte própria de alimentar através do tempo*. Seu pai, que foi demitido logo após o namoro ter sido anunciado, se tornou um aliado nos negócios da família, apesar de ter sofrido muito com a demissão, afinal, foram anos trabalhando no mesmo lugar, mas o sucesso da experiência autônoma de sua esposa mostrou que era possível não depender dos latifundiários.

“Regina Anastácia” contou que seu pai encontrou um emprego como zelador, que exigia que passasse a semana inteira fora de casa, o que causava grande tristeza à família. No entanto, a situação da família melhorou e todos ficaram satisfeitos quando “J. D.” conseguiu montar sua própria farmácia e o pai de “Anastácia” passou a trabalhar com ele. Esse movimento iniciado pela mãe de “Regina Anastácia” estimulou que outras pessoas abrissem o próprio negócio e à medida que outros comércios cresciam, a poderio da família latifundiária ficava abalada.

Com lamento, “Regina Anastácia” se encaminhava para o fim desse encontro, dizendo que seu marido “nunca mais procurou alguém da família dele, nem nunca foi procurado” (Evaristo, 2020b, p. 140). Destacou que nem mesmo a mãe dele, por quem “J. D.” sentia tanta saudade, fez algum contato, pois ela não teve coragem de enfrentar seus próprios pais e preferiu assim, se afastar do próprio filho. Já na família de “Anastácia”, passados os diversos momentos de tensão e desconfiança, aceitaram “J. D.” como um integrante da família, sem qualquer outra dúvida.

Já caia a tarde, tão qual a cena que “Regina Anastácia” narrava, e por fim declarou:

> [J. D.], o moço mais bonito que eu conheci, estava aqui, até dez anos passados. Dizia que eu era a eterna rainha dele. Eu acredito, pois ele era o meu rei. Um dia, logo depois de o sol se pôr, ele se foi... Eu espero, sem pressa alguma, a hora do meu poente... (Evaristo, 2020b, p. 140).

4 – Relações étnico-raciais, literatura e psicologia: uma confluência epistemológica

Até que os leões inventem as suas
próprias histórias, os caçadores serão
sempre os heróis das
narrativas de caça.
Provérbio africano

Bastante reflexiva em como poderia apresentar essa articulação interdisciplinar, notei que não fazia sentido dissertar de forma separada os campos da Literatura e da Psicologia, especialmente no que tange os estudos das Relações Étnico-Raciais. Portanto, “cosmoamefricanizar”, “confluir” e “escreviver” foram conceitos basilares para realizar a pesquisa e fazer essa aproximação entre Relações Étnico-Raciais, Literatura e Psicologia.

Percebendo o arcabouço histórico, emocional e linguístico que perpassam tanto a Literatura, quanto a Psicologia, referente aos estudos críticos fomentados pela não aceitação da hegemonia branca e patriarcal presente nos dois campos, entendi que entre Literatura e Psicologia existe uma confluência. Literatura e Psicologia, ainda que pareçam ser áreas distintas, em que a primeira esteja em um campo mais aberto e artístico, e a segunda seja uma ciência mais sistematizada, ambas possuem pontos de conexão comum.

Os movimentos seculares feitos por pessoas negras, emergidos nas últimas décadas, conquistaram amplitudes e lugares quanto à reivindicação de outros referenciais dentro de suas respectivas produções literárias e psicológicas. Os movimentos negros ao problematizarem as histórias que são contadas, as ferramentas e as ideologias que as constituíram – privilegiando imaginários e narrativas branca-cis-hetero-rica, estereotipando negativamente e patologizando todas as pessoas que não estivessem dentro dessa normativa – também deixaram notório o resultado obtido por esse enfrentamento.

Gosto muito de ser cria do Movimento Negro, esse que é educador, como a professora Nilma Lino Gomes (2019) nos ensinou, que busquei quando a indignação não coube apenas na reclamação e ajudei a construir um movimento na faculdade em que me formei psicóloga. Nos meus contatos com os movimentos já existes e com a criação de um pelos corredores da minha primeira faculdade, outros encontros foram acontecendo e fui tendo um pouco mais de dimensão do quão grandiosa é a nossa história, bem como as afetações que emergem dentro do próprio Movimento.

Podemos tomar de exemplo na Literatura, quando tivemos o movimento organizado para a criação da série *Cadernos Negros*, em 1978, tendo Cuti[31] como um dos fundadores, e proporcionou um lugar para uma vasta publicação de contos e poesias em que pessoas negras puderam escrever sobre suas próprias histórias. A série *Cadernos Negros,* foi ação de ruptura com o protagonismo branco e abertura de lugares para diferentes narrativas de personagens negras na Literatura Brasileira (Evaristo, 2009).

Já na Psicologia e em conjunto com diversificadas áreas profissionais, uma das iniciativas para a mobilização das discussões e ações de forma interseccional e multiprofissional acerca das desigualdades raciais e de gênero, foi com a criação do *Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades* (CEERT). Em 1990 o CEERT é criado, tendo a psicóloga brasileira, Maria Aparecida da Silva Bento, mais conhecida com Cida Bento, como uma das idealizadoras (CFP, 2017).

Cida Bento (2022) desenvolveu seu trabalho como psicóloga no campo social e organizacional, constatando as dimensões que compunham o perfil de pessoas que eram consideradas adequadas para ocupar cargos mais elevados dentro da hierarquia das instituições. Não por coincidência, Cida Bento (2002) destaca que os cargos de alta liderança não apenas nas empresas, mas em diversas esferas sociais, tendo quase como representação exclusiva, homens brancos nas posições de liderança. Ressalta-se que as organizações até produzem narrativas pautando a diversidade, mas na verdade isso não se aplica nos cargos de prestígios, ficando apenas de faixada.

As relações de dominação pesquisadas por Cida Bento (2002, 2022) nas instâncias de poder institucionais de diferentes segmentos, seja em termos políticos, jurídicos, econômicos, culturais ou educacionais, evidenciaram um movimento de autopreservação do grupo branco. As relações de dominação nascem “do medo e cercada de silêncio, fiel guardião dos privilégios” (Bento, 2002, p. 44) dos brancos para fazer a manutenção de seus privilégios geracionais. Dominação que é datada por um componente histórico do período da colonização das Améfricas (Gonzalez, 1988/2018) feita pelos países europeus no século XVI, tendo o protagonismo e enriquecimento

[31] Cuti, pseudônimo de Luiz Silva, nascido na cidade de Ourinhos, São Paulo, é Mestre e Doutor em Letras pela UNICAMP. É poeta, ficcionista, dramaturgo e ensaísta. Tem uma ampla carreira na literatura e na militância negra. É um dos fundadores e mantenedores da série Cadernos Negros, dirigindo no período entre 1978 e 1993 e também fez parte da fundação da ONG Quilombhoje Literatura, em que foi membro atuante entre 1980 e 1994. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/212-cuti. Acesso em: 11 out. 2023.

europeu consolidado pela brutalidade da escravização das populações indígenas e negras.

A construção das identidades do grupo branco, além disso, passa por esse elemento narcísico, evocado por Cida Bento (2002) na teoria psicanalítica, referente ao amor a si mesmo como um movimento de autopreservação e identificação com o semelhante, que gera aversão e medo diante do que é considerado “estranho”, “diferente”, levando ao ódio narcísico de desidentificação. Deste modo, tratando de relações raciais hierarquizadas em perspectivas violentas de poder, os europeus, brancos, constituíram sua identidade comum em contraste, principalmente, as pessoas africanas, negras (Bento, 2022).

Assim sendo, ao se expandirem pelo mundo, roubando, se apropriando dos recursos materiais e simbólicos, atribuindo significados a si e ao outro, por meio de mecanismos de defesa como a negação, a projeção e a repressão, os europeus inferiorizaram as populações que consideraram diferentes, viabilizando a construção de sua narrativa, colocando-se como o “normal”, o “universal” (Bento, 2002, 2022).

Neusa Santos Souza (1983) no seu emblemático livro *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* de 1983, nos apresenta que a pessoa precisa de um modelo para se constituir como tal. Esse modelo é o Ideal de Ego, “um modelo ideal, perfeito ou quase. Um modelo que recupere o narcisismo original perdido, ainda que seja através de uma mediação: a idealização dos pais, substitutos e ideais coletivos” (Souza, 1983, p. 33). Partindo desses elementos do branco como modelo, e do próprio contexto histórico, carregado por símbolos e significações, Neusa Santos Souza (1983) enfatiza que o Ideal de Ego da pessoa negra é branco, por nascermos e sobrevivermos imersas numa ideologia “imposta pelo branco como ideal a ser atingido” (Souza, 1983, p. 34).

Grada Kilomba (2019), na obra *Memórias da Plantação: episódios do racismo cotidiano*, publicada em 2008, mas traduzida e lançada no Brasil apenas em 2019, mostra que a pessoa negra é também a “Outridade” em relação ao “eu” do branco, uma vez que é depositado em nós, pessoas negras, os aspectos repressores do “eu” branco, sendo tudo aquilo que ele não quer parecer. Ou seja, a pessoa negra é lida socialmente pelas fantasias que foram criadas no imaginário branco. Nós, recebemos a projeção do que é considerado ruim, nos tornamos o lixo do branco, como Lélia Gonzalez (1980/2018) incrivelmente denunciou ao fazer uso da teoria psicanalítica direcionando-a a análises histórico-culturais, em que a formação do Brasil é “de ordem geográfica e, sobretudo, da ordem do inconsciente” (Gonzalez, 1980/2018, p. 321).

A posição estabelecida pelo mundo conceitual branco sobre nós, pessoas negras, é forjada “como se o inconsciente coletivo das pessoas negras fosse pré-

programado para a alienação, decepção e trauma psíquico, uma vez que as imagens da negritude às quais somos confrontadas/os não são realistas, tampouco gratificantes" (Kilomba, 2019, p. 39).

A exemplo de imagens internalizadas de pessoas e o que elas representam, convido você a pausar, e rapidamente fazer o exercício de listar cinco personagens que são símbolos de liderança e heroísmo na sua infância. Liste o contrário também, quem representa a maldade, a perversidade?... Feito? Agora, me diga quais são sua raça, gênero, idade e país de origem? Quantos e quem são pessoas negras, mulheres, brasileiras ou de algum país do continente africano, asiático, latino-americano?

O modelo de identidade que perdura no imaginário social, articulado e vinculado ao domínio simbólico, estruturando o Ideal do Ego, está alicerçado no significante branco, masculino e nas significações que estão atreladas às construções que fundamentaram a ordem simbólica na cultura ocidental. A psicóloga brasileira Isildinha Baptista Nogueira (1998), em sua tese de doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, intitulada *Significações do corpo negro*, em que o título primeiro, *A cor do inconsciente*, só foi publicado em seu livro em 2021, nos explica que:

> Quando estabelecidos os sistemas de representação, sua lógica passa a ser introjetada, pela educação, nos indivíduos, de maneira a estabelecer, nestes, semelhanças essenciais que a vida no coletivo presume e que constitui a garantia de homogeneidade para o sistema social: é o que garante o processo de socialização dos indivíduos (Nogueira, 1998, p. 41).

A representação social do corpo ao ser analisada, nos ajuda a entender a estrutura de uma sociedade (Nogueira, 1998), em que o branco corporifica os elementos simbólicos e positivos da cultura, impondo-se como o modelo ideal a ser atingido, em que a pessoa negra tem a negação de qualquer traço que remeta a sua história (Souza, 1983). Neusa Santos Souza (1983) reitera que a dor, a negação e a rejeição da pessoa negra são tamanhas, e por vezes nos levam ao desespero e a violentarmos nosso próprio corpo físico. Em violências, que se torna auto-violências, Grada Kilomba (2019) nos convoca a direcionar nossa preocupação com o fato da pessoa negra ser forçada, no processo de construção subjetiva, a passar pela presença alienante da ordem colonial, que é branca.

Frantz Fanon (2020) nos brinda ao realizar a análise psicológica em seu estudo clínico, no clássico livro *Pele negra, máscaras brancas*, com primeira edição em 1952. Frantz Fanon (2020) expõe que a alienação da pessoa negra não é uma questão individual, e difere da forma como Sigmund Freud constituiu a psicanálise no final do

século XIX. Ainda que Sigmund Freud (1921/2011) no texto *Psicologia das massas e análise do eu* publicado em 1921, introduza que em um sentido amplo, “a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social” (Freud, 1921/2011, p.10), Frantz Fanon (2020) conceitua a sociogenia para explicar que o processo de desalienação da pessoa negra versa por considerar a ordem econômica e epidérmica, diante da interiorização do lugar de inferioridade. Frantz Fanon (2020) pauta com veemência, que não haverá uma real libertação da pessoa negra sem uma solução que passe a nível objetivo e subjetivo, concomitantemente.

É importante sublinhar que em sua obra, Frantz Fanon (2020) faz questão de enfatizar, que seus estudos pertencem ao tempo dele, assim como estão situados nas Antilhas, uma colônia francesa da Martinica na América Central. Contudo, a magnitude do pensamento de Frantz Fanon está para além de seu tempo e é referência para inúmeras intelectuais que pesquisam sobre os campos políticos, filosóficos, sociais e da saúde, como no caso das intelectuais negras, destacadas até o momento desta seção. O fato de Frantz Fanon ser referenciado por várias intelectuais de lugares e tempos diversos, diz muito sobre a própria dinâmica perversa e atemporal do racismo e do sistema colonial espalhado pelo mundo (Kilomba, 2019).

Note que... Se é atemporal o racismo, é também atemporal a luta antirracista, e os movimentos que são feitos para que a destruição material e simbólica alastrada por essa tragédia sejam enfraquecidas. Assumir um posicionamento antirracista, inclusive, é realizar uma pesquisa que se coloque na palavra e no ato como forma de contribuir a esse enfrentamento, sendo umas das lutas que me dispus a realizar dentro e fora da Psicologia. É o caso quando me refiro ao significante negra e indígena, posterior ao substantivo pessoa, não faço apenas por uma escolha aleatória e estética das palavras, mas num exercício e compromisso a quem me lê, para introjetar a alma em corpos que a ciência diz “estudar a alma”, mas a sequestrou e sugou a depender da cor da pele e origem. Escrever pessoa negra e pessoa indígena é uma escolha ética-política-afetiva para fazer frente à dimensão de ‘coisa’, em que a população negra é constantemente colocada, e direcionada à morte física e subjetiva (Lima; Oliveira; Santos, 2023).

Enquanto escrevo, fazendo as análises e pesquisas, lembro de algumas notícias que caracterizam mortes objetivas e subjetivas, nas quais podemos chamar de *O genocídio do negro brasileiro: processos de um racismo mascarado,* como intitula o livro do artista, poeta, político, professor e tantas honrarias mais, Abdias do Nascimento (1978).

Duas dessas notícias aparecem com muita nitidez em minha memória. Pesquiso por elas, meu corpo treme, as lágrimas percorrem meu rosto e meu coração

dói, dói... dói profundamente. Notícias que deixam explícita a redução da vida negra a ‘coisa’, assim como a vida indígena e a confluência entre raça e etnia, na marcação, principalmente, do corpo, do fenótipo, que por vezes não dá para apagar ou disfarçar. Me pergunto qual caminho que a humanidade está tomando. Humanidade? Quem é considerado humano? Quem pode continuar vivo e viver com dignidade?

É preciso compreender com bastante afinação as problemáticas que marcam o corpo, nessa sociedade obcecada pela visão, com binarismos opositivos e totalizantes, constituídos pelo discurso ocidental, como ressalta Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí (2021). Na sociedade em que a imagem vale mais que mil palavras, não é só dizer, a pele e os traços vão gritar bem mais alto e deixar explícitos a origem do processo brutal do sistema colonial, com suas categorias racistas, patriarcais e classistas.

Reitero: a marca na pele é o grande problema para iniquidades. Ainda assim, as questões genéticas não podem ser desconsideradas, pois também interferem no quesito saúde/doença em um sistema que forma subjetividades embasadas na dinâmica avassaladora que foi o processo escravocrata, determinado por posições hierárquicas violentas.

Na madrugada de 20 de abril de 1997, o indígena Galdino Jesus dos Santos, da etnia Pataxó, foi queimado vivo. Na manchete publicada em 2022, 25 anos após a ocorrência do crime, destaca que “os cinco assassinos responsáveis pelo crime bárbaro estão na elite do funcionalismo público, com altos salários e uma série de privilégios” (Motoryn, 2022). No dia do crime, Galdino estava dormindo em um ponto de ônibus, pois perdeu o horário de entrar na pensão que estava hospedado e no dia 19 de abril estava envolvido nas atividades em celebração ao Dia dos Povos Indígenas. As falas proferidas pelos assassinos de classe média alta de Brasília, que tinham idade entre 16 e 19 anos, diziam que só queriam “dar um susto”, que “foi uma brincadeira” e pensaram que Galdino “era um mendigo”.

Claudia Silva Ferreira. Na manhã do dia 16 de março de 2014, enquanto ia comprar alimento para a família, Claudia foi assassinada pela Polícia Militar do Rio de Janeiro durante uma operação no morro da Congonha (Franco, 2022). Lembro dos vídeos se espalharem rapidamente com a imagem do seu corpo caído para fora do porta-malas da viatura da polícia, preso por sua roupa e arrastado a quilômetros de distância.

Poderia fazer um relatório e faltariam páginas para listar e contar numericamente e historicamente as vidas indígenas e negras que foram brutalmente assassinadas desde a invasão das Améfricas ou mesmo nos últimos cinco anos. Passando por Marielle Franco (1979-2018), Mestre Moa de Katendê (1954-2018), Evaldo Rosa dos Santos (1968-2019), Luciano Macedo (1992-2019), Ágatha Felix

(2011-2019), João Pedro Matos (2006-2020), George Floyd (1973-2020), Miguel Otávio Santana da Silva (2014-2020), João Alberto Silveira Freitas (1980-2020), Kathlen Romeu (1997-2021), Yalorixá Maria Bernadete Pacífico (1951-2023), Cacique Lucas Kariri-Sapuyá (1992-2023). E até mesmo o assassinato de pessoas brancas como no caso de Dom Phillips (1964-2022) e Bruno Pereira (1980-2022), que se dispuseram na luta a favor das comunidades indígenas.

A questão é que no racismo no Brasil o buraco é bem mais embaixo, mesmo em covas rasas, e não é comparável simetricamente a nenhuma parte do mundo. Quando não escancarado, o ato racista encontra sutilezas perversas que também paralisam quem é alvo. A ordem social racista explicita o desejo pela morte da pessoa negra antecedendo ao nosso próprio nascimento. Abdias do Nascimento (1978), escreve que:

> O racismo brasileiro por uma aparência mutável, polivalente, que o torna único; entretanto, para enfrentá-lo, faz-se necessário travar a luta característica de todo e qualquer combate anti-racista e anti-genocida. Porque sua unicidade está só na superfície; seu objetivo último é a obliteração dos negros como entidade física e cultural (Nascimento, 1978, p. 136).

Lembram que Beatriz Nascimento (1974/2018) já tinha nos avisado, que nossa história é outra, como é outra a nossa problemática e devamos buscar nós mesmas, sem sermos confundidas com as pessoas norte-americanas ou africanas? Mesmo assim, perdura a tentativa de negar o racismo “à brasileira” (Gonzalez, 1988/2018, p. 322), multifacetado pelo mito da democracia racial e de dar créditos a como ele se manifesta nos Estados Unidos com o argumento das leis de segregação racial: que deixaram o racismo bastante definido e escancarado por lá.

É preciso deixar nítido que não existe racismo maior ou menor, tampouco a dor e o sofrimento causado devam ser colocados em graus de disputa. Contudo, o que acontece é que no Brasil, o racismo é feito pela aproximação racial e não de uma segregação escancarada, e dá sentido por exemplo, a lógica das empregadas domésticas serem “quase da família”. Resultado? O trabalho doméstico segue marcado pelo perfil ocupado majoritariamente por mulheres, negras, com uma renda mensal por volta de um salário-mínimo, sem sequer terem carteira assinada (Dieese, 2022). Que o digam a Casa-Grande e os diversos tipos de trabalhos análogos a escravidão, que por sinal, não cessam em serem denunciados, e bom mesmo seria se também fossem abolidos.

Um dos casos que tive notícias foi na entrevista para o TV Folha, no dia 27 de janeiro de 2024, em que Maurício de Jesus Luz, de 44 anos, natural de Tucuruí/PA, atualmente garçom do Tribunal Superior do Trabalho em Brasília, relatou detalhes de

sua infância. História marcada pela pobreza, abandono paterno e materno aos oito meses de idade. Sendo deixado com uma vizinha, que ao perceber que a mãe dele não voltava, o entregou a sua avó. Avó, que por sua vez, trabalhava em uma fazenda e com a chegada de Maurício, sua condição ficou pior e o sofrimento dela era constante em ter que se dividir entre as tarefas da fazenda e o cuidado com o neto (Folha de S. Paulo, 2024).

Maurício relata que à medida que foi crescendo, os serviços na fazenda foram passados para ele executar, com a justificativa que era para cobrir a despesa que ele dava na sede. O grau de sofrimento foi aumentando ao longo dos anos e diante do falecimento de sua avó, quando ainda tinha entre 8/9 anos, ficou completamente sozinho e escutou da dona da fazenda que ele poderia ir embora. A dona da fazenda sabendo que Maurício não iria embora, já que não tinha para onde ir, enfatizou que as coisas iriam mudar e ele teria que trabalhar por ele e por sua avó. Ocorrendo também uma intensificação de sua condição de sofrimento, adicionada pela violência física a qual foi submetido pela dona da fazendo e pelo filho dela (Folha de S. Paulo, 2024).

Na entrevista, Maurício mostra as marcas no seu corpo, as cicatrizes em que diz não se lembrar como aconteceram, e pontua: “a gente não lembra essas coisas, a gente só sofre” (Folha de S. Paulo, 2024). Tortura e exploração foram imposições submetidas a Maurício durante a infância, adolescência e início da fase adulta, além de ser xingado de:

> ‘neguinho escravo’, ‘filhote de escravo’, ‘filhote de urubu’, ‘estorvo’. Esse era o palavreado. ‘Escravo não tem querer, escravo tem obrigação’. Eu nunca encarei nem isso como escravidão, eu encarava como assim: se eu tô aqui, preciso trabalhar, preciso comer. Aí leva uma lapada, na hora sente muita raiva, depois passar e você acaba ficando de boa de novo e aí você vai protocolando a vida, né? (Folha de S. Paulo, 2024).

Maurício percebe o tempo passar, sem ter a noção de exatamente quanto, e acredita que por volta dos 13/14 anos, após tomar uma lapada com arreador no meio do seu peito, decidiu que seria a última vez e foi embora. Com sua fé, entregou à Deus, procurou outra fazenda e pediu serviço por lá. Contudo, exclamou: “eu só troquei a cor do saco, a farinha era a mesma” (Folha de S. Paulo, 2024). No primeiro momento, pensou que seria uma boa, por considerar o lugar mais moderno, de família evangélica, mas encontrou a mesma ruindade (Folha de S. Paulo, 2024).

Maurício, nunca tinha dinheiro para nada. Quando acompanhava o dono da fazenda na cidade, esperava o culto acabar do lado de fora, no frio, sentado no banco da praça. Vendo as pessoas lanchando, comendo sanduíche, tomando refrigerante e salivava de vontade, sem ter um centavo para tomar uma água, sequer (Folha de S. Paulo, 2024).

Trabalho em troca de um prato de comida, feita de sobras e restos. Banho só no riacho, porque não era permitido usar o banheiro e a cozinha da casa. Dormitório, na estrebaria. Acesso a escola, como? “Não! Eu nunca vi dizer que em nenhuma parte do mundo, escravo precisa ter leitura” (Folha de S. Paulo, 2024). Foi o que Maurício escutou de um dos donos da fazenda, ao pedir para estudar em uma escola rural.

Um dia, caminhando, procurando um gado, encontrou alguns vaqueiros e em conversa com eles apresentou seu desejo de sair daquele lugar e recebeu a informação que teria uma fazenda contratando um vaqueiro com o serviço pago. Maurício arriscou novamente e saiu da outra fazenda. Talvez o que não esperava, era que todo o material que seria utilizado para realizar os serviços seria descontado de forma mensal, de um salário que já era pouco e que não abria possibilidades de economizar. O dinheiro era uma questão que aprisionava Maurício de outras formas aos fazendeiros, já que itens e serviços básicos, o colocavam em uma servidão por dívida e o deixava diante de mais uma situação degradante e com o mesmo sofrimento, conforme compartilhou (Folha de S. Paulo, 2024).

“O meu problema era que eu não tinha para onde ir. Eu me sujeitava tanto, porque eu não tinha um teto. A minha avó não me deixou nada e não me deixou outra escolha. É simples assim” (Folha de S. Paulo, 2024), resume Maurício. Mas, aos 18 anos, através de uma amizade com um casal de velhinhos, que morava no fundo dessa última fazenda, Maurício teve a vida completamente mudada. “Lá eu me sentia bem, lá eu era gente, lá eu comia bem, conversava, brincava, sorria” (Folha de S. Paulo, 2024), afirmou.

Foi então que surgiu a oportunidade de ir para Brasília e ao comentar com os velhinhos sobre o assunto, contou que não tinha documentos e veio a surpresa! Sabendo da história de Maurício e o desejo de pegar voos mais altos, o casal decidiu registrá-lo como filho legítimo para ele poder ir embora. Ao relatar que o casal de velhinhos foram seus pais, Maurício se emociona, chora e declara que eles quem deram o seu passaporte para sair daquela condição (Folha de S. Paulo, 2024).

Recorda, que até então, seu nome era Franscisco, negão, chicão, capelão, macaco, filhote de guariba, filhote de urubu, nego da peste, mas passou a ter um nome. No cartório, no ato de registro e com dúvidas, perguntou, expressando seu desejo a moça que digitava, que gostaria de trocar seu nome. A atendente do cartório, deu risada e respondeu: “não tem como trocar o seu nome, você não tem nome, você vai passar a ter um nome agora. Então, qual nome você gostaria?” (Folha de S. Paulo, 2024). Prontamente falou que gostaria que seu nome fosse Maurício. E assim ficou... À medida que Maurício foi declamando o seu nome completo, como se escrevesse no

ar, registrou: Maurício de Jesus Luz e no dia combinado lá foi ele embora para Brasília (Folha de S. Paulo, 2024).

Apesar do sofrimento vivido até seus 19 anos, Maurício destaca que agora é feliz, que não guarda mágoa, que tem a cicatriz, mas não revive a cicatriz e ressalta que o importante é que tem um bom emprego, que é respeitado, chamado pelo seu nome e é amparado no local que trabalha. Explica que passou por tal sofrimento, porque não teve apoio, recebeu a vida como lhe foi oferecida e aceitou aquela condição para não ficar na rua, pois pensava que era normal (Folha de S. Paulo, 2024).

"Você é como se fosse o filho da mucama que ficou, e aí o dono acha que é teu dono também!" (Folha de S. Paulo, 2024), exclamou ele, que apenas teve a dimensão de que aquilo que viveu ter sido uma escravidão, quando assistiu no auditório do seu trabalho a palestra de Simone Diniz de 44 anos, que:

> foi vítima de racismo quando era estudante, ao buscar uma vaga de empregada doméstica. Seu caso gerou uma responsabilização do estado brasileiro por violação de direitos humanos por parte da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (Folha de S. Paulo, 2024).

Ao escutar a história de Simone e conversarem, Maurício viu que aquela história era igual a dele e se deu conta que já havia passado pela mesma situação. No final da entrevista, ele declarou que "em algum canto do brasil, hoje tem alguém nessa situação, precisando de ajuda e normalmente os que estão nessa situação é aqueles que não tem nenhuma estrutura de leitura, uma estrutura de família, uma estrutura de apoio, tem nada" (Folha de S. Paulo, 2024). Concluiu que seu objetivo com esse depoimento era conscientizar as pessoas para que não façam isso, e que pessoas que estiverem passando por situações parecidas com a que viveu, não devem aceitá-las (Folha de S. Paulo, 2024).

Histórias como a de Maurício de Jesus Luz e Simone Diniz deixam à céu aberto todo o horror atemporal da colonização e a urgência de que a história que fundou esse país seja contada da maneira que realmente aconteceu e ainda acontece, assim como evidencia o que Abdias do Nascimento (1978) entoou quando disse que:

> devemos, negros e africanos, enfatizar nossa presença neste mundo que modela a civilização do futuro. Civilização aberta a todos eventos da existência humana, livre de exploradores e explorados, o que resulta na impossível existência de opressores e oprimidos de qualquer raça ou cor epidérmica. Não desejamos transferir para outros as responsabilidades que a História nos outorgou (Nascimento, 1978, p. 137).

Abdias do Nascimento (1978) nos deixou um legado riquíssimo com suas ações e a criação do Teatro Experimental do Negro (TEN) em 1944, colocou

literalmente em cena o corpo de uma classe subalternizada para protagonizar uma história revolucionária. Pessoas faveladas, empregadas domésticas, operários desqualificados e as que frequentavam os terreiros, foram educadas, formadas e apresentadas como as primeiras negras intérpretes dramáticas do teatro brasileiro, seguindo as orientações do TEN.

Dada a inviabilidade de uma imediata revolução no país que pudesse mudar radicalmente as estruturas de poder, e fosse conduzida por bases verdadeiramente populares e democráticas, na conclusão do referido livro já mencionado, Abdias do Nascimento (1978) tece uma série de recomendações e providências ao Governo Brasileiro a serem efetivadas nos campos econômicos, políticos, educacionais, culturais e psicológicos. As recomendações de Abdias do Nascimento (1978) foram sementes para efetivação de políticas de ações afirmativas, em que na posição de Deputado Federal, apresentou o Projeto de Lei nº 1332/1983[32] que visava a implementação do princípio da isonomia social do negro, assegurada na Constituição Federal de 1967, mas foi arquivada em 05 de abril de 1989.

No que se refere ao campo educacional, quase duas décadas após essa ação de Abdias do Nascimento (1978), tivemos as primeiras leis que abririam as portas para o acesso à pessoas, que foram marginalizadas racialmente e economicamente. Em 2000 a Lei nº 3.524/2000, foi aprovada pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), destinando a reserva de 50% das vagas para estudantes egressos de escola pública nas universidades estaduais fluminenses. Em 2001 a aprovação da Lei nº 3.708/2001, destinava 40% de vagas para candidatas autodeclaradas negras e pardas[33]. Finalmente em 2003, tivemos a Lei nº 10.639/2003, atualizada na Lei nº11.645/2008, que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas de ensino fundamental e médio.

Os movimentos políticos e jurídicos inauguraram possibilidades de maiores mudanças na sociedade, não apenas nas universidades públicas, mas também nas universidades particulares que passaram a implementar formas para facilitar a entrada de pessoas dissidentes, assim como eu. Deste modo, afirmo que tomar a posse das

---

[32] Ver: **PL Nº 1332/1983, DE 14 DE JUNHO DE 1983**. Agência Câmara de Notícias. Câmara dos Deputados, Brasília, DF. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=190742#:~:text=Vers%C3%B5es%20para%20impress%C3%A3o-,PL%201332,Projeto%20de%20Lei&text=DISP%C3%95E%20SOBRE%20A%C3%87%C3%83O%20COMPENSATORIA%2C%20VISANDO,PRIMEIRO%2C%20DA%20CONSTITUI%C3%87%C3%83O%20DA%20REPUBLICA.>. Acesso em: 06 de jun. de 2024.

[33] Ver: UERJ. **Sistema de cotas – Programa de Ação Afirmativa**. Disponível em: <https://www.uerj.br/inclusao-e-permanencia/sistema-de-cotas/>. Acesso em: 08 de jun. de 2024.

nossas narrativas é assumir a responsabilidade pelo nosso protagonismo, sem sermos reduzidas à miséria, à animalidade, à violência e à objetos utilitários de subserviência, para exercermos, assim, o nosso papel de pessoas de direito, colocando em cena nossas próprias perspectivas e cosmopercepções (Oyěwùmí 2021).

Foi como expressei desde o início dessa confluência epistemológica, a respeito da importância dos movimentos negros na luta por outras possibilidades de mundo. Materializado também na Literatura, em que o movimento negro literário vem desenvolvendo um processo de retomada para redirecionar a ampliação de novos imaginários em que a vida se faz presente, “apesar de” (Evaristo, 2020b, p. 112).

A criação da série *Cadernos Negros* foi um dos desdobramentos do Movimento Negro Unificado – MNU, articulado em 1978, nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, sendo chamado primeiramente de Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial – MNCDR (Cuti, 2010). Entretanto, Cuti (2010) pontua que nos primeiros anos do século XX, já havia associações negras espalhadas pelo Brasil, direcionando sua escrita a pessoas negras, incluindo em seus escritos o protesto, como o desenvolvimento de uma produção crítica.

Sobre a literatura negro-brasileira, Cuti (2010) nos diz, que “do sussurro ao grito, vem alertando para isso, ao buscar seus próprios recursos formais e sugerir a necessidade de mudança de paradigmas estético-ideológicos” (Cuti, 2010, p. 13). Tratando-se de movimentos sociais, a socióloga estadunidense Patricia Hill Collins (2018) vai nos mostrar que foi a luta de mulheres negras, que proporcionou a mudança de paradigmas que nos permitiu abraçar abordagens interpretativas, como a interseccionalidade. Acrescento também, como destaque desta pesquisa, a própria escrevivência (Evaristo, 2020a), como recurso utilizado para explicar não apenas fenômenos sociais, mas aqueles que são subjetivos e intersubjetivos.

Na beleza inquietante que constitui as produções de Cuti (2010), no livro *Literatura negro-brasileira* de 2010, encontramos conteúdos profundos com referências históricas, linguagens e expressões minuciosas, que nos auxiliam na compreensão das disputas, conquistas e lutas contínuas não apenas na Literatura, mas em todas as esferas sociais em que a persistência racista, que cristaliza a superioridade racial branca, não partilha o poder dentro de um país com uma imensa pluralidade étnico-racial.

Para combater a situação de desigualdades impostas, temos textos nacionais produzidos principalmente por pessoas negras, que sentiram a discriminação no ato do seu aprendizado e dedicaram-se para desmantelar as ilusões dessa hierarquia violenta (Cuti, 2010).

As disputas em torno da própria construção do texto literário e da existência ou não de um *corpus* específico na Literatura Brasileira, caracterizada por Literatura Negra e/ou Afro-brasileira (Evaristo, 2009; Cuti, 2010; Pereira, 2010), já denunciam a reivindicação de um lugar para narrativas e posições que não estão contempladas na cena das produções brasileiras que ganhavam ampla repercussão.

Cuti (2010) reitera que “a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação” (Cuti, 2010, p. 13). Reforça-se, significativamente, que a própria Literatura seja usada como um instrumento contra o racismo nela entranhado e dissipado por toda a sociedade (Cuti, 2010).

O antropólogo e ensaísta Edimilson de Almeida Pereira (2010), aponta para duas instâncias como base da constituição da Literatura Negra e/ou Afro-brasileira, que estão diretamente conectadas, pois referem-se à experiência histórica e social de quem produziu o texto e a própria produção como lugar de reflexão de tal experiência. O ensaísta explica que quando a autoria do texto é feita por uma pessoa negra, advertida das condições históricas que afetam a nossa coletividade e, portanto, a própria autoria, a escrita aparece carregada de “discursos que a diáspora, a escravidão e a violência impediram de germinar” (Pereira, 2010, p.1). Sendo assim, ao tomar posse do próprio discurso, a autoria exprime uma elaboração artística e um convite às pessoas negras a mobilização política para organização e reivindicação dos próprios direitos (Pereira, 2010).

Edimilson de Almeida Pereira (2010), sublinha ainda que os desafios enfrentados pela autoria negra, no universo da Literatura Negra e/ou Afro-brasileira, não se limitam apenas ao próprio fazer literário, mas também “se estende para o território da vida real” (Pereira, 2010, p.2). Uma vez, que ao se depararem com o padrão hegemônico literário e o mercado editorial enrijecido entorno do cânone literário brasileiro, essas autoras encontram dificuldades em divulgar suas produções e como alternativa e protesto, criam seus meios de divulgação, frente “a certos canais editoriais que restringem a literatura a objeto de consumo” (Pereira, 2010, p.2).

No que se refere a interseccionalidade dentro da Literatura Brasileira, Conceição Evaristo (2009) acrescenta também, “a presença de uma vertente negra feminina” (Evaristo, 2009, p. 18) e evidencia que as marcações perversas da sociedade, as quais ela foi submetida desde sua infância, pelas discriminações do racismo, sexismo e classismo, estão presentes em suas produções. Para tal colocação, Conceição Evaristo (2009) traz questionamentos quanto uma suposta neutralidade na criação do texto literário e se na concepção da escrita, quem a faz, consegue se desvencilhar totalmente de sua subjetividade.

Conceição Evaristo (2009) assume, no seu próprio processo de escrita, de criação ficcional, que ela não se desvencilha de um “corpo-mulher-negra em vivência” (Evaristo, 2009, p. 18). Deixando emergir no texto sua subjetividade, advertida e na concordância com outras pesquisadoras, que o ponto de vista do texto é uma característica da escrita negra na Literatura e o referido ponto de vista do texto, seja ele qual for, “não é fruto de uma geração espontânea” (Evaristo, 2009, p. 18).

Sendo assim, Conceição Evaristo (2009) situa que o fazer literário de pessoas negras apresenta vivências e experiências diversificadas, se diferenciando na Literatura Brasileira convencional. Literatura, que de um modo geral é branca, e por que não dizer também, racista? Ao passo que o caminho histórico da Literatura Brasileira, dominada por homens brancos e por eles difundida, colocam personagens negras de forma marginalizada, estereotipada negativamente, seja pelos papéis secundarizados ou pelas descrições depreciativas.

Conceição Evaristo (2009) acrescenta que na Literatura canônica, as personagens representadas por mulheres negras, eram apenas um corpo, “que cumpria as funções de força de trabalho, de um corpo-procriação de novos corpos para serem escravizados e/ou de um corpo-objeto de prazer do macho senhor” (Evaristo, 2009, p. 23). Em resumo, a doméstica, a mãe preta e a mulata, que Lélia Gonzalez (1980/2018) nos apresentou como categorias de análise crítica.

Miriam Alves (2010), escritora brasileira, assistente social e professora, vai nos dizer que a escrita da mulher negra desponta no lugar da alteridade. “Uma voz que se assume. Interrogando, se interroga. Cobrando, se cobra. Indignada, se indigna. Inscrevendo-se para existir e dar significado à existência, e neste ato se opõe” (Alves, 2010, p. 185).

Concluindo com as colocações de Conceição Evaristo (2009), Miriam Alves (2010) ao trazer a interseccionalidade na produção do texto literário, destaca a tripla opressão que as mulheres negras sofrem na sociedade, passando pelo homem branco, o homem negro e a mulher branca. Contudo, enfatiza que a escrita das mulheres negras, ressoa na criação do texto literário e na complexidade do que é ser mulher na sociedade brasileira, quando assumem sua voz-mulher, afirmando uma identidade-mulher-negra, que sempre esteve presente, “no ‘lugar do silêncio’, dentro do outro silêncio-mulher-branca, na singularidade e na subjetividade da experiência única de ser mulher negra no Brasil” (Alves, 2010, p. 185).

Tanto Conceição Evaristo (2009), quanto Miriam Alves (2010) reverenciam a articulação que resultou nos *Cadernos Negros*, como chave que abriu novas possibilidades para Literatura feita por pessoas negras. Colocando na cena, no destaque e na valorização a autoria negra e suas respectivas produções.

Para tanto, considero importante nessa confluência epistemológica, apresentar um pouco mais das palavras de Conceição Evaristo (2020a) e como essa grande intelectual faz a composição de suas personagens. Até mesmo para que você, que está acompanhando este percurso até aqui, compreenda a trama que perpassa o nascimento das personagens analisandas e analisadas.

Como fonte de informações, separei a entrevista que Conceição Evaristo forneceu ao canal *Leituras Brasileiras*, em 2020, e seus escritos em uma coletânea de textos em que ela nos conta como nascem a sua escrita e como é feito o seu processo de construção das personagens. Informações presentes no livro *Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, de 2020, produzido por diversas intelectuais que articulam e reverenciam o conceito de "escrevivência".

Ouso dizer que o protagonismo na vivência das personagens negras que compõem os contos de Conceição Evaristo (2020a) é a marca principal de sua escrita. O modo como traça suas personagens, permite que elas tenham não apenas um lugar de se anunciarem em primeira pessoa, mas emprega características emocionais, psicológicas e subjetivas tão palpáveis que a leitura de sua obra deixa mistérios e dúvidas quanto à existência concreta das próprias personagens. O seu material literário de Conceição Evaristo está profundamente ligado às experiências da coletividade negra, como ela mesma declara (Leituras Brasileiras, 2020). Possibilitando que emerja uma identificação de quem a lê, com as personagens, uma vez que a escritora deixa vestígios de si no texto de forma consciente e inconsciente (Evaristo, 2020a).

Nas cenas, as personagens negras de Conceição Evaristo não são um adereço, elas são as próprias cenas no cenário que é narrado, o que provoca inquietações e afetos que tocam diretamente quem entra em contato com as suas obras.

Ao ler o primeiro conto em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2020b), me percebi tomada por inúmeros questionamentos, pessoais e sociais. Precisei me afastar um pouco da leitura devido ao próprio momento em que eu estava atravessado, após a colocação do Dispositivo Intrauterino – DIU, em que minha identidade racial e de gênero foi abruptamente acionada pelo processo invasivo e tratamento desumanizado na revisão de retirada, pós rejeição do DIU. Nunca me senti tão impotente e fragilizada como nas primeiras semanas após o método e as pressões externas também ganharam outra magnitude. Entrei em um fluxo de ansiedade e desespero que foi difícil me reerguer. A cena que a primeira personagem, "Aramides Florença" (Evaristo, 2020b), vivenciou, somada à minha situação, se tornou visceral para mim.

Atravessada por sucessivas violências, causadas pelo seu ex-companheiro durante e após o período da gravidez, “Aramides” contou:

> Estava eu amamentando o meu filho — me disse Aramides enfatizando o sentido da frase, ao pronunciar pausadamente cada palavra —, quando o pai de Emildes chegou. De chofre arrancou o menino de meus braços, colocando-o no bercinho sem nenhum cuidado. Só faltou arremessar a criança. Tive a impressão de que tinha sido esse o desejo dele. No mesmo instante, eu já estava de pé, agarrando-o pelas costas e gritando desamparadamente. Ninguém por perto para socorrer o meu filho e a mim. Numa sucessão de gestos violentos, ele me jogou sobre nossa cama, rasgando minhas roupas e tocando violentamente com a boca um dos meus seios que já estava descoberto, no ato de amamentação de meu filho. E, dessa forma, o pai de Emildes me violentou (Evaristo, 2020b, p.17).

Difícil não sair mobilizada, impactada e intrigada pela escrita de Conceição Evaristo (2020b) e não pensar nas diversas camadas que a violência racial genderizada (Kilomba, 2019) incide na realidade cotidiana da vida de tantas mulheres, sobretudo, negras.

Quanto aos personagens brancos em suas obras, comumente estão em posições de poder, uma realidade histórica, apresentada na ficção como denúncia (Evaristo, 2020a). Curioso refletirmos, que Conceição Evaristo (2020a) também questiona a si mesma se estaria estereotipando os personagens brancos, como os autores brancos fazem com as personagens negras, nos colocando a pensar, inclusive, “quem são os povos capazes de oferecer acolhimento?” (Evaristo, 2020a, p. 29).

Ao contar suas histórias ficcionais, baseada na vida, Conceição Evaristo (2020a), declara que não salva ninguém! Especialmente porque não é do seu interesse a criação de personagens brancos, motivo que aparecem na posição de crueldade e abriu exceção apenas para um personagem branco em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2020b), “Jorge D’Antanho”, companheiro de “Regina Anastácia”. Ainda assim, o personagem é acolhido pela família negra, após ser deserdado por assumir seu relacionamento com “Regina Anastácia” e a família negra o recebe no primeiro momento com desconfiança, já que era prática comum mulheres negras serem usadas como objeto de iniciação sexual de jovens brancos, filhos dos patrões.

Dentro do complexo criativo, Conceição Evaristo (Leituras Brasileiras, 2020) revela que não tem o costume de escrever rápido, com exceção à escrita de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2020b). Essa produção surgiu como um momento próprio de insubmissão como resposta a uma provocação da pesquisadora Edileuza Penha de Souza, que a questionou se “a vida de mulheres negras é só tristeza, não tem final feliz?” (Leituras Brasileiras, 2020, sem paginação). Então, Conceição Evaristo

(Leituras Brasileiras, 2020) cria essa obra apresentando a narrativa de mulheres negras que vivenciaram processos dolorosos, mas que depois já estão contando o êxito, por terem atravessado a tormenta do sofrimento.

Conceição Evaristo (Leituras Brasileiras, 2020) sinaliza ainda que a Literatura não tem compromisso com a verdade da história oficial e uma forma de preencher os vazios e lacunas deixadas nessas circunstâncias, é ficcionar. Como exemplo, Conceição Evaristo (Leituras Brasileiras, 2020) menciona a obra *Um defeito de cor*, publicada em 2006, feita pela escritora brasileira Ana Maria Gonçalves, que inclusive neste ano de 2024 tornou-se o enredo da Portela, uma Escola de Samba Tradicional no Rio de Janeiro. A intelectual enfatiza que o discurso ficcional possibilitou que Ana Maria Gonçalves pudesse preencher as lacunas da história, após a mesma ter feito uma vasta pesquisa e não ter encontrado registros sobre Luiza Mahin, mãe do abolicionista Luiz Gama (Leituras Brasileiras, 2020).

O movimento de recontar a história é um modo de apoderar-se das narrativas negadas e deturpadas para toda uma coletividade, diante do fato da Literatura Brasileira canônica se debruçar em temáticas que usam das culturas negras, por vezes, de forma “exotizadas ou folclorizadas” (Evaristo, 2020a, p. 28). Descrevem e traçam o perfil dos personagens negros como: “preguiçosos, adultos infantis, desorganizados em seus ambientes sociais e culturais, extremamente sexualizados com seus corpos infecundos, sujeitos incapazes de pensar ou viver sentimentos como o amor, o afeto” (Evaristo, 2020a, p. 28). Embora os estereótipos negativos, na construção de personagens negras, venham sendo denunciado, a produção literária quando feita por autoria negra é colocada sob suspeita, como se nós, pessoas negras, não tivéssemos o direito de criar e contar as nossas próprias histórias (Leituras Brasileiras, 2020).

Enfrentamentos cotidianos que Conceição Evaristo (2020a) nos ensina que a Literatura feita por pessoas negras é uma potência criativa para acordar os da Casa-Grande de seus ilusórios sonos injustos e atribui dramas da existência humana as suas personagens, não isentando-as de conflitos ou colocando-as sob uma suposta pureza e perfeição, mas expressa a humanidade experienciada na vida, ao declarar que:

> A potência e a impotência habitam a vida de cada pessoa. Os dramas existenciais nos perseguem e caminham com as personagens que crio. E o que falar da solidão e do desejo do encontro? São personagens que experimentam tais condições, para além da pobreza, da cor da pele, da experiência de ser homem ou mulher ou viver outra condição de gênero fora do que a heteronormatividade espera. São personagens ficcionalizados que se con(fundem) com a vida, essa vida que eu experimento, que nós experimentamos em

> nosso lugar ou vivendo con(fundido) com outra pessoa ou com o coletivo, originalmente de nossa pertença (Evaristo, 2020a, p. 31).

Conceição Evaristo (2020a) nos oferta a escrevivência, como chave para inúmeras portas, e ao dizer que o seu exercício de escrita está diretamente relacionado ao exercício da escuta e do silêncio, me fez perceber que o seu processo conflui ao meu exercício como psicóloga. Em análise, é necessário amenizar a voz interna, apaziguar o som para deixar emergir as percepções que chegam, e então afiná-las às minhas próprias percepções, concebendo que estar na presença é considerar que o corpo é o próprio lugar.

Ofertar um lugar para que as pessoas possam desaguar, contarem as próprias histórias, serem protagonistas de suas vidas, se aproximarem de suas verdades é proporcionar saúde e qualidade de vida. Quando a temática é racial, nem mesmo a Psicologia passa ilesa aos mecanismos racistas que operam.

Gênero, sexualidade, entre outras categorias são até toleradas, mas encarar a própria ferida racista quebra qualquer espelho narcísico. Apesar das barreiras que enfrentamos na Psicologia, me alinho a quem está no movimento, com disposição e dissidência para fazer o que for necessário para a categoria e a sociedade. No objetivo de expurgar essa chaga que corrói a vida e, em consonância, orientar afetivamente como parte da missão.

Considerações para uma luta que está longe do fim

... Pensou que eu ando só?
Atente ao tempo
Não começa nem termina,
é nunca, é sempre
É tempo de reparar na balança de
nobre cobre que o rei equilibra
Fulmina o injusto, deixa nua a justiça...
Maria Bethânia; Paulo Cezar Pinheiro (2012)[34]

Sabe quando falamos que a vida pode ser dividida em x momento? Então, a minha é antes de entrar na graduação em Psicologia e depois que entrei nela. Não há escrita que dê conta, mas sem dúvidas tudo que vivi desde então, foi com tamanha intensidade e profundidade que nunca imaginei. Foi no encontro com professoras comprometidas que fui transformando a minha própria existência. A professora Doralice Guerra, uma mulher branca, mais velha, conhecida popularmente como Dorinha, foi a primeira a me situar diante da minha resposta sem parâmetro, no segundo dia de aula na graduação. Era agosto de 2015, quando ressaltou que "não trabalhamos com achismos" e me mostrou a importância de estar embasada na hora de me posicionar.

Dorinha, foi minha primeira referência na Psicologia. A primeira de muitas, que tive a felicidade em conhecer e a reverencio com respeito e gratidão. É interessante lembrar que eu não fazia ideia do que era a academia e chegar à conclusão que talvez a ignorância naquele momento também tenha me protegido, em alguma medida, para que eu entrasse caso soubesse com antecedência dos desafios.

Entrei por um chamado, alinhado ao desejo de voltar a estudar. Estudar e pesquisar eram atividades que sempre gostei e me desviei desse caminho por uma escolha equivocada. Mas ainda em tempo, voltei aos estudos e para permanecer e dar prosseguimento, continuar em movimento, foi necessário desenvolver muita sabedoria, resistência emocional e laços fortes de amizades extramuros, na aposta em outros mundos.

Conhecer e me situar no mundo foi, e tem sido, necessário para também reconhecer minhas emoções e ter práticas de autocuidado. A parceira e psicóloga

[34] Artista: Maria Bethânia e Paulo Cesar Pinheiro. Música: **Carta de amor**. Álbum: Oásis de Bethânia. Gravadora: Biscoito Fino. Ano do lançamento: 2012. Disponível em: https://music.youtube.com/watch?v=Kzpcn2UEMPE&list=RDAMVMKzpcn2UEMPE. Acesso em: 07 de ago. 2024.

Cláudia Donato me fez refletir muitas vezes sobre meu modo combativo, de ser guerrilheira. Hoje, aceito que não sou mais aquela pessoa que pensava que precisava ser forte o tempo todo. Vestir uma armadura era apenas uma forma de negar todas as minhas dores, por não encontrar um lugar para que elas pudessem ser cuidadas. Ter entendimento sobre mim e o mundo, expandiu meus horizontes e conexões que estabeleço, motivo que defendo tanto a Psicologia Clínica, pois foi o lugar que em conjunto com os estudos, me potencializou e possibilitou novos ares, encontros e afetos.

De modo algum quero romantizar meu processo, mesmo porque ele foi e tem sido bastante dolorido. Desde 2018, tenho enfrentado anos sem férias após uma demissão que não teve uma causa justa, relacionada com o fato de não admitir ser assediada por uma das pessoas que ajudava a trazer o dinheiro para a empresa. O trabalho que eu exercia com eficiência, não foi levado em conta, mas sim o fato de eu não rir ou compactuar com frases e piadinhas sexistas.

Minha determinação e o amparo dos meus pais, de pessoas amigas e do meu psicólogo ao longo da minha trajetória foram fundamentais para me trazerem até aqui. Com o aprendizado que obtive com minha mãe, administrei meu salário e conclui a graduação no auge de uma pandemia, desempregada, sustentada pelo planejamento que fiz desde que tomei a decisão de fazer a faculdade. Realizei trabalhos esporádicos nas artes visuais, incluindo séries, novelas, comerciais e fotografia, que também são áreas que muito me interessam. Assim que me formei, iniciei minha Clínica e logo de início já tinham pessoas que queriam ser atendidas por mim.

Reconheço que muitos desafios ainda estão por vir, pois a vida não é justa e as dinâmicas sociais tendem a favorecer o individualismo. Ainda nesse cenário, me articulo e confronto, não renuncio ao que faz meu coração pulsar e invisto em laços que, tijolo por tijolo, ajudam a construir novas possibilidades de sociedade. Não me permito paralisar diante do sofrimento desencadeado pelas dores do caminho. Nem tudo são flores e ter a noção de quem sou, tem me ajudado a identificar até onde os meus pés podem alcançar e que ainda há muito a caminhar. Logo, quando estamos alinhadas com os nossos desejos e entendemos o nosso compromisso social, a postura é outra.

Todo dia é um renascimento até para estar atenta aos mecanismos sabotadores que operam nas estruturas relacionais. Aqui vou pelo “meio” (Bispo, 2015, p. 20), que também é “princípio” (Bispo, 2015, p. 20). Uma vez escutei dentro do primeiro projeto que ajudei a criar na Psicologia, que a minha cara “estigmatizava” o projeto. A declaração veio de pessoas, que dentro das suas limitações, não suportaram ver uma "irmã" se tornando naturalmente uma referência.

Ser uma referência, como tenho escutado com frequência, não estava no meu horizonte, eu apenas queria fazer. No entanto, não importava o quanto que eu fizesse para que todas estivéssemos juntas. Não rolou. Levei o projeto até depois de formada para dar suporte e segurança a quem estava chegando ser a continuidade. Já naquela época, entendia que não era sobre mim e para alguns, era mais fácil “deixar morrer” (Foucault, 1999, p. 286) o sonho, do que “fazer viver” (Foucault, 1999, p. 286) o desejo da nossa ancestralidade. Em muitos casos ainda é mais fácil celebrar as medalhas de quem está distante e não de quem está ao lado.

Frantz Fanon (2020) vai nos dizer que “se de fato a consciência é um ato de transcendência, devemos estar igualmente cientes de que essa transcendência é assombrada pelo problema do amor e da compreensão” (Fanon, 2020, p. 22). Ora, ora, seria Fanon o ponto auge da discórdia.

Os embates mobilizados pelas leituras e também falta de habilidades emocionais das integrantes do projeto, fez com que a raiva do mundo racista e patriarcal fosse jogado dentro do grupo e direcionada a mim. Lembro que um dos tensos debates foi após as primeiras leituras da obra *Os condenados da terra*, outro clássico de Frantz Fanon (1968), publicado pela primeira vez em 1961, e com isso, me afastei do próprio autor.

Minha reaproximação de Frantz Fanon ressurgiu apenas no mestrado, quando em orientação, Fátima Lima me perguntou qual era a minha questão com Fanon e fiquei a refletir, tive um *insight,* assim que terminamos a chamada e fui cuidar do meu *black power*. O que estava recalcado, voltou e me permitiu compreender melhor tudo que havia acontecido. Elaborei com mais cuidado em psicoterapia e em conversas com o sociólogo Deivison Faustino, especialista na trajetória de Fanon, que lamentou o ocorrido e me deu dicas preciosas, inclusive que era mais apropriado ter começado pela inspiradora obra *Pele Negra, máscaras brancas* (2020).

Como sou feita de muitos “nós” e uma psicóloga bem analisada, já naquela época, sabia que não era daquele jeito, que não podia ser daquele jeito e não desisti. Com tranquilidade percebo que, porventura, escorrego nas estruturas que estudo e questiono. Aceitar alguns tombos é parte de reconhecer a minha humanidade, sem sobrecarga de culpa. Mas, por vezes, não tenho a dimensão de tudo que faço e preciso de referências para me dizer que o que faço, "não é pouca coisa", como a psicóloga e amiga Larissa Ferreira, com certa frequência, me faz recordar.

Imagina só, reconstruir a própria casa do zero, cuidar da família, fazer o mestrado, atuar no CRPRJ e nos movimentos sociais, cultivar um namoro, dar aula, prestigiar as amizades, treinar às 06h da manhã e ainda considerar que é pouca coisa. Então...

De algum modo, as cenas com o antigo projeto, voltaram nas atividades que tenho colaborado na Psicologia, diante de um cenário extremamente hostil para as pautas étnico-raciais. Foi quando Larissa Ferreira, que tanto me amparou em momentos de profunda dor, especialmente diante desses enfrentamentos, me disse que estou vivendo a minha dissertação. De fato, é escrevivência da forma mais sublime que poderia ser.

Ainda existem dúvidas que a pesquisa, a vida, a escrita, precisam estar situadas no mundo? As palavras e conceitos são ferramentas que podem nos auxiliar a destruir a Casa-Grande e se não forem cuidadas, podem destruir a nós mesmas.

Então parei para analisar se existe alguma história que é escrita sozinha. Existe? Se sim, desconheço, mas muitas dessas histórias, na própria Psicologia, ainda são transmitidas massivamente por uma perspectiva única. Portanto, é sobre continuar abrindo caminhos e traçar um percurso simbólico e concreto para que tantas outras histórias possam ser contadas e somadas às minhas.

Por reconhecer minha trajetória, desenhada, construída passo a passo, na companhia de muita gente, não chego sozinha em lugar algum. Meu próprio amor pela Psicologia foi cheio de gente, iniciado em um centro psiquiátrico, na última internação do meu pai e na indignação das violências cotidianas, especialmente com o público LGBT+. Minha amizade da infância e adolescência com Adriano José, um querido amigo, negro e gay, que infelizmente faleceu muito jovem, me deixou histórias que foram temas de muitas das minhas sessões de psicoterapia. Histórias que me doíam ao presenciar os ataques homofóbicos que Adriano passava, e eu, ainda criança, brigava para tentar defendê-lo, sem ter o entendimento da magnitude que aquela violência significava.

Novamente ao articular raça, gênero, classe e sexualidade, cabe dizer que a estrutura colonial está no *modus operandi* do funcionamento relacional da sociedade brasileira, marcada nos corpos e marcada também nas subjetividades e intersubjetividades, no tratamento desrespeitoso, subalternizado e hierarquicamente violento.

A dimensão da violência do racismo, do patriarcado e da classe sobre mim, veio muito depois, em análise com Jorge Gomes, meu quarto psicólogo, um homem branco, gay e de classe média. No ato da minha transição capilar, quando em uma das sessões, ao chegar ao seu consultório e me ver com os cabelos cortados, afirmou: “o que você fez foi um ato político”. Fiquei intrigada com as palavras de meu psicólogo, frente à meu ato, mas não entendi muito bem, mesmo porque eu sempre me vi como uma mulher preta, mas não entendia o que isso significava em termos sociais e o quanto as dores que eu sentia eram atravessadas pela interseccionalidade.

Minhas percepções sobre mim enquanto mulher negra, confluem com a apaixonante Beatriz Nascimento (1989/2018):

> Eu sabia que o Eu sou estava inteiro. Mas desagregado numa vivência de mundo extremamente repressiva. Daí a possibilidade de sair disso foi a reflexão, voltar pra dentro. Tirar de dentro a potência pra que houvesse possibilidade de abertura, de liberdade (Nascimento, 1989/2018, p. 342).

Percebem como é ardiloso o jogo das identidades? Sou do tempo, que ainda estudante, era necessário catar as pessoas para chegarem na discussão da temática das Relações Étnico-Raciais no CRPRJ e hoje o assunto virou disputa, inclusive, pelo capital, pois o racismo e o racista sabem se reorganizar.

De fato, "quem não sabe de onde vem, não vai saber para onde vai" e se "a cabeça pensa, onde os pés pisam", como dizem a filosofia africana e o dito popular, respectivamente, o meu *Orí* segue bem alimentado com convicção do meu propósito para que eu não me perca no caminho. Escapando das armadilhas travadas pelas identidades (Haider, 2019), muito ciente que nunca foi sorte, sempre foi luta e ela é gigante.

Talvez, aprofundar este ponto sobre disputas e identidades, me parece assunto para outro momento. Quem sabe em um doutorado, abordando “Escrevivência, identidade e poder: perspectivas em Psicologia”? Trazer o tema como modo de encontrar mais ferramentas para lidar com as disputadas na produção de subjetividades, políticas de manipulação e interesses de venda de um sucesso individualista, que é apenas mais uma arma branca de aniquilação e colonização.

No mundo de egos inflados, *feeds* solitários e esvaziados, aparecer para mim tem sido apenas a consequência, já que não sou nada menos do que o sonho que um dia foi sonhado por quem veio antes e tenho o máximo respeito à ancestralidade que é "princípio-meio-princípio” (Bispo, 2015, p.20), "vida - morte - vida" (Evaristo, 2020b, p.116). Máximo respeito!

É com muito orgulho que estamos fazendo história e avançando. Não na velocidade que gostaríamos, não no tempo em que rapidamente tentam dilacerar as nossas vidas. Mas estamos! Mais que uma transformação material, até porque nenhuma referência até então, me ensinou como fazer atendimento *online* em meio ao tiroteio, o meu mundo subjetivo mudou. Os sentidos são outros, a minha vida é outra, ainda que a realidade racista, patriarcal e elitista siga pouco abalada. Nas relações que mantenho por perto, sei, que em alguma medida, o ensino transgressor que obtive foi efetivado em conjunto de uma educação emancipadora.

Em 2022, 2023 e 2024 considero que são anos de consolidações, na aposta que fiz em 2015 ao ingressar na Psicologia. Anos de fortalecimento, especialmente na

minha carreira e compromisso ético-político-afetivo. Transitei por lugares que são caros para meu ensino-aprendizagem e o gostinho pela docência até voltou por estar novamente em sala de aula. Apresentei seminários no mestrado para uma turma interdisciplinar, que me fez perceber a preciosidade do encontro de saberes e de outras vertentes do Movimento Negro, enfaticamente defendido pelo querido professor da área de Letras, Roberto Borges.

Preciso dar um destaque muito especial as aulas da disciplina *Raça, racismo e psicanálise na perspectiva de intelectuais negras e negros*, ministrada pelos professores Gustavo Coelho, Leandro Carvalho, Pierre Monteiro, Renan Moutinho, realizada na UERJ, uma ação de interprogramas PPRER/CEFET-RJ, PROPED/UERJ e PPGECC/UERJ. As aulas feitas de uma forma brilhante, ministrada com muito carinho e respeito, instigando debates e provocações que movimentaram toda a turma, abrindo diversos caminhos para a elaboração desta pesquisa. Incluindo o conhecimento mais aprofundado a respeito do Mestre Nêgo Bispo.

A primeira atividade do *Ciclo de Debates do PPRER* trouxe a professora e doutora em Ciências Sociais, Elisângela Santos, apresentando a palestra *Trabalho acadêmico + trabalho de cuidado = uma equação (im)possível?*. Ter conhecimento da trajetória desafiadora, insurgente e desejante da professora Elisângela Santos, uma mãe negra, na persistência e enfrentamento das estruturas institucionais opressoras que inviabilizam a execução do trabalho de mães no meio acadêmico, me inspirou a retornar a essa presente pesquisa com mais confiança e determinação.

Foram muitas as parcerias e fraternidade tecidas nessa jornada no PPRER. Recebendo o acolhimento da geógrafa Aiume Dias, da assistente social Márcia Mirandella e da produtora artística Andrea Mendes e a confiança de arrepiar transmitida pela pedagoga Gabriela Gonçalves. Fiz estágio docência com a jornalista Beatriz Pimentel, demos uma aula lindíssima para a Liga de Enfermagem em Saúde da População Negra da UFRJ, estimuladas pelas professoras e enfermeiras Cecília Izidoro e Maria da Soledade Simeão dos Santos.

Construí pesquisas com o profissional da área de Letras Luan da Cruz, apresentando nossas produções no COPENE Nordeste em Alagoas, onde tivemos a honra de conhecer a professora e crítica literária Cristian Sales. Com a felicidade de reencontrá-la no Terceiro Encontro Continental de Estudos Afro-Latino-Americanos do ALARI, na Universidade de São Paulo, onde apresentamos o panorama de uma nova pesquisa que estamos articulando em conjunto com a professora Talita de Oliveira, que também é da área de Letras, inclusive, sambista.

Dei aula na *Casa da Pretas*, lugar fortalecido por Edmeire Exaltação. Conheci o Quilombo dos Palmares, gente! Contanto com o apoio financeiro do meu queridinho

Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais. Ministrei aulas para turmas de Psicologia da UFRJ, a convite do psicólogo e professor Johnny Clayton, retornado também, à seu convite, na própria UNISUAM, em agosto de 2023 em comemoração do Dia da Psicóloga para *Refletirmos sobre a profissão e o futuro*. Encontro mais que especial, resultante do ano anterior, em que Johnny e eu nos conhecemos na roda de conversa sobre *Racismo, saúde mental da população negra e aspectos práticos da Psicologia relacionadas às questões raciais*. Nesta roda, participei à convite da psicóloga e professora Flávia Lisboa, que coordenou por algum tempo o *Projeto Sankofa na UNISUAM*, e foi um momento que me possibilitou voltar, agora como profissional, e ressignificar a conclusão da graduação, que não saiu como idealizei por conta da pandemia.

Qualifiquei minha pesquisa de mestrado e a defendi, me tornando mestra em Relações Étnico-Raciais, enfatizando a minha Clínica e recebendo orientações magníficas da banca de qualificação, composta pelas professoras que admiro muitíssimo. Salve professoras, Fátima Lima, Luciana de Mesquita, Luiza de Oliveira, Maicon Barbosa e Talita de Oliveira.

Realizei meu primeiro atendimento em *setting* aberto, caminhando pela cidade do Rio de Janeiro, no local escolhido pela analisanda. Fazendo uma Clínica Ampliada, como fui provocada na banca de qualificação pelo professor Maicon Barbosa, que questionou: “essa psicóloga só vai ficar dentro do consultório?”. Ou seria uma Clínica Peripatética[35], como aprendi com a psicóloga Edna Quintino na 17ª Pré-Mostra de Práticas em Psicologia do CRPRJ do Sul Fluminense? Não sei... ainda sigo avaliando esses conceitos...

Por indicação da ANPSINEP e apoio da psicóloga Veridiana Machado, abracei o desafio de acompanhar e acolher famílias vítimas de violências pelo racismo sistêmico e violência policial em uma missão da Coalizão Antirracismo da Organização das Nações Unidas - ONU no Rio de Janeiro. Contanto com a representação da Intérprete de Conferências e Tradutora Nayara Khaly e do Diretor Executivo da Ajaka Segurança Especializada, Jefferson Fernandes, na articulação da visita do Mecanismo de Especialistas da ONU, inclusive tendo a presença da médica Jurema Werneck.

[35] Uma ferramenta Clínica, que em termo gerais facilita conversações e pensamentos fora do tradicional consultório, sendo realizado em movimento, durante um passeio, caminhando. Foi conceituado pelo psicanalista, esquizoanaslista, militante da luta antimanicomial, argentino e branco, Antônio Lancetti, que teve um importante trabalho na cidade de Santos, São Paulo, auxiliando na conquista de ser a primeira cidade da brasileira sem manicômios. Ver: LANCETTI, Antonio. **Clínica Peripatética**. São Paulo: Hucitec, 2008.

Finalmente, após três anos, do primeiro trabalho com Gabriel Basilio, agora psicólogo, lançamos nosso grupo de estudos e encontros, chamado *Conexões Psi – Encontros e estudos em Psicologia*. Agradeço muitíssimo pelas integrantes da primeira turma: Ana Luisa Bonifácio, Leonardo Santos, Simara Santos e Shayane Nascimento.

Não posso deixar de mencionar o ciclo de eventos da sede e subsedes do CRPRJ, organizados pela CEPRER/CRPRJ em 2024, intitulado *A Psicologia na contra-colonialidade*, com o objetivo de apresentar outras formas de fazer Psicologia. Pude colocar em prática muito do que venho pesquisando para a composição desta dissertação. Inclusive, no dia 24 de agosto, fizemos uma lindíssima edição no *Arena Fernando Torres*, que fica dentro do Parque de Madureira, lugar muito especial para mim, e celebramos o mês da Profissional de Psicologia e os 50 Anos do CRPRJ, apresentando a caminha do Movimento Negro dentro da Psicologia.

No dia 27 de agosto de 2024, Dia da Profissional de Psicologia, submeti esta pesquisa para agendar a defesa, cheia de esperança para que ela ocorresse em setembro, mês do meu aniversário. Para minha alegria, assim aconteceu! Faço aniversário no dia 25 de setembro, no mesmo dia e mês em que nasceu bell hooks. Como não acredito em coincidência, isso deve significar algo muito especial.

Nossa! Foram muitas atividades impactantes que realizei e convites, que lamentei muito ter que negar. Chegar até aqui, sentir a beleza e desvelar imbróglio presente na Psicologia é extremamente desafiador. Do mesmo modo, que produzir essa pesquisa com essa estética, é motivo de orgulho e por si só é contracolonizar, já que o próprio Mestre Nêgo Bispo afirmou que “um dos movimentos mais importantes para contra colonizar, é sair da teoria e priorizar a trajetória. A minha trajetória precisa sustentar o meu discurso, senão o meu discurso não tem sentido” (Itaú Cultural, 2020).

Tudo isso me fez refletir que concomitante ao fardo da raça, que Achille Mbembe (2018) nos apresenta como herança do colonialismo, está o fardo do gênero e da classe. Não há como negar que ser negra e mulher tem um enorme peso nessa sociedade, assim como ser psicóloga, pesquisadora e militante e seguir fazendo o que se deseja, esse conjunto de marcadores, frequentemente me desestabilizam.

Por vezes, considero que estou enlouquecendo quando tenho ideias e análises que vou desenvolvendo ao longo dos atendimentos e pesquisas. Assim como, fico na dúvida quanto ao que fazer diante da felicidade e êxtase que sinto ao descobrir que aqueles mesmos pensamentos não são novidades e a ancestralidade já tinha lançado a pedra para o futuro. Então, parava e me questionava: a que vai servir tudo isso que elaborei, se uma determinada intelectual já abordou o assunto?

A perversidade do racismo e sexismo, especialmente em lugares de poder, como é a academia, faz com que duvidemos da nossa capacidade intelectual e do nosso próprio poder enquanto pessoas, uma vez que a humanidade nos é negada e a vaidade individualista ganha a cena.

Entendi que entre loucura e serventia, o que importa é minha escrita e corpo se unirem a essas vozes silenciadas e fazer com que elas possam reverberar. Sinto que preciso replicar, ampliar as narrativas, estudos e pesquisas para que outras pessoas também tenham a oportunidade de conhecer as fontes preciosas que encontrei. Ir ao encontro dos vestígios ancestrais tem sido um misto de euforia com acalanto e ressignificações. Persisto no caminho, na certeza que nunca estive só, reencontrar minha grande parceira Maria Angélica Nazaré é a prova mais contundente que a aposta na vida coletiva é possível.

O que é a Psicologia, senão a profissão que lida com histórias múltiplas e diversas? Ao longo desse processo de pesquisa, fui tendo convicção o quão, a Psicologia, a escuta, a palavra e os sentidos são poderosos instrumentos. Sendo antes de tudo, ferramentas que me auxiliam a assentar a angústia frente a análises do cotidiano que beiram a loucura, análises que parecem me colocar em um lugar de solidão. Mas se antes, eu me via angustiada por pensar que não sabia nada, hoje me sinto mais confortável por ter ideia de alguma coisa.

Reafirmo, não há neutralidade, nem na escrita, tampouco na escuta. O fundamento básico e primordial da Psicologia, seja ela a Clínica ou em qualquer lugar que ela seja feita, é escutar histórias e se permitir percorrer ao lado de quem se dispõe a mergulhar em águas profundas, e nem sempre pacíficas, possibilitando esse ato como garantia de direito.

Quando Conceição Evaristo (2020a) declara que toda sua subjetividade é a subjetividade da escritora, que não se desvencilha da sua “condição de cidadã, negra, brasileira, viúva, mãe de Ainá...” (Evaristo, 2020a, p. 41), pelos processos que me constituí, em que me afirmo como pessoa, cidadã, psicóloga e tantas coisas mais, verifico que não há uma cisão a partir do momento que compreendo o meu posicionamento ético-político-afetivo. Me proponho a refletir com mais cuidado e atenção às narrativas que encontro na Clínica de forma tão marcada e confluentes as minhas próprias histórias.

Se Conceição Evaristo (2020a) busca, no ato de criação, humanizar suas personagens, apresentando cenas da vida, em que não há conto de fadas, e sim tramas da existência humana, com erros, acertos, problemas, tensões, afetos múltiplos e diversos... Na minha Clínica, essa é a função precípua, humanizar no desafio de não reduzir a complexidade da vida a marcadores da violência e a

categorias sociais, sem perder a perspectiva crítica no contexto em que a vida está situada.

Como profissional e analisanda, percebo que são muitas fantasias desde a decisão para fazer terapia até a escolha da profissional e continuidade no processo. Os traumas do racismo ou qualquer outro serão, ou ao menos deveriam ser, cuidados de acordo com o que cada pessoa se dispõe a abordar. A identificação com a profissional vai além da questão racial, gênero, etc., pode e tem sido uma escolha estratégica devido ao despreparo de muitos profissionais, mas uma profissional negra por si só não é garantida, mesmo aquela que tenha estudos e experiência na área.

Me parece que esse tem sido um grande desafio para a Psicologia nos tempos atuais, compreender as dinâmicas sociais na construção de subjetividades, mas tendo em conta a autonomia de cada pessoa. Aquela, que Neusa Santos Souza (1983) anunciou. Ademais, se por um lado o coletivo pode nos referenciar, nos eleger e nos influenciar na construção dessa trama subjetiva e intersubjetiva, por outro, não devemos ser reféns do coletivo. E se é só a luta coletiva que muda a vida, é o que temos para hoje, amanhã e depois, in-felizmente.

Referências

ALVES, Miriam. **A literatura negra feminina no Brasil: pensando a existência**. Revista da ABPN, v. 1, n. 3, p. 181-189, nov. 2010. Disponível em: < https://abpnrevista.org.br/site/article/view/280/261>. Acesso em: 23 jul. 2024.

ANZALDÚA, GLORIA. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo [1980].** Revista Estudos Feministas. v.08 n. 01. Florianópolis, 2000, p. 229-236. Tradução de Édna de Marco.

BAIRROS, Luiza. **Lembrando Lélia Gonzalez 1935-1994**. Afro-Ásia, Salvador, n. 23, p. 1-21, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/download/20990/13591>. Acesso em: 28 de abr. 2024

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 05 out. 1988. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 01 de jun. de 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do SUS. **Clínica ampliada e compartilhada**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BENTO, Maria Aparecida. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público.** (Doutorado em Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade) – Universidade de São Paulo – Instituto de Psicologia. São Paulo, SP. 2002.

COLLINS, Patricia Hill. “Epistemologia feminista negra”. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón. (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 139-170. Tradução de Ana Claudia Jaquetto Pereira.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo – Resolução CFP Nº 010/2005 [2005].** Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em: 15 de ago. de 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual – Resolução CFP Nº 001/1999 [1999].** Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf>. Acesso em: 15 de ago. de 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação ao preconceito e à discriminação racial – Resolução CFP Nº 018/2002 [2002].** Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2002/12/resolucao2002_18.PDF>. Acesso em: 15 de ago. de 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Estabelece normas para o exercício profissional em relação ao caráter laico da prática psicológica – Resolução CFP Nº 007/2023 [2023].** Disponível em: <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-7-2023-estabelece-normas-para-o-exercicio-profissional-em-relacao-ao-carater-laico-da-pratica-

psicologica?origin=instituicaohttps://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-7-2023-estabelece-normas-para-o-exercicio-profissional-em-relacao-ao-carater-laico-da-pratica-psicologica?origin=instituicaohttps://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf>. Acesso em: 22 de out. de 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Relações Raciais: Referências Técnicas para atuação de psicólogas/os.** Brasília: CFP, 2017.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS (Dieese). **Mulheres inserção no mercado de trabalho [2022]**. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/infografico/2023/infograficosMulheres2023.html>. Acesso em: 25 dez. 2023.

EVARISTO, Conceição. “A escrevivência e seus subtextos”. In: DUARTE, Constancia Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a. p. 27-46.

EVARISTO, Conceição. “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita” [1995]. In: DUARTE, Constancia Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 48-54.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 5. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2020b.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Scripta, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2. sem. 2009.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968. Tradução de José Laurênio de Melo.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020. Tradução de Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FlupRJ. **Mesa: Confluências e escrevivências, muito mais do que rimas.** YouTube [2023]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K2bG76vfwbQ>. Acesso em: 14 de out. de 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREUD, Sigmund. “Psicologia das massas e análise do eu (1921)”. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas V. 15: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920- 1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1921/2011, p. 10-100. Tradução de Paulo Cézar de Souza.

FREUD, Sigmund. “Recordar, repetir e elaborar (1914)”. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas V. 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreiber"), artigos sobre técnica e outros**

textos (1911-1913). São Paulo: Companhia das Letras, 1914/2010, p. 146-158. Tradução de Paulo Cézar de Souza.

FOLHA DE S. PAULO. **Garçom do TST descobre durante palestra que foi escravizado por 14 anos.** YouTube [2024]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=prPc3EHaVa8>. Acesso em: 30 de jan. de 2024.

FRANCO, Andressa. **Família de Cláudia Ferreira relata sentimento de impunidade depois de oito anos de seu assassinato pela PM do Rio de Janeiro**. Revista Afirmativa, Bahia, 16 de mar de 2022. Disponível em: https://revistaafirmativa.com.br/familia-de-claudia-ferreira-relata-sentimento-de-impunidade-depois-de-oito-anos-de-seu-assassinato-pela-pm-do-rio-de-janeiro/. Acesso em: 22 de dez. de 2023.

GERBER, Raquel; NASCIMENTO, Beatriz. **Orí**. Brasil, 1989.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

GONZALEZ, Lélia. "A categoria político-cultural da Amefricanidade" [1988a]. In: GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018, p. 321-334.

GONZALEZ, Lélia. "Por um feminismo afrolatinoamericano" [1988b]. In: GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018, p. 307-320.

GONZALEZ, Lélia. "Racismo e sexismo na cultura brasileira" [1980]. In: GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa.** Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018, p. 190-214.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. "Patologia social do branco brasileiro" [1955]. In: GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Editora UFRJ, 1995, p. 216-240.

HAIDER, Asad. **Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje**. São Paulo: Veneta, 2019. Tradução de Leo Vinicius Liberato.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática.** São Paulo: Elefante, 2020. Tradução de Bhuvi Libanio

hooks, bell. **Intelectuais negras.** Revista Estudos Feministas, v. 3 n. 2, p. 464-478, 1995. Tradução de Marcos Santarrita

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. Tradução de Ana Luiza Libânio

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019. Tradução Stephanie Borges.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021. Tradução Stephanie Borges.

hooks, bell. **Vivendo de amor**. Portal Geledés, 09 de mar. de 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor>. Acesso em: 24 de out de 2023. Tradução de Maísa Mendonça.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas de gênero: responsabilidade por afazeres afeta inserção das mulheres no mercado de trabalho.** Estatísticas Sociais, 08 de jun. de 2018. Disponível em:<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/20232-estatisticas-de-genero-responsabilidade-por-afazeres-afeta-insercao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 26 de jul. de 2023.

ITAÚ CULTURAL. **Nêgo Bispo: vida, memória e aprendizado quilombola [2020].** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gLo9ZNdgJxw>. Acesso em: 09 de ago. de 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019. Tradução de Jess Oliveira

LEITURAS BRASILEIRAS. **Conceição Evaristo | Escrevivência [2020]**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em: 24 de jul. de 2024.

LIMA, Fátima; OLIVEIRA, Luiza Rodrigues de; SANTOS, Abrahão de Oliveira. **A sociogenia fanoniana e a formação em Psicologia: uma aposta clínica política e negra**. Psicologia & Sociedade, 35, e2777053, 2023.

LOURENÇO, Thaís da Silva. **Conversações na clínica psicológica sentidas por uma cosmopercepção amefricana.** (Especialização em Direitos humanos, saúde e racismo: a questão negra) – Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, RJ, 2022.

LORDE, Audre. “Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo” [1981]. In: LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 157-171. Tradução de Stephanie Borges.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. [1996]. **O papel do Psicólogo**. *Estudos de psicologia*, *2*(1), 7-27. doi:10.1590/S1413-294X1997000100002. (Obra original publicada em 1985)

MARTINS, Leda. **Performances do Tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MBEMBE, Achille. “A partir do crânio de um morto: trajetórias de uma vida”. In: MBEMBE, Achille. **Sair da grande noite – Ensaio sobre a África descolonizada**. Rio de Janeiro, Vozes, 2019, p. 31-48. Tradução de Narrativa Traçada.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo, n-1 edições, 2018. Tradução de Sebastião Nascimento.

MOTORYN, Paulo. **25 anos da morte de Galdino: assassinos recebem mais de R$ 15 mil como servidores públicos**. Brasil de Fato, Brasília, 20 de abr. de 2022. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2022/04/20/25-anos-da-morte-de-galdino-assassinos-estao-na-elite-do-funcionalismo. Acesso em: 22 de dez. de 2023.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra e o amor [1990]. In: União dos Coletivos Pan-africanistas (Org.). **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias de destruição.** Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018, p. 353-357.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho [1976]. In: União dos Coletivos Pan-africanistas (Org.). **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual:**

Possibilidade nos dias de destruição. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018, p. 80-85.

NASCIMENTO, Beatriz. Atualizando a consciência [1989a]. In: União dos Coletivos Pan-africanistas (Org.). **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias de destruição.** Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018, p. 344-345.

NASCIMENTO, Beatriz. Kilombo e memória comunitária – Um estudo de caso [1982]. In: União dos Coletivos Pan-africanistas (Org.). **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias de destruição.** Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018, p. 253-263.

NASCIMENTO, Beatriz. Orí [1989b]. In: União dos Coletivos Pan-africanistas (Org.). **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias de destruição.** Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018, p. 341-343.

NASCIMENTO, Beatriz. Por uma história do homem negro [1974]. In: União dos Coletivos Pan-africanistas (Org.). **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias de destruição.** Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018, p. 42-49.

NASCIMENTO, Beatriz. Quilombos: mudança social e conservadorismo? [1976]. In: União dos Coletivos Pan-africanistas (Org.). **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias de destruição.** Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018, p. 66-79.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **Significações do corpo negro**. (Tese de Doutorado no Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Universidade de São Paulo – Instituto de Psicologia USP. São Paulo, 1998.

NAZARÉ, Maria Angélica; LOURENÇO, Thaís da Silva. **Feminino e o coletivo: Investigando práticas de autocuidado entre mulheres negras**. (Bacharelado em Psicologia) – Centro Universitário Augusto Motta – Curso de Psicologia. Rio de Janeiro, RJ, 2020.

NETFLIX. **Guerras do Brasil.Doc. Episódio 1–As Guerras da Conquista [2018]**. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/81091387?trackId=255824129>. Acesso em: 14 de out. de 2023.

OMS, Organização Mundial da Saúde. **CID-11 - Classificação Internacional de Doenças - Mortalidade e Morbidade Estatísticas.** Genebra: OMS, 2019. Disponível em: <https://icd.who.int/browse/2024-01/mms/en#585833559>. Acesso em: 23 de jun. de 2024.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. Tradução de wanderson flor do nascimento.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. Territórios cruzados: relações entre cânone literário e literatura negra e/ou afro-brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida; JUNIOR, Robert Daibert (Org.). **Depois, o Atlântico: Modos de pensar, crer e narrar na diáspora africana.** Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2010, p. 319-349. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/1035-territorios-cruzados-relacoes-entre-canone-literario-e-literatura-negra-e-ou-afro-brasileira1#_ftn1. Acesso em: 02 abr. 2024.

ROMERO, Manuela Linck de; ZAMORA, Maria Helena; FILHO, José Rodrigues de Alvarenga. **Cidade, política e subjetivação: Marco Polo visita o Rio de Janeiro.** Mnemosine Vol.9, nº2, p. 2-18, 2013.

SANT'ANNA JUNIOR, Ademiel de. **Exercícios de atrevivência**. (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Psicologia. Porto Alegre, RS, 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos (Nêgo Bispo). **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SENADO FEDERAL. **Obrigatoriedade do estudo da história e cultura indígena, africana e afro-brasileira nas licenciaturas na área das ciências humanas.** Senado Federal, Brasília, 11 de out. de 2016. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaoideia?id=51182#:~:text=A%20Lei%20n%C2%BA%2011.645%2C%20de,forma%C3%A7%C3%A3o%20de%20professores%20(licenciaturas)>. Acesso em: 26 de jul. de 2023.

SENRA, Ellen; HERMANO, Gizeli. **Autoamor**. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 2019.

SHARPE, Christina. **No vestígio: negridade e existência.** São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SOUZA, Neusa Santos. E agora, José? [2000]. In: SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

TED. **O perigo de uma história única [2009]**. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br&subtitle=pt-br>. Acesso em: 23 de abr. de 2024.

VILHENA, Junia de; MAIA, Maria Vitória. **Agressividade e violência: reflexões acerca do comportamento anti-social e sua inscrição na cultura contemporânea.** Rev. Mal-Estar Subj. v.2 n.2 Fortaleza set. 2002.

WERNECK, Jurema. **Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo.** Revista da ABPN v.1, n1-mar-jun, 2010.